



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES DA FORMAÇÃO DE
MEDIADORES(AS) DO *FÚTBOL CALLEJERO*:
PERCEPÇÃO DOS(AS) FORMADORES(AS)**

NATHAN RAPHAEL VAROTTO

São Carlos-SP

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES DA FORMAÇÃO DE
MEDIADORES(AS) DO *FÚTBOL CALLEJERO*:
PERCEPÇÃO DOS(AS) FORMADORES(AS)**

NATHAN RAPHAEL VAROTTO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos para o exame de defesa, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior. Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e Processos Educativos

São Carlos-SP

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Nathan Raphael Varotto, realizada em 29/02/2024.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior (UFSCar)

Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior (UFSCar)

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos (UFSCar)

Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos (IFSP)

Prof. Dr. Carlos Nolasco (UC)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

Dedico esta tese às filhas, Clara e Maria Luiza por me ensinarem a viver um amor incondicional e à Camila, companheira de vida que tanto amo! Sou muito feliz com vocês.

AGRADECIMENTOS

Esta tese faz parte de um sonho que fora realizado junto com muitas pessoas às quais deixo meus agradecimentos:

Primeiramente à Deus e orixás, por me guiarem e sustentarem em todos os momentos, se fazendo presente de diversas maneiras. Oxalá!

Às filhas Clara e Maria Luiza, pessoas maravilhosas, que sem saber me encorajam a seguir com amor, fé e esperança, o papai ama vocês.

À esposa Camila, companheira que amo e tanto me ensinou nessa jornada, obrigado meu amor. Te amo.

À minha amada mãe Cristiane, obrigado por tudo!

À minha amada avó Suelly, obrigado por tudo!

À minha amada tia Erika, obrigado por tudo!

Aos/Às colegas do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física e do Grupo de Estudos e Pesquisas dos Aspectos Pedagógicos e Sociais do Futebol.

Ao meu irmão e irmã de caminhada Vandrigo e Carol, por toda amizade e ideal de um futebol transmoderno.

Ao amigo e orientador Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior, por toda amorosidade na condução deste processo, obrigado por ser mais que orientador, ser um amigo e inspiração.

Ao amigo Fábio Mizuno, por toda parceria e caminhada, obrigado meu parceiro!

Ao professor e amigo Osmar, obrigado companheiro por tanto, sou grato por tudo o que fizeste por mim.

Aos professores Fernando, Marcelinho, Léo, Paulo e às professoras Elisete, Ângela e Fernanda, obrigado por toda parceira.

Ao amigo Claudinei por toda troca, diálogo e sonhos em comum, conte comigo sempre meu irmão.

À amiga Bia por toda confiança e troca nesse caminho *callejero*, conte comigo sempre Bião.

À amiga Julia por toda caminhada extensionista, conte comigo sempre Julico.

Ao amigo Diego por todo diálogo acerca da educação humanizadora, conte comigo sempre Digas.

À amiga Miriã, obrigado por compartilhar os ideais piscianos.

Ao PPGE/UFSCar e à Linha de Práticas Sociais e Processos Educativos pela educação de pública e de qualidade e por me ajudar a iniciar um processo de descolonização do ser e do saber.

Ao professor Glauco por toda contribuição ao longo da jornada formativa e por todas as considerações feitas ao trabalho.

Ao professor Carlos Nolasco por todas as considerações feitas ao trabalho.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro que foi fundamental para a realização desta pesquisa.

RESUMO

O futebol é um fenômeno mundial que está presente na vida de muitas pessoas, seja pelo time do coração, uma partida com os amigos no campinho da rua, um jogo de altinha, nos campeonatos, jornais e em pesquisas acadêmicas, sendo assim pode-se dizer que o futebol também atua na educação e diante disso provocou e provoca muito diálogo acerca deste fenômeno e possibilita interpretações, compreensões, apropriações distintas, debates, começando por pluralizar o futebol, daí que nesta tese chamamos atenção para os futebóis, nos detendo na manifestação denominada *Fútbol Callejero*, mais especificamente na formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*. Este jogo foi estruturado e vivenciado inicialmente em Moreno, periferia da área metropolitana de Buenos Aires, Argentina, a partir de proposição do ex-jogador de futebol profissional Fabián Ferraro, visando redução da violência no citado bairro e seu entorno, bem como integração, autonomia e pró-atividade dos(as) jovens. Dito isso, apresentamos a questão de pesquisa: Quais processos educativos emergem da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* desde a percepção dos(as) formadores(as)? O objetivo central deste estudo foi: analisar, compreender e descrever os processos educativos emergentes da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* desde a percepção dos(as) formadores(as). A trajetória metodológica foi pautada na fenomenologia, modalidade fenômeno situado. Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas com nove formadores(as) do *Fútbol Callejero*, pois possibilitaram a transcrição literal dos discursos pronunciados, o que permitiu a descrição não interpretada (fala genuína) das experiências dos sujeitos. A análise dos dados também foi pautada na fenomenologia, a partir do fenômeno situado, emergindo duas categorias, a saber: A) “Formar se transformando” e B) “Ver aqueles meninos e aquelas meninas, um dia, no nosso lugar, fazendo essa fala de formação”. Consideramos o compromisso dos(as) formadores(as) em não realizar as formações com um viés tecnicista e sim reflexivo e dialógico, respeitando a proposição de estruturação do *Fútbol Callejero* no Sul epistemológico, em Moreno, periferia de Buenos Aires, Argentina. Assim, pensam e promovem o processo formativo, observando a origem dos(as) mediadores(as), a valorização dos saberes do grupo e do *fazer-com*.

PALAVRAS-CHAVE: Processos Educativos; Formação de Mediadores(as); *Fútbol Callejero*.

ABSTRACT

Football is a global phenomenon that is present in the lives of many people, be it for their favorite team, a match with friends on the street field, a high school game, in championships, newspapers and in academic research, so it can be said that football also acts in education and in light of this it provoked and still provokes a lot of dialogue about this phenomenon and allows interpretations, understandings, different appropriations, debates, starting by pluralizing football, hence in this thesis we draw attention to football, focusing on the manifestation called *Fútbol Callejero*, more specifically the mediators formation of *Fútbol Callejero*. This game was initially structured and experienced in Moreno, on the outskirts of the metropolitan area of Buenos Aires, Argentina, based on a proposition by former professional football player Fabián Ferraro, aiming to reduce violence in the aforementioned neighborhood and its surroundings, as well as integration, autonomy and proactivity of young people. That said, we present the research question: What educational processes emerge from the mediators formation of *Fútbol Callejero* from the trainers' perspective? The central objective of this study is: to analyze, understand and describe the educational processes emerging from the mediators formation of *Fútbol Callejero* from the trainers' perspective. The methodological trajectory is based on phenomenology, a situated phenomenon modality. For data collection, interviews were used with the trainers of *Fútbol Callejero*, as they enable the literal transcription of the speeches given, which allows the uninterpreted description (genuine speech) of the subjects' experiences. Data analysis was also based on phenomenology, based on the situated phenomenon and from an initial analysis, two categories emerged, namely: A) "Forming transforming" and B) "Seeing the young people, one day, in our place, giving this formations." We consider the commitment of the trainers not to carry out training with a technicalist bias but rather a reflexive and dialogical one, respecting the proposition of structuring *Fútbol Callejero* in the epistemological South, in Moreno, on the outskirts of Buenos Aires, Argentina. Thus, they think about and promote the formation process, observing the origin of the mediators, the appreciation of the group's knowledge and doing-with.

Keywords: Education Process; Mediators Formation; *Fútbol Callejero*

Lista de Quadros

Quadro 1: Artigos, Dissertações e Teses encontrados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e no <i>Scientific Electronic Library Online</i> entre os anos 2015-2023.....	51
Quadro 2: Apresentação Geral dos(as) Colaboradores(as).....	74
Quadro 3: Matriz Nomotética.....	84

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	14
DO FUTEBOL AOS FUTEBÓIS.....	19
COMPREENDENDO O JOGO	28
CONVERSANDO ACERCA DE EDUCAÇÃO E MOTRICIDADE HUMANA ..	35
REVISÃO DE LITERATURA.....	50
TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	69
CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS	83
CONSIDERAÇÕES	98
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	109
APÊNDICE 2 - Transcrição das Entrevistas	111
ANEXO 1 – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos.....	171

APRESENTAÇÃO

Sonho se tornando realidade, é assim que gostaria de iniciar esta apresentação, o desenvolvimento desta tese é a concretização de um sonho que começou em 2012 quando o Professor Matheus Oliveira Santos, hoje meu amigo, lecionava a disciplina de Recreação e Lazer em um Centro Universitário da cidade de São Carlos, na ocasião eu estava encantado com esta disciplina e também tinha o sonho de poder continuar o curso em uma Universidade Pública, mais especificamente na Universidade Federal de São Carlos. Matheus, gentilmente, me apresentou ao professor Luiz Gonçalves Junior, coordenador do Grupo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF).

Seguindo com os sonhos, em 2014 pude realizar o primeiro, ingressar na Universidade Federal de São Carlos para cursar Licenciatura em Educação Física, neste mesmo ano conheci o *Fútbol Callejero* e participei do mundial desta prática que ocorreu na cidade de São Paulo e contou com a participação de mais de 20 equipes de diversos países.

O futebol sempre foi uma paixão. Frequentei escolinhas de futebol e tive uma educação para o futebol, assim como diversos garotos e garotas que veem neste esporte uma possibilidade de terem seus nomes estampados em algum uniforme de uma equipe da elite do futebol profissional. Com o passar dos anos pude perceber que ter o nome estampado no uniforme é complexo, sendo assim decidi trilhar outro caminho e ingressei no curso de Educação Física com o intuito de trabalhar com o futebol em outra esfera.

A partir destas experiências, construí uma amizade muito forte com Frida e Athos¹, que respiram o *Fútbol Callejero* e tenho o prazer de hoje poder fazer parte da Rede Paulista de Futebol de Rua junto com ele, ela e outros(as) jovens que participam desta rede e multiplicam a metodologia do *Fútbol Callejero* em seus territórios.

Ao longo da graduação tive a oportunidade de estudar e conhecer diferentes maneiras de se compreender e vivenciar o futebol, principalmente com os diálogos no Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF) e no Grupo de Estudos e Pesquisas dos Aspectos Pedagógicos e Sociais do Futebol (ProFut), ambos ligados ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pude concretizar a realização de mais

¹ Esses e outros nomes que são mencionados ao longo desta tese são fictícios e foram escolhidos pelas pessoas que participaram do estudo.

um sonho que foi cursar o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

No decurso do Mestrado me aproximei mais da Rede Paulista de Futebol de Rua (RPFR) e das pessoas que a compõe, foi um processo de muito aprendizado, pois desde o primeiro dia de aula da disciplina de Práticas Sociais e Processos Educativos I, somos conduzidos a reflexão acerca da inserção no local de pesquisa, pois as pessoas que ali estão *co-laboram* conosco e por isso há de se ter um cuidado nessa inserção e também *co-laborar* com o que for necessário. Na ocasião pesquisamos os processos educativos que decorrem da prática social da mediação no *Fútbol Callejero* (Varotto, 2020), e entrevistamos mediadores(as) para nos descrever as experiências deles/as e, dentre outros achados, compreendemos que:

O papel do(a) mediador(a) é de questionar; sua atuação se dará por meio das perguntas aos(às) participantes, intencionando autonomia, reflexão e diálogo, tendo como referência o diálogo que ao mesmo tempo que se dá, gera mais e mais relações dialógicas, auto alimentando-se (Varotto, 2020, p. 35).

Ao ler e reler a construção dos resultados da dissertação, identificamos também, a influência da formação de mediadores(as) e das vivências proporcionadas com o *fútbol callejero* em seus respectivos territórios, o que nos estimulou a aprofundar os estudos com tais pessoas (formadores/as), daí a presente tese ser um desdobramento do estudo produzido no Mestrado.

A partir da experiência e vivência com o Mestrado e a participação nos grupos de estudos citados, realizávamos leituras de diferentes áreas do conhecimento, tais como: história, sociologia, pedagogia, antropologia social, filosofia e motricidade humana que deram base para que eu pudesse começar a compreender a complexidade que envolve o futebol, por isso fez e faz-se necessário ampliar o diálogo acerca deste fenômeno e tudo isso faz parte de um sonho que se iniciou há mais de 10 anos e muita gente participa desta história.

Poder cursar o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação e, sobretudo, na linha de pesquisa: “Práticas Sociais e Processos Educativos” é a concretização de um sonho; estar em contato com as pessoas que compõem esta linha de pesquisa é renovar e manter um caminho trilhado e construído com cuidado, amor, paciência, conhecimentos, vivências, experiências, diálogo, motricidades, epistemologias, incertezas, tensões e transformações. Um misto de conceitos e

sentimentos que não podem estar separados, pois somos seres encarnados e estando-aomundo-com-outrem, faz desses fenômenos a construção do nosso ser-aí (Heidegger, 1981).

INTRODUÇÃO

O futebol é um fenômeno mundial que está presente na vida de muitas pessoas, seja pelo time do coração, uma partida com os amigos no campinho da rua, um jogo de altinha, nos campeonatos, jornais e em pesquisas acadêmicas, sendo assim pode-se dizer que o futebol também atua na educação: “[...] pois a partir das ações humanas é possível a emergência, sistematização de saberes e conhecimentos futebolísticos que interferem na vida das pessoas, ou melhor, na sociedade como um todo” (Varotto, 2021, s/p).

Essa repercussão em diversos âmbitos provocou e provoca muito diálogo acerca deste fenômeno e possibilita interpretações, compreensões, apropriações distintas, debates, começando por pluralizar o futebol, daí que nesta tese chamamos atenção para os futebóis, nos detendo na manifestação denominada *Fútbol Callejero*, mais especificamente a formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*, prática pensada e criada no Sul geográfico e metafórico (Belmonte; Gonçalves Junior, 2018).

Compreende-se Sul geográfico países e regiões do mundo que foram submetidas ao colonialismo europeu e, com exceção de Austrália e Nova Zelândia, não atingiram índices de desenvolvimento econômico, tal qual o Norte Global (América do Norte e Europa); o Sul metafórico se dá na opressão a que os diversos povos africanos, asiáticos e latino-americanos sofreram com a dominação capitalista e colonial. (Santos e Meneses, 2010).

Diante da demarcação cultural dos futebóis e por esse mirada desde o Sul geográfico e metafórico, entendemos que o *Fútbol Callejero* está imerso desde sua gênese na cultura popular, no entanto têm transitado em diferentes âmbitos da cultura, com base nos escritos de Alfredo Bosi (1992), discorreremos sobre as abordagens que Bosi faz no texto “Cultura brasileira e culturas brasileiras” acerca das culturas.

- *Cultura Universitária*: Representa o conjunto de valores, práticas e instituições presentes nas universidades e instituições de ensino superior. Ela engloba tanto as atividades acadêmicas formais quanto as dinâmicas sociais e culturais que permeiam o ambiente universitário.
- *Cultura Fora da Universidade*: Abrange um amplo espectro de expressões culturais que ocorrem fora do ambiente acadêmico formal, incluindo manifestações artísticas, literárias e atividades comunitárias.

- *Indústria Cultural*: Refere-se ao conjunto de atividades econômicas relacionadas à produção, distribuição e comercialização de produtos culturais em larga escala, influenciando a formação de identidades culturais e o consumo de bens culturais.
- *Cultura Popular*: Engloba as práticas culturais, tradições e expressões artísticas desenvolvidas pelas camadas populares de uma sociedade, refletindo suas identidades, valores e formas de sociabilidade (Bosi, 1992).

Ao pluralizar o futebol nos aproximamos da cultura popular que permeia nosso Sul com sua diversidade, principalmente como forma de resistência, pois: “[...] a cultura popular é o centro mais incontaminado e irradiativo da resistência do oprimido [...] contra o opressor [...]. É a cultura *real*, aquela que foi criando os símbolos e as estruturas de um modelo onde o povo se encontra ‘em casa’” (Dussel, s/d, p. 225 – grifo do autor), mas para que o *Fútbol Callejero* fizesse parte da casa latino-americana, fora necessário romper com a cultura ilustrada e colonial.

Segue Dussel (s/d):

A cultura popular latino-americana de cada um dos nossos países é uma tradição viva que soube assimilar a experiência histórica do indígena, do espanhol e do nativo oprimido, do camponês independente, do trabalhador, do operário, do marginalizado. [...] “Por baixo” abre brechas e se dirige para o novo, para a exterioridade. A tradição viva é ao mesmo tempo consciência comunitária e histórica. Tem um *ethos próprio*, tem modos de viver a casa, de relacionar-se com a transcendência, de usar o vestuário, de comer; possui modos de trabalhar, de usar o tempo livre, de valorizar a convivialidade dialogante na amizade; fala e usa sua língua com personalidade própria. Suas artes, suas festas, seu esporte é marcado com seu caráter (p. 227).

Acrescenta-se ao trecho citado, o jogo, que também figura como parte da cultura popular latino-americana e ajuda a contar a história de povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, sertanejos, caiçaras e citadinos e manter-se viva e o *Fútbol Callejero* orbita nesse caminho.

A seguir, de maneira breve narramos sobre a origem desta prática.

O *Fútbol Callejero* foi estruturado e vivenciado inicialmente em Moreno, periferia da área metropolitana de Buenos Aires, Argentina, a partir de proposição do ex-jogador de futebol profissional Fabián Ferraro, visando redução da violência no

citado bairro e seu entorno, bem como integração, autonomia e pró-atividade dos(as) jovens (Rossini *et al.*, 2012).

Vale destacar que o *Fútbol Callejero* se joga com homens e mulheres na mesma equipe e em três tempos: no 1º. são combinadas as regras entre todos(as) participantes e anotadas por um(a) mediador(a); no 2º. ocorre o jogo propriamente, balizado pelas regras previamente acordadas; no 3º é problematizada entre todos(as) jogadores(as), juntamente com o(a) mediador(a), as situações ocorridas na partida e estes(as) em diálogo expõem seus pontos de vista, chegando-se, a uma pontuação que indica a equipe vencedora, não sendo necessariamente a que fez mais gols, mas a que melhor cumpriu os combinados realizados no 1º tempo, bem como os pilares fundamentais previstos no *Fútbol Callejero*: respeito, cooperação e solidariedade (Rossini *et al.*, 2012; Varotto, 2020).

Observamos que o *Fútbol Callejero* tem se apresentado como uma alternativa epistemológica nascida e criada no Sul (Belmonte; Gonçalves Junior, 2018), envolvendo outra maneira de vivenciar e jogar futebol, lançando luz a essa motricidade emergente (Carmo, 2017; Belmonte, 2019). No contexto brasileiro a prática vem sendo desenvolvida e pesquisada, sobretudo, em projetos de extensão social (Varotto; Gonçalves Junior; Lemos, 2017; Belmonte, 2019; Varotto; Souza Júnior, 2019; Belmonte; Gonçalves Junior, 2020) e em ambiente escolar (Varotto *et al.*, 2018; Castro, 2018; Oliveira; Grifoni; Varotto, 2020).

Em variados estudos temos identificado o estabelecimento de um diálogo e uma motricidade plural entre a educação e o *Fútbol Callejero* (Varotto; Gonçalves Junior; Lemos, 2017; Belmonte; Souza Júnior, 2017; Varotto *et al.*, 2018; Varotto; Souza Júnior, 2019; Belmonte; Gonçalves Junior, 2018; Belmonte; Gonçalves Junior, 2020), compreendendo que a educação: “[...] é um fenômeno humano e está inserida em uma totalidade complexa de relações humanas que tecem saberes e conhecimentos incorporados em cada pessoa, tornando possível a troca desses saberes e conhecimentos” (Varotto, 2020, p. 21).

Conforme aludido anteriormente, o *Fútbol Callejero* acontece em três tempos, sendo que o terceiro tempo é visto como um espaço de aprendizagem que: “[...] outorga seguridad, confianza, autorregulación, resolución, propicia el diálogo y los vínculos y

promueve la participación²” (Movimiento, 2022, s/p). Neste sentido, entendemos que a figura do(a) mediador(a) é essencial para o desenvolvimento do processo.

La mediación entendida entonces como un espacio, se extiende a los 3 tiempos de la metodología del Fútbol Callejero, y no simplemente al 3er. tiempo. Como es la base y el sostén, necesita estar presente en todo momento. Si la mediación se parcializa o no está presente en algunos de los momentos, puede perder su carácter social y transformador (Movimiento, 2022, s/p)³.

O(A) mediador(a) atua com a premissa de questionar; com a intenção de despertar nos(as) participantes autonomia, reflexão e diálogo, tendo como referência o diálogo que ao mesmo tempo que se dá, gera mais e mais relações dialógicas, auto alimentando-se.

Observamos que o papel do(a) mediador(a) é relevante no estímulo e facilitação do diálogo, na educação e na observação dos pilares (respeito, cooperação e solidariedade) junto aos(as) participantes do *Fútbol Callejero*, pois a mediação se trata de:

[...] um espaço dialógico e analético no qual os(as) participantes expõem diferentes pontos de vistas a fim de chegar em consenso sobre determinado assunto. Tal ocorre inicialmente pela discussão dos pilares que é o ponto de partida para outros assuntos, suscitados por experiências que fazem emergir diálogos que transcendem o jogo (Varotto, 2020, p. 35-36).

O(A) mediador(a) do *Fútbol Callejero* que atua em projetos sociais da periferia urbana da cidade de São Paulo e de cidades do interior paulista (Araras, Guaratinguetá, Lorena, Taubaté) frequentam a formação de mediadores(as) organizada pela Rede Paulista de Futebol de Rua (RPFR) em parceria com a Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) Ação Educativa, ambas sediadas na cidade de São Paulo, capital do estado de São Paulo, Brasil. Dentre os principais objetivos do processo de formação dos(as) mediadores(as) destacamos o fortalecimento da prática do *Fútbol*

² “[...] outorga segurança, confiança, auto regulação, resolução, propicia o diálogo e os vínculos e promove a participação” (Movimiento, 2022, s/p - tradução livre).

³ “A mediação entendida então como um espaço, se estende aos 3 tempos da metodologia do *Fútbol Callejero*, e não simplesmente ao terceiro tempo. Como é a base e o suporte, necessita estar presente em todo momento. Se a mediação é fragmentada ou não se faz presente em algum momento, pode perder seu caráter social e transformador” (Movimiento, 2022, s/p – tradução livre).

Callejero e a possibilidade de que atuem como lideranças locais e em seus territórios, no caso, de diferentes regiões periféricas da capital paulista (Ação, 2022).

Percebendo o potencial educativo do *Fútbol Callejero*, decidi aprofundar os estudos nesta investigação, a partir da seguinte questão de pesquisa: Quais processos educativos emergem da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* desde a percepção dos(as) formadores(as)?

A fim de responder tal questão, esta investigação teve como objetivo central: analisar, compreender e descrever os processos educativos emergentes da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* desde a percepção dos(as) formadores(as).

A seguir no primeiro tópico *Do futebol aos futebóis*, apresentamos nossa concepção acerca deste fenômeno, bem como o que estamos chamando de futebóis, na busca da pluralização desta prática. Em *Compreendendo o jogo* trazemos referenciais teóricos sobre o jogo, a fim de nos dar base para constituir o *Fútbol Callejero* como jogo sudestado. Na sequência o tópico *Conversando acerca de educação e motricidade humana* buscou a partir de referencial teórico e epistemológico que dão base a esta investigação, estabelecer articulações entre pedagogia dialógica, filosofia da libertação, epistemologias do sul e motricidade humana. A *revisão de literatura* apresenta estudos pesquisados em duas bases de dados, essa busca teve como premissa estudos que tem o futebol e a educação como parte central das investigações e que possam contribuir para este trabalho. Em *Trajetória metodológica* apresentamos os referenciais teórico-metodológicos e os instrumentos de coletas de dados da pesquisa, bem como descrevemos os passos realizados e o processo de análise dos dados utilizado. *Construção dos resultados*, traz os resultados do processo de análise dos dados coletados em campo, no qual emergem as categorias tendo em vista as percepções dos formadores acerca da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*. Finalizando o trabalho tecemos as *considerações* em um diálogo entre os dados obtidos na pesquisa e os referenciais na construção desta tese, compartilhando o que se apresentou a nós e acreditamos ter capacidades reais diante das experiências que a formação de mediadores(as) carregam, no que tange às suas possibilidades de contribuição para a formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* e, conseqüentemente, para a prática em si.

DO FUTEBOL AOS FUTEBÓIS

Antes de tratarmos detidamente do futebol e chegarmos ao que estamos denominando futebóis, faz-se necessário uma breve contextualização acerca do esporte moderno, compreendendo que desde o século XVIII o futebol, e outros jogos, tornaram-se esporte, neste sentido moderno. Dunning (2014) explica que a:

[...] evolução da própria palavra ‘esporte’ (*sport*). Trata-se, na verdade, de um termo utilizado amplamente em todo o mundo nos dias de hoje e só isso já é, em si mesmo, um indicador de que um grande número, talvez mesmo a maioria, das formas modernas de esporte tenham tido sua origem na Grã-Bretanha e, sobretudo, na Inglaterra (p. 171).

Cabe ressaltar que a palavra “esporte” relacionava-se de maneira genérica com jogos e práticas de lazer, o que, em grande medida, permanece até a atualidade, sobretudo nos países do continente europeu.

Em acordo com Dunning (2014), ao longo do século XVIII a emergência do esporte moderno esteve ligada a pessoas pertencentes à pequena nobreza e aristocracia britânicas, sobretudo em práticas como: corridas de cavalo, críquete, boxe e caça à raposa. Enquanto que o século XIX marcou a transformação de jogos populares com bola, por exemplo, tênis, rúgbi, hóquei e futebol em esportes modernos, ou seja, com início da institucionalização das regras.

Prossegue Dunning (2014), relatando que houve a tentativa de atrelar o desenvolvimento do esporte moderno, nos séculos XVIII e XIX, à Grã-Bretanha, pois esta foi “[...] no século XVIII, a primeira nação industrializada do mundo, ou seja, sugerir que existe uma conexão entre a ‘revolução industrial’ e aquilo que poderíamos chamar de ‘revolução esportiva’” (p. 173). Todavia identificamos que a influência na construção dos códigos de ética, regras, organização e institucionalização do que hoje conhecemos como esporte moderno, teve inspiração no modelo parlamentarista britânico. Neste sentido, Elias e Dunning (1992) afirmam que o desenvolvimento político foi imprescindível, sobretudo pela Inglaterra ter iniciado ainda no século XVIII a primeira democracia parlamentar do mundo, assim como a noção de “jogo limpo” (*fair play*).

Acrescentamos que a Grã-Bretanha está geograficamente situada em um arquipélago, separado pelo Canal da Mancha, braço de mar que faz parte do Oceano Atlântico, localizado ao norte da França e conseqüentemente, da Europa continental,

não tendo sido ameaçada pelas turbulências políticas e de disputas territoriais, como ocorreu, na segunda metade do século XIX, na França e boa parte da Europa, como a Revolução Francesa (1789-1799) e as invasões napoleônicas (1803-1815). Diante disso, sobretudo os países fronteiriços com a França precisavam se proteger e, para isso adotaram diversas formas estruturadas de defesa, incluindo a formação de cidadãos-soldados. De outro lado, a Grã-Bretanha experimentou, sem o risco eminente de guerras em seu território, a revolução industrial e o desenvolvimento político, favorecendo o desenvolvimento de formas de lazer e jogos, como tênis, rúgbi, hóquei e futebol. Destacamos, todavia, que coube mais à Grã-Bretanha a organização das regras dos citados esportes e não necessariamente a criação deles, os quais, a rigor, já existiam na forma de jogos em diferentes partes do mundo, conhecidos pelos ingleses a partir da invasão e/ou colonização de distintas nações (Betti, 1991; Gonçalves Junior, 2013; Belmonte; Gonçalves Junior, 2018).

Especificamente quanto ao futebol⁴, Dunning (2014) comenta que as práticas modernas:

[...] descendem de um tipo de jogos populares medievais que eram conhecidos por nomes os mais diversos, um dos quais era *football*. Outros eram *hurling*, *knappan* e *cam-ball*. Representavam, por assim dizer, uma matriz comum a partir da qual nossos jogos modernos se desenvolveram. Nesses jogos a bola podia ser carregada, arremessada e golpeada com bastões, assim como chutada, e as partidas eram disputadas [...] tanto ao longo das ruas das cidades quanto em campo aberto (p. 189).

No medievo os jogos não tinham regulamentação minuciosa, tampouco era uma possível carreira profissional, por exemplo, no documentário *The English Game*, lançado em 2020 e exibido pelo serviço de *streaming* Netflix, é retratado o desenvolvimento do futebol bretão do século XIX. No enredo da história, operários de uma fábrica de algodão da pequena cidade de Darwen, situada em Lancashire, no Noroeste da Inglaterra, conseguem avançar na Copa da Inglaterra e viajam a Londres para enfrentar os veteranos da *Eton College*, na ocasião era um feito para os operários terem chegado a decisão de tal Copa, pois o futebol era comumente praticado pela nobreza inglesa (The English Game, 2020).

⁴ Vale destacar que a expressão futebol é um aportuguesamento da palavra inglesa *football*, e, em diversas partes do mundo se utiliza o termo idêntico ao inglês ou sua tradução, por exemplo, *fussball* em alemão, *voetbal* em holandês, *fútbol* em espanhol, *football* em sueco. Todavia na Itália se utiliza *gioco del calcio* (jogo do chute) e nos Estados Unidos da América, Canadá e Austrália utiliza-se *soccer*.

Foi então que, James Walsh, dono da fábrica de algodão, interpretado pelo ator Craig Parkinson, contratou dois jogadores escoceses, Fergus Suter e Jimmy Love, para reforçar o time, o que gerou um desconforto com os trabalhadores da citada fábrica, pois, em 1870, não era permitido pagar pessoas para jogar futebol, porém os(as) munícipes estavam entusiasmados(as) com o feito do time de operários local e deram apoio.

Com o destaque da equipe de Darwen, o presidente da *Football Association* (FA) e os demais componentes desta associação que formavam a equipe dos *Old Etonians*, suspeitaram dos pagamentos indevidos a Suter e Love e queriam banir a equipe da disputa da Copa da Inglaterra, mas o que mais os deixava incomodados era que o esporte que tinham ajudado a regulamentar, estava se popularizando, a classe operária ganhando destaque e a nobreza inglesa não queria essa popularização, daí inclusive insistir na ideia do amadorismo, afastando a possibilidade da prática pelas camadas populares, que não poderiam se dar ao luxo de jogar pela necessidade premente de trabalhar e ganhar o sustento próprio e da família.

Também contribui, com suas pesquisas sobre o futebol moderno, Damo (2007), ao afirmar que as regras, que foram codificadas por um grupo de jovens londrinos em 1863, deram origem a *Football Association*, que conquistou adeptos entre as classes trabalhadoras inglesas, elemento decisivo para a sua popularização no circuito britânico, e conseqüentemente para diversas regiões do planeta, como símbolo de um estilo de vida moderno.

No entanto, essa é uma história contada a partir de uma localização geográfica e cultural específica, a Inglaterra, outrossim, em outras localizações geográficas e culturais também houveram jogos praticados com a bola nos pés, por exemplo, *pok-a-tok* um jogo praticado pelo povo Maia, com bola de borracha maciça, o campo era em formato de duplo T com arcos rochosos suspensos e o objetivo dos participantes era acertar a bola no arco com os quadris (Gonçalves Junior, 2013); *Kemari* um jogo praticado na China e no Japão, inicialmente tinha como objetivo o treino militar, entretanto passou a ser vivenciado nos momentos de lazer; a bola feita de fibras de bambu, não contabilizava pontos e nem desclassificava pessoas e a exigência era que não utilizasse as mãos, acreditava-se no desafio de desenvolver a arte de chutar a bola. No território Grego, havia o *Epysikiros*, a bola era feita de bexiga de boi, revestida por uma capa de couro, neste o objetivo era conseguir ultrapassar a linha de fundo do campo adversário, com estratégias de passes curtos e longos (Voser, 2010). Ao descrever

brevemente esses jogos, pode-se perceber que o jogo que prioritariamente decorre com a bola nos pés esteve presente no desenvolvimento e divertimento das culturas e sociedade, o que demonstra sua pluralidade e maneiras de o vivenciar.

Para Wisnik (2014), o futebol é fruto de assimilação, transformação e ajustamento do que sobrou das práticas dos jogos populares na Inglaterra vitoriana, pela aristocracia e burguesia em que jovens dos *colleges* formavam suas elites. O futebol se configurou em um novo lugar, em que o contato físico, o jogo truculento, desdenhado pela aristocracia e apreciado nos jogos das classes baixas, passa a ser regulado com regras que limitam e delimitam esse contato, explicitando o que é permitido e o que não o é.

Podemos dizer que o futebol é resultado de um longo processo de regulamentação dado a um consenso à inglesa, pois os jogos de bola passaram a ocorrer a partir da movimentação de jovens estudantes burgueses que se adaptaram às condições físicas disponíveis em cada escola, sendo necessário o acordo sempre que as diferentes escolas se desafiassem (Wisnik, 2014).

Esse processo foi fundamental para modernização do futebol, o qual passou a ser visto como espetáculo:

Se comparado às antigas práticas, o jogo foi codificado de maneira a aparar-lhe as arestas, tornando-o controlável e contabilizável, arbitrado por um sistema de regras e “sublimado” na sua violência. Em vez de um número incontável e desigual de jogadores, temos onze de cada lado; em vez de campos, brejos, pântanos e aldeias, um campo retangular e à parte do mundo comum, cercado de plateia; em vez de participantes feridos e ocasionalmente mortos na refrega, esportistas protegidos por regras que regulamentam idealmente o corpo a corpo; em vez de uma festa cheia de desperdício até o esgotamento das energias, um tempo regulamentar a ser esgotado. Essa modernização fez do futebol um espetáculo (Wisnik, 2014, p. 70).

Ainda conforme Wisnik (2014), nesse contexto, o futebol era tido ainda como prática que possibilitava a preparação das elites militares e política, pois desenvolvia capacidades atléticas e virtudes como liderança, disciplina e lealdade através dos esforços físicos e morais dispendidos nas heroicas disputas, nas conquistas e nos reveses. Tudo isso associado a uma gama de ingredientes que davam ao futebol um tempero diferente, pois ele reverte o hábito corporal e instaura uma espécie de mundo às avessas, uma vez que a posse de bola é muito mais frágil no futebol que nos esportes manuais. Para concluir-se o gol a bola realiza uma verdadeira viagem de um campo a

outro, sujeita a diversas intercorrências que garantem a imprevisibilidade do jogo, além disso, ele põe em cena o teatro humano com seus dribles artísticos e grossuras violentas, com o poder dado ao árbitro para atuar e decidir nas intercorrências, mantendo o jogo numa habilidade de interpretar, muitas vezes polêmica e litigiosa. Outro ingrediente interessante é o tempo de jogo e de suas ações, a execução de um drible como um chapéu, por exemplo, que se distende em segundos, como se durasse eternamente por instantes, da mesma forma, a contagem dos pontos, o placar final, não dá conta dos acontecimentos do jogo, é justo e injusto.

Com a regulamentação das práticas esportivas, outrora violentas, o futebol se aproxima da aristocracia, com a imprevisibilidade e possibilidade de uma equipe mais fraca vencer um embate, também atrai as camadas mais baixas, sem contar a expectativa de ascensão social dada por meio do esporte, esta legitimada em 1885 quando a FA possibilitou o pagamento para jogar futebol, nesse ínterim, Fergus Suter e Jimmy Love, foram os primeiros jogadores profissionais de futebol. Esse conjunto de fatores garante ao futebol características peculiares que atraem um público bastante heterogêneo, que com o passar do tempo atua como consumidor destes espetáculos.

O processo de popularização e globalização do futebol moderno faz dele um espetáculo a ser vendido e valorizado, um produto a mais na bancada do capitalismo neoliberal.

O futebol espetacularizado tem sua organização monopolizada, globalizada e centralizada na Federação Internacional de Futebol (FIFA), desde 1904, órgão de maior representatividade do esporte no mundo, que possui mais de 200 nações filiadas e juntamente com as confederações e federações afiliadas, organizam eventos, regulam as relações entre clubes, controlam o mercado de jogadores e de imagens (Damo, 2005).

O primeiro contrato de patrocínio realizado pela FIFA ocorreu em 1976 com a Coca-Cola e, em 1978, essa empresa firma seu primeiro contrato de publicidade diretamente com a FIFA e não com os comitês dos países sede para patrocinar a Copa do Mundo. O plano de *marketing* dos megaeventos, tais como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, passaram a ser controlados, respectivamente, pela FIFA e pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), os quais assumiram a exclusividade do uso de símbolos e termos, algo que antes era direito dos comitês locais e não havia qualquer proteção com relação ao uso. Ao se apropriarem de símbolos que remetem a saberes e experiências coletivas e que foram, então, transformados em marca, FIFA e COI garantem às

empresas exclusividade de atrelar seus nomes às marcas olímpicas e da Copa do Mundo (Nicolau Netto; Cavalcante, 2020).

Assim, os megaeventos se transformaram em plataformas globais devido à inserção cada vez maior da lógica mercantil nesses acontecimentos e pela desnacionalização de sua produção, cada vez mais controladas pela FIFA e pelo COI. Associados a isso, temos o interesse global nestes eventos que interferem na vida e cotidiano das pessoas em qualquer lugar do mundo, o alcance dado pela transmissão televisiva e também pela internet. Atualmente as transmissões representam a principal fonte de faturamento dos eventos, com os contratos bilionários que garantem os direitos de transmissão do evento, ao passo que asseguram que as marcas patrocinadoras sejam vistas em todo o mundo, de modo padronizado, independente de que lugar se esteja assistindo ao jogo, a imagem é a mesma, pois é produzida por uma entidade licenciada pela FIFA e segue rigorosamente o seu controle, outrossim “[...] o esporte presente nesse campo da produção do espetáculo está definitivamente atrelado a interesses comerciais; cada gesto dos jogadores, cada imagem que eles produzem, tudo é imediatamente transformado em mercadoria” (Nicolau Netto; Cavalcante, 2020, p. 239).

A lógica da mercantilização do futebol que se institui com a espetacularização, traz alterações nos estádios, nas formas de torcer e consumir o futebol. A reforma destes espaços de estádios para luxuosas arenas com cadeiras individuais, por exemplo, colocou fim nas áreas destinadas à torcida em geral, tornando cada vez mais difícil o acesso de pessoas de baixa renda a estes locais (Nicolau Netto; Cavalcante, 2020).

Uma outra situação para refletirmos, com Righi Filho (2009) e Soares *et al.* (2009), diz respeito a um sem número de jovens que desejam alcançar a carreira de jogador de futebol profissional, participam de “peneiras”⁵, porém, não obtém sucesso e isso ocasiona grandes frustrações, sem contar que muitos destes jovens deixam os estudos em segundo plano, ou mesmo os abandona, para se dedicarem ao futebol. Os relatos dos autores supramencionados, dizem que nas “peneiras” realizadas com 4.000 meninos, apenas 2 conseguem permanecer treinando em algum clube de futebol. Estes estudos ainda divulgam dados de processos de seleção de atletas para as categorias de base do *Boca Juniors*, clube argentino que possui escolinhas de futebol no Brasil, que a cada “peneira” divulgada pelo clube participam cerca de 20.000 jovens, destes apenas 5 têm a oportunidade de jogar ao menos uma vez como profissionais e apenas 1 alcança

⁵ Assim popularmente designadas por realizar a seleção de jogadores e jogadoras mais habilidosos(as) que “passam nos buracos da peneira”, ficando os(as) demais “retidos(as) na peneira”, logo excluídos(as).

algum destaque no time. Outrossim, as pesquisas apresentam salários abaixo da média para jogadores que conseguem atuar profissionalmente. Apresentam ainda que 82% dos jogadores profissionais do Brasil recebem até dois salários mínimos, 2% recebem entre 10 e 20, e apenas 3,5% chegam a receber mais de 20 salários mínimos.

Segundo Souza *et al.* (2008), parte dos jovens que não passam nas “peneiras” migram para o mercado informal de trabalho, desenvolvendo atividades consideradas como subempregos, enquanto outros permanecem desempregados, pois, as experiências adquiridas em treinos específicos de futebol, tornam difícil uma reconversão profissional, sendo que experiências e saberes que são restritas ao universo futebolístico pouco contribui para ingressar em outro mercado de trabalho.

Ainda assim, o futebol de alto rendimento e com forte apelo midiático tornou-se um mercado gigantesco, de intensa movimentação financeira, além de criar personalidades que influenciam a vida de crianças e jovens que desejam ser iguais aos que veem pela televisão e com isso passam a sonhar em tornarem-se jogadores ou jogadoras de futebol profissional.

Buscando outros horizontes, estudiosos como Damo (2007; 2019), Nolasco (2016; 2019), Toledo (2021), Souza Júnior (2020), Belmonte e Gonçalves Junior (2018), Giglio e Proni (2020) apontam a necessidade de pluralizar o termo futebol e então chamar atenção para os futebóis.

Este conceito, futebóis, foi inicialmente utilizado pelo antropólogo e pesquisador Arlei Damo (2007) quando da construção de sua tese de doutorado, intitulada “Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França”; nas páginas iniciais o pesquisador relata que: “Afim, aquilo que denominamos pelo termo futebol abarca uma diversidade de fatos empíricos, de tal maneira que convém fazer uso do termo futebóis, no plural” (p. 13).

Recentemente o autor publicou um artigo em que revisita o conceito futebóis e diz que:

Na origem, a noção de futebóis prestou-se como recurso metodológico, estritamente acadêmica, portanto, a dizer que o mundo do futebol era mais amplo e diversificado do que meu objeto de investigação ou mesmo daquilo que nossa então insipiente produção centrada no futebol de espetáculo fazia crer (Damo, 2019, p. 39).

Atualmente, pesquisadores e pesquisadoras dos futebóis compreendem que essa pluralidade é maior do que profissionalismo e amadorismo, pois abarca diferentes possibilidades de se entender, aprender e vivenciar este fenômeno. Nessa perspectiva, o pesquisador Luiz Henrique de Toledo (2021), também publicou artigo que se dedica ao conceito de futebóis, fazendo um balanço bibliográfico de alguns trabalhos acadêmicos que tratam dos futebóis e assevera que:

Tais constructos sócio-históricos e imagens perpetuadas pelas mídias têm se dissolvido em uma miríade de futebóis e demandas capturadas pelas pesquisas que, grosso modo, passam a aclarar e reivindicar práticas mais localistas, regionais, generificadas, dissonantes, insurgentes, periféricas e que, de modo geral, descortinam uma economia simbólica da emoção assentada na noção de diversidade, muitas vezes aproximada à categoria do empoderamento, outro modo de correlacionar a dimensão política com as demandas pelo esporte (p. 15).

Sendo assim, os futebóis dizem respeito às diversas maneiras de interagir com a bola no pé, seja nos campinhos, nas quadras, no mangue, na aldeia ou na rua; o significado está nas diversas possibilidades de se educar e se movimentar desde a bola nos pés. Por esses diferentes e diversos signos que os futebóis estão, academicamente, atravessando as ciências humanas e para além da construção de uma epistemologia dos futebóis, o intuito é se movimentar desde uma perspectiva do que esses futebóis podem nos ensinar, pois o futebol hegemônico, midiático e esportivizado:

[...] em vez de se constituir como uma das reservas morais da sociedade, como elemento de bem-estar e fator de emancipação, metamorfoseou-se com a política, adulterou-se com a economia e frustrou-se com a violência, o racismo, a discriminação e a hiper-robotização dos atletas (Nolasco, 2019, p. 201).

Outrossim: “[...] há outras formas do futebol acontecer, marcadas pela informalidade e espontaneidade, sem a pressão de interesses políticos nem económicos, disputadas em espaços improváveis” (Nolasco, 2016, p. 501).

Deste modo, podemos perceber esse fenômeno sob diversos prismas, desde o esporte, o lazer, a apreciação, a educação, ou seja, de uma maneira plural e heterogênea que faz parte das sociedades e as pessoas o vivenciam com distintos interesses, mas centrado em quem joga e não no objeto que é jogado, por isso essa pluralização, pois as pessoas o significam desde sua historicidade, não cabendo apenas futebol, mas futebóis.

Dentre estes futebóis, teremos especial atenção nesta tese com o *Fútbol Callejero*, o qual trataremos no capítulo seguinte.

COMPREENDENDO O JOGO

Para este capítulo apresentaremos uma compreensão do *Fútbol Callejero*, primeiro estabelecendo-o como jogo e para isto teceremos aproximações com os escritos de Johan Huizinga (1971), Roger Caillois (2017) e Frederik Buytendijk (1977), que contribuíram para a compreensão do jogo na cultura, na sociedade e, sobretudo, do jogo enquanto jogo, e, posteriormente, discorreremos acerca do *Fútbol Callejero* propriamente.

Como ponto de partida, temos o livro intitulado “Homo ludens: o jogo como elemento da cultura”, de Huizinga (1971, original de 1938), que introduz o conceito presente no título e significa “o ser que joga”, elucidando, com pioneirismo, a perspectiva de que o jogo é parte intrínseca da natureza humana, presente inclusive em outras formas de vida animal, fazendo-se presente nas mais diversas sociedades ao longo da história.

A análise do jogo enquanto fenômeno cultural propõe reflexão sobre a natureza e a relevância do jogo ao introduzir a concepção *Homo Ludens*, ou seja, o ser humano que joga, como um componente inerente à condição humana, equiparável ao *Homo Faber* e ao *Homo Sapiens* em termos da compreensão do ser na sociedade.

Faz-se necessário, desde a perspectiva defendida por Huizinga (1971), observar a distinção entre o jogo e a realidade cotidiana, pois para este autor quando os indivíduos se envolvem em uma atividade lúdica, adentram um tempo-espaço delimitado e isolado da sua existência comum, regido por regras e normas distintas daquelas que orientam a vida cotidiana. Essa separação é fundamental para Huizinga (1971), uma vez que permite a emergência das complexas interações culturais que caracterizam o jogo.

Huizinga (1971) assevera que:

Numa tentativa de resumir as características formais do jogo, poderíamos considerá-lo uma atividade livre, consciente tomada como ‘não-séria’ e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras (p. 16).

Nesse sentido, as regras e limitações inerentes ao jogo representam um elemento essencial da experiência lúdica. Conforme apontado por Huizinga (1971), no

jogo, “[...] desde a origem, [...] se verificam todas as características lúdicas: ordem, tensão, movimento, mudança, solenidade, ritmo, entusiasmo” (p. 21). Quanto à existência das regras não devem ser interpretadas como mero constrangimento, mas como elementos que instigam e possibilitam a liberdade criativa presente no jogo. Ao ingressar em um jogo, as pessoas aceitam um conjunto específico de regras que regem a atividade, criando um espaço separado da realidade cotidiana, é essa separação que permite que o jogo aconteça e as regras são essenciais para definir as fronteiras do jogo e garantir a equidade entre os jogadores.

Outro elemento que comumente pode estar presente no jogo é a competição, sobre este assunto Huizinga (1971) relata que ao nos dispormos a jogar, por vezes tal prática envolve jogar e/ou competir em prol de algo, principalmente da vitória, mas também do prestígio, da honra e até do exibicionismo. Atributos que também fazem parte da construção cultural de variadas pessoas em diversas sociedades, e acrescenta: “[...] a função do jogo, [...] pode de maneira geral ser definida pelos dois aspectos fundamentais que nêle encontramos: um luta *por* alguma coisa ou a representação *de* alguma coisa” (p. 16) e esse “alguma coisa”, neste caso, “alguma coisa em jogo”, que supera qualquer materialidade, assenta-se na essência da experiência lúdica que convoca “[...] o fato ideal de se ter acertado ou de o jogo ter sido ganho. O êxito dá ao jogador uma satisfação que dura mais ou menos tempo” (p. 57).

Em acordo com Huizinga (1971), o jogo é permeado de valores, símbolos e normas culturais, figurando como veículo para construir conhecimentos, histórias e identidades pessoais e sociais. Inclusive rituais e cerimônias incorporam elementos lúdicos, destacando a conexão entre o jogo e o sagrado.

Prossegue o citado autor que o jogo é elemento intrínseco à cultura, reflexo da criatividade e veículo para a exploração da essência humana. Dessa forma, “Homo ludens: o jogo como elemento da cultura” continua a desempenhar um papel crucial na análise do jogo enquanto fenômeno cultural, dentro dos parâmetros acadêmicos e culturais estabelecidos.

Contribuindo com este tema, Roger Caillois (2017, original de 1958), em sua obra “Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem” adota uma abordagem mais taxonômica para a compreensão do jogo, que busca oferecer uma outra visão em relação ao que escrevera Huizinga (1971), porém reconhecendo a rigorosidade da obra proposta pelo autor Holandês, quando diz que teve: “[...] a honra de ter analisado magistralmente

várias das características fundamentais do jogo e de ter demonstrado a importância de seu papel no próprio desenvolvimento da civilização” (Caillois, 2017, p. 28).

O autor francês categorizou os jogos em quatro tipos:

- *Agôn*: Tem como principal característica a presença da competição, onde as regras são criadas para dar a chance de vencer a quem demonstrar maior habilidade em uma qualidade específica. Pode ser uma competição entre dois jogadores ou equipes. Para se destacar nesse tipo de jogo, é necessário disciplina e persistência.
- *Alea*: Neste a habilidade do jogador não é o fator principal. Esse tipo de jogo é mais influenciado pelo acaso e pela sorte. O objetivo desses jogos é criar igualdade entre todos(as) os(as) participantes, independentemente de treinamento, desejo ou habilidade pessoal.
- *Mimicry*: Estes fazem parte do universo da fantasia e permite que os participantes temporariamente assumam papéis diferentes do que são na vida real, como uma pessoa, animal ou objeto. É uma forma de invenção constante, em que o jogador busca envolver os espectadores em uma realidade imaginária que eles temporariamente aceitam.
- *Ilinx*: Este tipo proporciona uma sensação de excitação e uma quebra da segurança usual que os jogos oferecem. Isso acontece através de uma alteração dos sentidos e da percepção, levando a uma experiência que é mais semelhante a um espasmo ou uma sensação intensa do que apenas diversão (Caillois, 2017).

Ao propor essas categorias, Caillois (2017) pretendeu abranger as formas de jogos humanos observando as diferentes necessidades psicológicas.

Caillois (2017) delimita mais o conceito de jogo em relação ao de Huizinga (1971), entendendo que uma atividade realizada em manifestações em decorrência do segredo, do mistério ou do trabalho não pode ser considerada jogo, pois: “[...] o jogo é essencialmente uma ocupação separada, cuidadosamente isolada do resto da existência, e realizada, em geral dentro de limites preciosos de tempo e de lugar” (Caillois, 2017, p. 31). Assim opõe substancialmente “[...] o mundo do jogo ao mundo da realidade, salientando que o jogo é uma atividade essencialmente *à parte* e [...] toda a contaminação com a vida cotidiana corre o risco de se corromper e de arruinar sua própria natureza” (Caillois, 2017, p. 69 – grifos do autor).

Embora as abordagens de Huizinga (1971) e Caillois (2017) sejam distintas, elas podem ser vistas como complementares. Ambos reconhecem a importância do jogo como fenômeno cultural, com Huizinga (1971) enfatizando o aspecto cultural, histórico, filosófico e ritualístico, enquanto Caillois (2017) fornece uma estrutura conceitual que possibilita classificar e analisar os jogos em diferentes tipos. As categorias de Caillois (2017) podem ser vistas como uma tentativa de estruturar a diversidade de jogos discutida por Huizinga (1971) em seu trabalho.

Outro estudioso que ajuda na compreensão acerca do jogo é o holandês Buytendijk (1977), fundamentando-se na fenomenologia, entende o jogo diretamente relacionado à vida corrente e, assim:

[...] é necessário para um conhecimento da essência do jogo humano ter sempre em vista a importância fundamental dos conceitos “corps sujet” (subjetividade corporal) e “corps connaissant” (corpo como consciência). Todo jogo humano é de algum modo relacionado com o fundamento irracional e obscuro dos nossos instintos e paixões, capacidades, disposições, condições e estados de ânimo, e com o também inteiramente inexplicável elemento criador em cada atividade (p. 66).

Em acordo com Buytendijk (1977), o sentido do jogo humano se manifesta no “[...] vaivém excitante e gostoso do lúdico no desenvolvimento infantil” (p. 76), na alternância entre fantasia e vida cotidiana, aparência e realidade, tensão e relaxamento. No “[...] risco de tentar algo e, principalmente, de testar-se a si próprio, é a vivência da própria identidade em relação à indeterminação do futuro” (p. 82). Prossegue afirmando que por meio do jogo é que podemos encontrar nossa humanidade, pois o ser “[...] só realiza a sua humanidade no encontro e no contato com outros” (p. 83) seres humanos.

Nesse sentido, para Buytendijk (1977), não existe dicotomia entre o jogo e o cotidiano, pois para o autor o jogo humano é o próprio jogo da existência.

Entendemos que a interseção entre essas abordagens enriquece o campo de estudo do jogo, possibilitando uma compreensão mais completa, histórica, filosófica, psicológica e social, matizada pelas complexas interações entre o jogo e a cultura.

Sendo assim a compreensão do jogo como fenômeno cultural é inestimável. Ambas as perspectivas apresentam uma compreensão completa e aprofundada do jogo como fenômeno cultural complexo e multifacetado. Portanto, a interação e a complementaridade das abordagens iluminam o campo de estudo do jogo e continuam a inspirar pesquisadores e teóricos interessados nessa área de investigação.

Além das perspectivas de jogo apresentadas de Huizinga (1971), Caillois (2017) e Buytendijk (1977), passo a dialogar com o capítulo “O jogo em jogo: suleando sua compreensão”, de Luiz Gonçalves Junior, Fábio Ricardo Mizuno Lemos, Denise Aparecida Corrêa, Clayton da Silva Carmo e Clovis Claudino Bento, presente no livro “Desporto e educação física: identidade e missão”, organizado por Jorge Olímpio Bento, Wagner Wey Moreira, Rafael Guimarães Botelho e Sílvio Pedro José Saranga, publicado no ano de 2021.

Os autores e autora do citado capítulo, reconhecem e valorizam a contribuição dos autores europeus, todavia destacam a relevância de realizar um diálogo com autores/as africanos(as) e latino-americanos(as) “[...] em exercício de ecologia de saberes, pautada na reflexão, diálogo, interconhecimento e interculturalidade, apresentar uma compreensão *suleada* (Gonçalves Junior *et al.*, 2021a, p. 117 – grifo dos autores), ou seja, reconhecer e conhecer outras epistemologias e contribuições do sul geográfico e metafórico.

Tal enfoque, também observado nesta tese, implica, conforme Gonçalves Junior *et al.* (2021a), na adoção do diálogo intercultural, que para além da simples aceitação ou tolerância de uma cultura por outra que se considera dominante, busca-se alcançar o reconhecimento mútuo e a disposição para a co-existência entre diversas culturas que compartilham um mesmo tempo-espaço cultural, baseando-se no reconhecimento e na reciprocidade das experiências.

Trazem assim autores moçambicanos para o diálogo, tais como Prista, Tembe e Edmundo (1992 – citados por Gonçalves Junior *et al.*, 2021a), os quais apontam o jogo como um fenômeno universal e indivisível que se dá na vida cotidiana em que o jogar não é uma mera atividade de relaxamento ou prazer, mas sobretudo uma manifestação cultural tão antiga quanto à própria humanidade. Bem como o autor indígena Daniel Munduruku (2017 – citado por Gonçalves Junior *et al.*, 2021a), que destaca o sentido comunitário e ancestral da cultura e filosofia indígena, perpassando pelas diversas práticas sociais, incluindo as experiências lúdicas do canto, da dança, da colheita, da pesca e demais atividades do cotidiano.

Nesse sentido, a seguir abordaremos as interfaces do *Fútbol Callejero* enquanto jogo.

O *Fútbol Callejero* é comumente associado como outra possibilidade de futebol (Leite *et al.*, 2023), pois se apresenta como uma alternativa à hegemonia ao esporte Futebol.

Este jogo fora pensado e criado em meados da década de 1990, em Moreno, periferia empobrecida da região metropolitana de Buenos Aires, Argentina (Rossini *et al.*, 2012). Naquele momento os(as) jovens se encontravam em uma sociedade na qual a violência estrutural atravessava todas as relações, ocorrendo muitas situações de conflitos. Diante deste contexto, o *Fútbol Callejero* e sua metodologia foram nascendo e se arquitetando a partir do futebol como uma forma de recuperar e promover o diálogo e o protagonismo juvenil.

Fabían Ferraro, um educador social e ex-jogador de futebol, frequentava esta região empobrecida que contava com um aglomerado de bairros, incluindo o de Moreno e percebeu que ocorriam partidas de futebol organizadas e disputadas por jovens, muitas vezes de grupos adversos e que os conflitos e diferenças eram deixados de lado durante o desenvolvimento dos jogos que ocorriam, mesmo sem a presença de um(a) árbitro(a) (Rossini *et al.*, 2012). Observando isso, o educador se admirou com a potencialidade desses/as jovens na organização dos jogos e na maneira como eles/as conduziam, criando seus próprios acordos e regras (como registramos anteriormente nos estudos de Huizinga, 1971; Caillois, 2017 e Buytendijk, 1977), observando uma oportunidade de incentivar e promover mais encontros que foram contribuindo para o desenvolvimento dessa prática.

Compreendendo isso, o *Fútbol Callejero* conta, então, com uma maneira diferenciada de se jogar futebol, no qual o jogar está acima do vencer e as atitudes e valores estão acima da competição (como observado em práticas do sul epistemológico referendadas por Gonçalves Junior *et al.*, 2021a). Sua metodologia propõe partidas disputadas por equipes mistas, nas quais homens e mulheres jogam juntos(as). As partidas são divididas em três tempos e contém três pilares: respeito, cooperação e solidariedade, que sustentam toda a prática, além de não haver a presença de um(a), árbitro(a), mas sim de um(a) mediador(a), considerando que os(as) participantes são os(as) protagonistas do jogo (Varotto, 2020).

O mediador ou mediadora tem por papel estimular o diálogo e a interação entre os(as) participantes. No 1º tempo o mediador(a) assume o papel de observar e registrar o estabelecimento de regras e acordos; no 2º observa o jogo se atentando a situações relacionadas a essas regras e acordos estabelecidos e no 3º tempo conhecido como “mediação”, ele(a) conduz o diálogo, refletido com os(as) participantes sobre situações de jogo e sobre a somatória de pontos atribuídos pela conversão de gols e pela

observação dos três pilares anteriormente destacados (Rossini *et. al.*, 2012; Varotto; Souza Júnior, 2019).

Sobre os três tempos: no 1º todos(as) os(as) participantes se reúnem para criarem e estabelecerem regras e acordos de maneira consensual e coletiva sem interferências externas; no 2º ocorre o jogo propriamente dito, balizado pelas regras e acordos estabelecidos previamente e no 3º e último tempo ocorre a mediação, momento em que todos(as) os(as) participantes novamente se reúnem geralmente em círculo para dialogarem sobre situações ocorridas em jogo, expondo seus pontos de vista. É também no 3º tempo em que a pontuação é contabilizada, visto que nesta prática fazer mais gols não é a única e principal maneira de obter-se a vitória (Varotto *et al.*, 2018).

O saldo de gols marcado pelas equipes no 2º tempo é convertido em pontos, a equipe que mais marcou gols carrega para o terceiro tempo um placar maior. Na maioria das práticas de *Fútbol Callejero* fica acordado que a equipe com maior saldo de gols recebe 2 pontos e a equipe com menor saldo 1. Diante disso, os placares são acrescidos pelas conquistas dos pontos dos três pilares, pontos estes também acordados no 1º tempo e que se referem a:

- Respeito: avaliado pelo respeito mútuo entre os participantes de ambas as equipes da mesma maneira pelas regras e acordos;
- Cooperação: avaliada pela participação de todos(as) os(as) participantes da mesma equipe e a mobilização que tiveram para que todos(as) tivessem oportunidade de participação;
- Solidariedade: que considera ações entre as equipes para tornar o jogo mais justo e equilibrado, contando com boas atitudes para ajudar e jogar com outrem.

Na condução do 3º tempo e dos diálogos acerca do jogo, o(a) mediador(a) irá problematizar situações ocorridas nos tempos anteriores e trazer questões relacionadas aos pilares, como: “Alguém se sentiu desrespeitado(a)?”; “Todos(as) se sentiram pertencentes ao jogo?”; “Quais foram os gestos de solidariedade?”; “As equipes merecem pontuar?”. E a partir disso os(as) participantes desenvolvem este processo dialógico para chegarem em um consenso, firmando assim, o resultado final da partida (Belmonte; Varotto; Gonçalves Junior, 2020).

CONVERSANDO ACERCA DE EDUCAÇÃO E MOTRICIDADE HUMANA

O legado de Paulo Freire continua atual e vivo para nos dar base no percurso da educação, humanização e libertação de homens e mulheres. Cada dia que passa a obra pedagogia do oprimido se justifica como ação fenomênica e ontológica da superação, em comunhão, das opressões, viabilizando o ser mais.

Diante desta justificativa da pedagogia do oprimido, Freire (2013) descreve o objetivo da obra, que é:

[...] apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele [e ela] e não para ele [e ela], enquanto homens [e mulheres] ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (p. 43).

Desde o primeiro capítulo o autor denuncia as diversas formas de opressão, mas também anuncia meios para a libertação da opressão, destarte, o oprimido é quem pode libertar o opressor, pois:

Quem, melhor que os oprimidos [e oprimidas], se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles [e elas], os efeitos da opressão? Quem, mais que eles [e elas], para ir compreendendo a necessidade de libertação? Libertação que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento de lutar por ela (Freire, 2013, p. 43).

As situações de opressão, acontecem em variados tempos-espços e de diferentes formas. Uma dessas ocorre em ambientes escolares, mas também em outros lócus educacionais, no caso, a concepção bancária da educação, na qual, segundo Freire (2013):

O educador [A educadora] faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos [as educandas], meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos [às educandas] é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (p. 80-81).

Entendemos que o legado de Paulo Freire é referencial que apoia resistência e luta contra as opressões, pois:

[...] não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia que educa a partir da ação humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos [e oprimidas] e continuar mantendo-os como quase ‘coisas’, com eles [e elas] estabelece uma relação dialógica permanente (Freire, 2013, p. 77).

Em consonância com os pensamentos de Paulo Freire está Enrique Dussel e sua filosofia da libertação, que ainda se dedica a compartilhar saberes e conhecimentos desde a filosofia e em um de seus escritos trabalha com os conceitos de transmodernidade e interculturalidade, movido pela emergência da cultura popular latino-americana, visando a superação da modernidade e da pós-modernidade.

Sobre o movimento pós-modernista, escreve Dussel (2016):

Na verdade, a partir da problemática “pós-moderna” sobre a natureza da Modernidade – que, em última análise, é uma visão ainda europeia da Modernidade –, começamos a perceber que, o que chamávamos como “pós-moderno” era algo diferente do que aludiam os pós-modernos nos anos 1980 (ao menos davam uma definição diferente do fenômeno da Modernidade daquela que eu havia entendido a partir dos trabalhos realizados para situar a América Latina em confronto com a cultura moderna observada a partir da periferia colonial). Por isso, sentimos a necessidade de reconstruir a partir de uma perspectiva “exterior”, ou seja, global (não provinciana, como eram as perspectivas europeias), o conceito de “modernidade”, que era – e ainda é –, na Europa e nos Estados Unidos, uma conotação claramente eurocêntrica, [...] que chamamos de “segundo eurocentrismo” (p. 56-57).

Em acordo com o excerto anterior, tanto a pós-modernidade, quanto a modernidade são movimentos europeus e estadunidenses que se arrastam por décadas, impondo sua maneira de ser e estar ao mundo. Desde o período da colonização é desprezada a cultura dos locais invadidos, a fim de estabelecer sua cultura de qualquer maneira, pois “[...] não era um ‘diálogo’ simétrico, mas de dominação, exploração e aniquilação” (Dussel, 2016, p. 52).

Faz-se necessário trazer para o texto o conceito de transmodernidade, a fim de estabelecer aproximações com esta pesquisa, nesse ínterim, Dussel (2016) escreve que:

[...] o conceito estrito de “transmoderno” indica essa novidade radical que significa o surgimento – como se a partir do nada – da exterioridade, da alteridade, do sempre distinto, de culturas universais em desenvolvimento, que assumem os desafios da Modernidade e, até mesmo, da pós-modernidade euro-americana, mas que respondem a partir de outro lugar, [...], do ponto de sua própria experiência cultural, diferente da euro-americana, portanto capaz de responder com soluções completamente impossíveis para a cultura moderna única. Uma futura cultura transmoderna, que assume os momentos positivos da Modernidade (mas avaliados com critérios diferentes a partir de outras culturas antigas), terá uma pluriversalidade rica e será fruto de um autêntico diálogo intercultural, que deverá ter claramente em conta as assimetrias existentes (p. 63).

A partir do ante exposto é que me situo enquanto Latino-Americano na busca de um futebol transmoderno, pois a cultura futebolística que impera foi estruturada na Inglaterra e disseminada no mundo todo e desconsidera outras práticas de futebol, por isso uma cultura singular não é possível dentro da diversidade, ou como escreve Dussel (2016), pluriversalidade, nesse sentido temos que lutar por culturas plurais; ao invés de futebol, futebóis.

Partimos de uma cultura moderna e pós-moderna (futebol) e traçamos um caminho, ainda inicial, de superação desde a transmodernidade (*Fútbol Callejero*), outrossim: “[...] todos os aspectos que se situam ‘além’ (e também, cronologicamente, ‘anteriores’) das estruturas valorizadas pela cultura euro-americana moderna, [...] estão em vigor nas grandes culturas universais não europeias e foram se movendo em direção a uma utopia pluriversal” (Dussel, 2016, p. 63).

Inspirados pelo conceito de transmodernidade trazido por Dussel (2016) é que os Professores Osmar Moreira de Souza Júnior, Ricardo Souza de Carvalho e Denis Prado organizaram um livro intitulado “Do futebol moderno aos futebóis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária” publicado em 2023, no primeiro capítulo desta obra os autores discorrem que vossa:

“[...] intencionalidade de partir do futebol moderno e percorrer as periferias deste, afirmando sua exterioridade a partir dos futebóis da cultura popular que se nutrem daquela matriz hegemônica e a superam anunciando a emergência dos futebóis transmodernos” (Souza Júnior; Carvalho; Prado, 2023, p. 13).

Neste sentido perspectivamos que o *Fútbol Callejero* venha a se apresentar como um futebol transmoderno, pois vislumbramos um início desde os(as) envolvidos(as) caminharem para a inclusão de mulheres no mesmo espaço de jogo,

lutam por construção de valores, tais como: respeito, cooperação e solidariedade, buscam a superação da competição exacerbada e primam pelo diálogo horizontal entre todos, todas e todes.

Há um percurso longo de resistência e luta para que, não só o *Fútbol Callejero*, mas outros futebóis sejam conhecidos e reconhecidos em diversos contextos socioculturais e em distintas intencionalidades de práticas: esportiva, de lazer, ócio, trabalho, jogo.

O decurso deste processo favorece a conscientização, conforme aludida pelo filósofo Ernani Maria Fiori (2013), no prefácio para a obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, nomeando-a: “Aprender a dizer a sua palavra” que reflete acerca da construção da autonomia, do engajamento, da transformação social, da libertação dos(as) oprimidos(as), aqueles(as) que são cotidianamente impedidos(as) de dizer sua palavra.

Ao debruçar-me no texto penso no sentido ou conceito de “palavra”, pois é um conjunto de letras que formam sílabas e assim temos uma “palavra”, porém a considero um fenômeno pelo qual pessoas buscam se libertar e ter a possibilidade de dizer sua própria palavra.

E aí a necessidade de estar em contato com outras palavras, proferidas por outras pessoas a fim construir relações humanas, para juntos, nos humanizarmos e assim, efetivamente, cada um(a) poder dizer a sua palavra, dessa maneira, ao se promover o encontro dessas palavras é que surge o diálogo.

No desenrolar da leitura, Fiori (2013) nos chama atenção para a consciência humana, a qual está intimamente ligada ao diálogo, pois ao dialogarmos estamos expondo nossa consciência do mundo com outrem:

Na constituição da consciência, mundo e consciência se põem como consciência do mundo ou mundo consciente e, ao mesmo tempo, se opõem como consciência de si e consciência do mundo. Na intersubjetivação, as consciências também se põem como consciência de um certo mundo comum e, nesse mundo, se opõem como consciência de si e consciência do outro, Comunicamo-nos na oposição, que é a única via de encontro para consciências que se constituem na mundanidade e na intersubjetividade (p. 21).

O diálogo é responsável por constituir a consciência de quem dialoga, permitindo que os(as) envolvidos(as) promovam, também, o encontro das intersubjetividades.

Reler esta obra foi fundamental, permitiu-nos outro olhar, principalmente no que tange ao *Fútbol Callejero*. Porém, nos fez pensar em outra forma de comunicação a partir da Motricidade Humana, pois ao se movimentarem, meninos e meninas, dialogam de corpo inteiro, talvez seja possível “Aprender a corporificar a sua palavra”. Dispor-se a uma intersubjetividade motriz e coadunando consciências motrizes. É a partir do corpo que traçamos os primeiros caminhos do diálogo. Nos gestos do cumprimento, nos gestos que acompanham a fala, nas diferentes maneiras de dizer a palavra, sem ao menos torná-la audível (Varotto; Gonçalves Junior, 2023).

Em suas primeiras palavras, Paulo Freire (2013) descreve, sucintamente, de onde partiu para escrever a *Pedagogia do Oprimido*, ou seja, do exílio no Chile e de outras experiências educativas no Brasil. Trata-se de uma obra existencial, da experiência com pessoas e de desafios da educação em tempos ditatoriais que assombravam a América Latina.

Ao longo do processo de escrita da obra, o autor se depara com situações de pessoas com “medo da liberdade” (Freire, 2013, p. 31), devido à conscientização que envolve os caminhos da educação como prática da liberdade, daí que “[...] na verdade, porém, não é a conscientização que pode levar a ‘fanatismos destrutivos’. Pelo contrário a conscientização, que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve na busca de sua afirmação” (Freire, 2013, p. 32).

O fenômeno, liberdade, a que Freire tanto menciona, considero o ápice de uma educação humanizadora, pois para libertar-se é preciso se reconhecer enquanto sujeito(a) de sua história, aderido a outras histórias, processo este em que nos humanizamos, dando sentido ao que Fiori (2013) diz no prefácio que “a pedagogia faz-se antropologia” (p. 13).

Freire (2013) se ocupa em algumas páginas de tecer posição sobre possíveis ações sectárias de leitores(as) desta “*Pedagogia do Oprimido*”, diante disso “[...] o sectário, por sua vez, qualquer que seja a opção de onde parta na sua ‘irracionalidade’ que o cega, não percebe ou não pode perceber a dinâmica da realidade, ou a percebe equivocadamente” (p. 35). As ações de pessoas sectárias vislumbram a “domesticar” pessoas a fim de sentirem aquele “medo da liberdade” a que fora mencionada neste escrito, pois dessa maneira distancia pessoas de viverem humanamente sua liberdade de ser. Arrisco dizer que esta obra ajudou um sem número de pessoas a se libertarem do hospedeiro opressor e viverem sua liberdade.

Julgo oportuno chamar atenção para a essência do diálogo, pois: “Quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra” (Freire, 2013, p. 107).

É a palavra que sustenta o diálogo, a partir dela e com ela estabelecemos pontes de reciprocidade e horizontalidade entre as pessoas, daí que para que essa ponte seja recíproca e horizontal faz-se necessário:

[...] duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma, solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressentem, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo (Freire, 2013, p. 107).

Concordo com o que Freire (2013) assevera sobre a palavra, porém entendo que para que a palavra seja diálogo e dialeticamente, práxis, as motricidades, mais especificamente a motricidade humana, a partir do movimento intencional de transcendência, a significa e re-significa desde a historicidade de quem movimenta sua palavra, pois para que se estabeleça uma relação dialógica, pessoas precisam se movimentar até outrem, ir à luta por sua libertação e humanização, “[...] por isto, o diálogo é uma exigência existencial” (Freire, 2013, p. 109).

Nesta parte nos detemos nas inter-relações da pedagogia do oprimido com proposição desta tese.

Vimos na luta por motricidades libertadoras, em que possamos pluralizar as diversas práticas, e uma delas é o futebol. Enxergamos o *Fútbol Callejero* como uma maneira de se entender e jogar futebol. Dentro do *Fútbol Callejero* temos estudado a figura do(a) mediador(a), para esta tese nos detemos à formação destes(as) mediadores(as) e aprofundando os estudos nos escritos freireanos, percebemos que:

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar, com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa, e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer “bancária” ou de pregar no deserto (Freire, 2013, p. 120).

Prezamos por relações dialógicas nas partidas de *Fútbol Callejero*, primeiro porque é comum, principalmente os meninos, terem uma atitude muito competitiva e

egoísta e o jogo é coletivo, precisamos uns(umas) dos(as) outros(as) para jogar, em segundo, pela subalternização das meninas por parte dos meninos. Temos que desconstruir isto e se movimentando podemos superar essa forma de opressão de meninos para a meninas no futebol e o(a) mediador(a) tem papel fundamental nessa relação.

Diante disto, seguiremos na esperança de que: “[...] ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens [e nas mulheres] o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia” (Freire, 2013, p. 113).

Passamos a dialogar com Costa e Loureiro (2017) que estabelecem diálogo, ancorados teoricamente em Paulo Freire e Enrique Dussel, com os conceitos de exclusão e libertação, pois: “É à luz dos nossos autores que compreendemos que a libertação filosófica e a libertação política se completam e são inseparáveis, pois contemplam todas as dimensões da vida pessoal e coletiva” (p. 236).

Os autores trazem para o debate as diversas maneiras de a exclusão estar presente em nosso cotidiano, mas é principalmente pelo capitalismo, que tem em sua gênese, transformar tudo em mercadoria e essa voracidade pelo lucro faz com que pessoas sejam excluídas, no entanto “[...] tais pessoas categorizadas como ‘excluídas’ não estão à margem dos meios de comunicação de massa que socializa o pensamento dominante e a ideologia do consumo” (Costa; Loureiro, 2017, p. 243).

Podemos considerar que o conceito de exclusão no estudo em questão, figura como denúncia, pois: “[...] se existem marginalizados, não é por opção dos mesmos. Desse modo, os marginalizados seriam vítimas de uma violência que os expulsa do sistema” (Costa; Loureiro, 2017, p. 245). Já a libertação é um caminho possível para superação, neste caso, da exclusão.

Para Costa e Loureiro (2017) a libertação:

[...] dentro deste horizonte consiste na desalienação das pessoas, povos, culturas e instauração de uma nova ordem fundada no respeito à alteridade e exterioridade humana, pois no processo de desalienação é preciso estar atento para não compreender o outro apenas como dimensão objetiva do mundo, como um meio para realizar determinado “projeto libertador” (p. 248).

Compartilho do posicionamento dos autores, pois a partir das pessoas que vivenciam o *Fútbol Callejero*, é possível tecer contrapontos ao futebol hegemônico e apresentar uma outra maneira de vivenciá-lo, desde a Motricidade Humana (Sérgio,

1999) a fim de lançar luz à possibilidade de humanização e libertação em comunhão. Jogando bola para se libertar.

Costurando às articulações conceituais, estabeleço conexão com as Epistemologias do Sul, vale ressaltar que epistemologia é: “[...] toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre condições do que conta como conhecimento válido” (Santos; Meneses, 2010, p. 15). Todo conhecimento é construído e vivenciado a partir de uma relação dialética entre as pessoas e o contexto que estão inseridas, culminando em experiências diversas cheias de movimento e alimentando as culturas, mas desde o período colonial e aliado ao capitalismo, o conhecimento tem perdido a pluralidade.

O Sul, metafórico e geográfico, sofreu com a colonização, no contexto brasileiro podemos, por exemplo, nos aproximar e refletir com a arte, no caso a letra da música Mandume⁶, do *rapper* Emicida *et al.* (2018): “E o que é diabo perto do homem que matou em nome de Deus / O ano era 1500, os português pisaram aqui / Rezaram a missa, pra iniciar a caça ao povo Tupi / Invasão por lucro, da realeza blasé”. A partir deste momento histórico em que o trecho musical chama atenção os colonizadores passaram a impor sua cultura e modo de vida como correto para os povos originários de toda América Latina, África e Ásia. Daí a necessidade dos povos originários e seus descendentes (do Sul) lutarem para: “[...] reparar danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo” (Santos; Meneses, 2010, p. 19).

Corroborando com esta reflexão Dussel (2017), ajuda a nos situar que o Sul geográfico e metafórico é dos(as) pobres e dos(as) oprimidos(a) para assim olhar e se sensibilizar a partir de outra perspectiva, é dar voltas para enxergar o todo de onde se tem pouco e se: “[...] hay un oprimido, va a ser necesaria una filosofia de la liberación y eso es en todos niveles del negado ¿Y cuál negado? Todos”⁷ (Dussel, 2017, p. 3-4). Daí a necessidade de coadunar diferentes consciências e concepções de mundo, partindo, desde o Sul e desde abaixo, fortalecendo a rede popular a fim de nos libertarmos do não-ser.

⁶ O nome da música faz menção à um rei angolano chamado: “Mandume Ya Ndemufayo, morto em fevereiro de 1917, foi o último rei de um povo que ficava entre o sul da Angola e o norte da Namíbia. Esse povoado era conhecido como os Cuanhamas. Mandume morreu resistindo aos europeus. Ele se tornou rei do povoado em 1911, época em que os portugueses impunham o poder colonial na Angola. Ao mesmo tempo em que ele resistia à força militar dos portugueses, também tinha de resistir aos alemães, que tentavam ocupar os territórios, vindos pelo sul” (Adorno, 2016, s/p).

⁷ “[...] tem um oprimido, será necessária uma filosofia da libertação e isso é em todos os níveis do negado e qual negado? Todos” (Dussel, 2017, p. 3-4 - tradução livre).

Nesse ínterim, Santos (2010) chama atenção para os povos do Sul que estão em luta pela valorização de seus conhecimentos, indicando que estes são válidos, e podem dialogar com outras epistemologias, em ecologia de saberes, a qual:

[...] se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento (Santos, 2010, p. 53).

Passamos a dialogar com a Motricidade Humana, que percebe o ser humano em sua totalidade e coaduna com as Epistemologias do Sul (Santo, Meneses, 2010), bem como com a ecologia de saberes (Santos, 2010), desde a perspectiva da ação intencional e solidária da transcendência (Sérgio, 2022).

A proposição da Motricidade Humana, inicialmente conceituada pelo filósofo Manuel Sérgio (1988, 1999, 2011, 2017, 2019, 2022), pautado na fenomenologia existencial de Maurice Merleau-Ponty (2011), como dialogante com a pedagogia e filosofia da libertação. Escreveu Sérgio em 1999:

[...] dado que a educação física não se limita ao *físico* e procura abranger o homem todo e todos os homens... no movimento intencional da transcendência, ou seja, no movimento de significação mais profunda. A dimensão do vivido na motricidade situa-se ao nível pré-objectivo, do pré-predicativo. Em poucas palavras: no dinamismo, na imprevisibilidade do próprio ente. O essencial na motricidade humana é a experiência originária, donde emerge também a história das condutas motoras do sujeito, dado que não há experiência vivida sem a intersubjetividade que a práxis supõe. O ser humano está todo na motricidade, numa contínua abertura à realidade mais radical da vida (Sérgio, 1999, p. 17-18).

Assim, quando entendemos a Motricidade Humana, as execuções e repetições de movimentos não são o que mais importa e sim a pessoa que se movimenta, pois: “[...] para comprender la motricidad se debe comprender al ser humano y su relación cotidiana con su mundo”⁸ (Sérgio; Toro-Arévalo, 2005, p. 102).

Sendo a Motricidade Humana uma relação cotidiana com seu (nosso) mundo e, destaque, em processo, permite que: ao passo que vivemos intersubjetivamente com outrem, podemos re-pensar o, outrora, pensado e desde aí, em recente artigo publicado,

⁸ “[...] para compreender a motricidade se deve compreender o ser humano e sua relação cotidiana com seu mundo” (Sérgio; Toro-Arévalo, 2005, p. 102 – tradução livre).

Manuel Sérgio revisa o conceito de motricidade humana, no texto intitulado “Motricidade Humana: o itinerário de um conceito” e diz que:

Ao anunciar-se um novo paradigma (ação intencional e solidária da transcendência) para a educação física, o desporto, o jogo desportivo, a dança, a ergonomia e a reabilitação, a Ciência da Motricidade Humana procura servir também os anseios de todos os marginalizados pela sociedade injusta. São três os principais conceitos da CMH: corpo, movimento e transcendência. Com a “transcendência”, a CMH quer dizer que *o ser humano (velho ou novo, são ou doente) é, sempre e em todas as circunstâncias, uma tarefa por cumprir*. Por isso, a pedagogia que a CMH propõe se destina a todas e a cada uma das pessoas e... em todas as idades! *O desenvolvimento que a CMH propõe é para a vida*. E, pela transcendência, não se limita ao imanente (Sérgio, 2022, p. 23-24).

Ter a Motricidade Humana como horizonte e possibilidade de intervenção vai além de uma mirada do movimento intencional para a transcendência (Sérgio, 1999) e das revisões conceituais; permite a compreensão e consciência de ensinar desde a Motricidade Humana não se encontrando limitada à atividade física, dicotomizada do ser, é “[...] ação intencional e solidária da transcendência” (Sérgio, 2022, p. 23), o jogar, brincar, lutar, dançar, se dá em contexto político, social, econômico onde a prática fora criada ou reproduzida, no qual o se movimentar se faz de um dado um jeito, envolve implementos, se modifica ou não com o passar dos anos, das localidades, dos recursos disponíveis, da tradição. Essas reflexões possibilitam diálogos com os(as) participantes em situações de prática de maneira fluída, horizontal, dialógica.

Podemos citar como exemplo a prática do *Fútbol Callejero*, que é uma vertente do futebol, porém criado no sul (Belmonte; Gonçalves Junior, 2018), o contexto deste jogo se passa em meados de 1994 em uma região empobrecida de Buenos Aires, Argentina, como trazido na introdução deste trabalho, a violência em gangues bairristas era comum e Fabían Ferraro, proponente do *Fútbol Callejero*, percebeu que havia uma trégua entre as gangues nos momentos em que essas pessoas estavam jogando futebol, ao perceber isto, começou a pensar em maneiras de usar o futebol como aliado para superar esta e outras situações e o futebol acabou sendo um pano de fundo, pois o *Fútbol Callejero* oferece reflexões sobre meninos e meninas jogarem juntos(as), sobre o gol não determinar a vitória, a construção de valores como respeito, cooperação e solidariedade, valorização de relações dialógicas para tomar as decisões necessárias no jogo e tudo isso com o rolar de bola, com chutes, passes, deslocamentos, saltos, corrida

que complementam os momentos de diálogo e reflexão do jogo, possibilitando uma pedagogia a partir da Motricidade Humana.

A relação dialógica que envolve a Motricidade Humana, permite outros olhares acerca deste fenômeno e diante disto, Nolasco (2019) estabelece conexão entre as Epistemologias do Sul e a Motricidade Humana, quando diz: “Entre a Motricidade Humana e as Epistemologias do Sul há, desde logo, uma aspiração comum: superar em uma limitada perspectiva racionalista e paradigmática de interpretação do movimento e do mundo” (p. 207), buscando também a superação da visão dicotômica do ser humano, para que se possa enxergar a totalidade e complexidade que nos envolve.

Nesse ínterim, as Epistemologias do Sul aliadas à Motricidade Humana ampliam os horizontes para uma aproximação *prática* de considerar os conhecimentos e as motricidades de diversos povos, como por exemplo, indígenas e africanos, com a intenção de pluralizar as práticas sociais em ecologia de saberes (Santos, 2010). Considerando os conceitos de Epistemologias do Sul e Ecologia de Saberes, podemos ampliar o diálogo e refletir acerca da sociologia das ausências e da sociologia das emergências, ambas propostas por Boaventura de Sousa Santos (2002).

A sociologia das ausências consiste em:

[...] demonstrar que o que não existe é, na verdade, activamente produzido como tal, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe. O seu objecto empírico é considerado impossível à luz das ciências sociais convencionais, pelo que a sua simples formulação representa já uma ruptura com elas. O objectivo da sociologia das ausências é transformar objectos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças. Fá-lo centrando-se nos fragmentos da experiência social não socializados pela totalidade metonímica. O que é que existe no Sul que escapa à dicotomia Norte/Sul? O que é que existe na medicina tradicional que escapa à dicotomia medicina moderna/medicina tradicional? O que é que existe na mulher que é independente da sua relação com o homem? É possível ver o que é subalterno sem olhar à relação de subalternidade? (Santos, 2002, p. 8).

Isso demonstra que há diversas maneiras produzir a não-existência; há cinco lógicas atreladas à produção da inexistência, são elas: a monocultura do saber, monocultura do tempo linear, lógica da classificação social, lógica da escala dominante e lógica produtivista (Santos, 2002). No entanto há maneiras de superar a não-existência e a Ecologia de Saberes que vimos falando é uma delas, principalmente por identificar outros saberes e acrescento aqui outras motricidades.

Seguimos agora com a sociologia das emergências, a qual busca:

[...] proceder a uma ampliação simbólica dos saberes, práticas e agentes de modo a identificar neles as tendências de futuro [...] sobre as quais é possível actuar para maximizar a probabilidade de esperança em relação à probabilidade da frustração. Tal ampliação simbólica é, no fundo, uma forma de imaginação sociológica que visa um duplo objectivo: por um lado, conhecer melhor as condições de possibilidade da esperança; por outro, definir princípios de acção que promovam a realização dessas condições (Santos, 2002, p. 15).

Diante disso, trazemos para o diálogo as Motricidades Emergentes⁹, que teve inspiração nos escritos de Santos (2002), dilatando a compreensão acerca deste fenômeno e ao vislumbrar o *Fútbol Callejero* como uma Motricidade Emergente, possibilita estabelecer, como elucidado no tópico *do futebol aos futebóis*, a pluralização dos fenômenos, principalmente aquelas práticas (esportivas, sociais, tecnológicas, gastronômicas, lúdicas, dentre outras) que foram enfiadas goela abaixo pelos colonizadores, arquitetando pontes dialógicas entre os diversos saberes e por isso não se restringe ao momento de jogar o *Fútbol Callejero*, mas também na formação de mediadores(as), pois atua na co-laboração e construção do diálogo acerca da superação de algumas mazelas sociais, por exemplo, meninos e meninas jogarem no mesmo espaço de jogo, sem que isso seja um tabu, para isso faz-se necessário a arqueologia da temática gênero, para compreender os contextos e compreender a intenção de meninos e meninas compartilharem o mesmo espaço de jogo.

Há ainda a elucidação das Motricidades do Sul¹⁰ que em recente artigo Campos, Corrêa e Gonçalves Junior (2022) manifestam seu entendimento e dizem que:

Motricidades del Sur, son entendidas como prácticas sociales de juegos, luchas, danzas, fiestas, cantos, historias y rituales con características propias de un pueblo/comunidad ubicada al sur, geográfica o metafóricamente, que involucran tradición y resistencia de tales manifestaciones al colonialismo y dominación epistemológica. La diversidad de experiencias de esas prácticas se

⁹ Para aprofundamento no tema ver as seguintes teses de doutorado:

BELMONTE, Maurício M. **Fútbol callejero**: processos educativos decorrentes de uma motricidade emergente. 2019. 522f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

CARMO, Clayton S. **Epistemologia da bicicleta**: processos educativos emergentes na prática do pedalar. 2017. 453p. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

¹⁰ Inclusive esta Tese é vinculada ao projeto de cooperação científica internacional “Motricidades do sul: contra o desperdício da experiência”, aprovado na Chamada CNPq Nº 26/2021 de Apoio à Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação: Bolsas no Exterior, sob o número 403212/2022-7.

configuran en forma particular tanto en su ejecución como en su intencionalidad en el proceso cotidiano de vivir-la-vida, en una perspectiva sureada (no norteadada), en universo no dicotómico entre físico y mente, cuerpo y alma, persona y mundo, ser y naturaleza¹¹ (p. 921).

Assim sendo, as Motricidades do Sul, buscam reconhecer e conhecer as Motricidades Emergentes, sendo que o *Fútbol Callejero* é tida por nós como uma prática emergente.

Ao estabelecer conexão com essas bases teóricas, relacionamos a formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* como uma prática social, a qual é conceituada conforme, Oliveiral *et al.* (2014a) como decorrentes de:

[...] interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes natural, social e cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver; enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (p. 33).

Corroboro com o que diz o trecho a cima, mas sugeriria uma pequena alteração; da palavra transmitir, em: “transmitir valores”. Digo isso porque não creio que seja uma “transmissão”, acredito em uma “construção de valores”, pois, estando em uma relação de co-existência com os(as) participantes da pesquisa, estabelecendo a intersubjetividade eu-outrem e tendo em vista o desvelamento de processos educativos que ocorrem a partir das práticas sociais; construímos, juntos(as), valores. A ideia de transmitir valores é de um(a) *para* outro(a), já a construção acontece *com* o(a) outro(a); construímos os valores em comunhão.

Deste modo, Gonçalves Junior, Carmo e Corrêa (2015) entendem:

[...] que os processos educativos ocorrem em uma relação mútua de aprendizagem e não só em uma situação em que um ensina ao outro, tendo como pressuposto fundamental para seu desenvolvimento o diálogo equitativo e a intencionalidade dirigida para a cooperação, superação, o ser mais, demandando autonomia, possibilidade de decisão e de transformação. Tais condições permitem aos envolvidos

¹¹ “Motricidades do Sul, são entendidas como práticas sociais de jogos, lutas, danças, festas, cantos, histórias e rituais com características próprias de um povo/comunidade situada ao sul, geográfica e metaforicamente, que envolvem tradição e resistência de tais manifestações ao colonialismo e dominação epistemológica. A diversidade de experiências dessas práticas se configuram de maneira particular tanto em sua execução como em sua intencionalidade no processo cotidiano de viver-a-vida, em uma perspectiva sureada (não norteadada), em universo dicotômico entre físico e mente, corpo e alma, pessoa e mundo, ser e natureza” (Campos; Corrêa; Gonçalves Junior, 2022, p. 921 - tradução livre).

compreender em contexto, valores e códigos do grupo, da comunidade e da sociedade em que vivem, tendo a possibilidade de refletir criticamente sobre sua própria condição de pertencimento ao mundo com os outros, educando e educando-se, tornando-se pessoa (p. 176-177).

Os processos educativos estão no bojo das práticas sociais e por isso extrapolam o espaço escolar. A essência e a existência humana suscitam processos educativos, pois: “[...] as pessoas se formam em todas as experiências de que participam em diferentes contextos ao longo da vida” (Oliveira *et al.*, 2014a, p. 36).

Pesquisar processos educativos em práticas sociais exige do(a) pesquisador(a): “[...] cuidadosa e paciente inserção [...] na comunidade, na instituição, no espaço escolar, num conviver, realizada em interação e confiança” (Oliveira *et al.*, 2014a, p. 39), pois não se trata de apenas de uma pesquisa utilitarista, pelo contrário, ao criarmos vínculos com as pessoas que participam de nossas pesquisas, estamos promovendo o encontro de consciências e nos colocando ao lado para denunciarmos e anunciarmos fenômenos próprio da ação social.

Tal processo de pesquisa possibilitou o desenvolvimento de amizade entre eu e a comunidade do *Fútbol Callejero* que venho construindo desde o mestrado, tanto que na estruturação do projeto para o doutorado, essas pessoas ajudaram na decisão do que seria mais oportuno para o processo da pesquisa, pois estamos vislumbrando novos caminhos para esta prática social.

Trata-se da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* e com isso estamos pensando em chegar a mais lugares com a proposta do *Fútbol Callejero*, pois, percebemos que juntos(as) os valores construídos acerca desta prática social podem ser vivenciados por mais pessoas.

A prática social formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* fora desenvolvida a partir de 2013, para preparar jovens para atuar como mediadores(as) do *Fútbol Callejero*, inicialmente no o mundial de *Fútbol Callejero*, que ocorreu em 2014 e posteriormente para seguir com o jogo em seus territórios.

Entretanto, em 2019 percebeu-se a necessidade de melhor organizar a formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* o que culminou, naquele momento, na realização de seis encontros formativos.

A formação de mediadores(as), portanto, foi estruturada para aprofundar os conhecimentos dos(as) mediadores(as) em atividade, por vezes convidando esses(as) mediadores(as) como formadores(as) e provocando a retomada de temas e situações

abordados no cotidiano da mediação do *Fútbol Callejero*; apresentar contextos, conceitos e provocar debates junto a potenciais novos(as) mediadores(as).

Os encontros formativos também possibilitaram a reflexão sobre as missões e desafios das enfrentados pelas organizações que promovem o *Fútbol Callejero*, Assim, procurou-se convidar formadores(as) que pudessem colaborar com as formações tanto pelo seu conhecimento em relação ao tema quanto pelo seu envolvimento e proximidade com a RPFR.

Diante desta prática social foi possível estabelecer uma relação de colaboração e valorização dos saberes do grupo na construção e efetivação do caminho formativo de novos(as) mediadores(as), pois nesta prática social: “[...] se constroem relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades [...] num contexto histórico de nação” (Oliveira *et al.*, 2014a, p. 33).

Tal prática social ajudou a elaborar ações em grupos e comunidades que possibilitaram a transformação de realidades e consciências acerca de outra maneira de compreender e jogar futebol, ou seja, um espaço construído por quem participa dele e quem deseja participar, percorrendo um caminho para a construção das identidades.

REVISÃO DE LITERATURA

Entendemos que a revisão de literatura tem como foco central apresentar pesquisas advindas de artigos, dissertações ou teses que se aproximam do campo de conhecimento que vem sendo estudado, bem como dos referenciais teóricos e metodológicos utilizados como base dentro do universo epistêmico do fenômeno em questão, também ajuda a justificar o ineditismo e contribuições científico-sociais da investigação.

Com o avanço dos recursos digitais, realizar tal revisão nos permite o acesso de teses, dissertações e artigos produzidos em âmbito, neste caso, nacional, utilizando os sítios eletrônicos para este fim. Contudo, cada universidade possui seu repositório institucional de teses e dissertações e cada periódico indexado em alguma base de dados específica para artigos científicos, no entanto escolhemos duas bases de dados: uma integra diversos repositórios de dissertações e teses de universidades brasileiras, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e outra em que há uma reunião de periódicos científicos com as melhores indexações, a plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

Diante dessas duas bases de dados foi possível conhecer, a partir de um recorte temporal de nove anos, o que se pesquisou acerca do futebol e da educação, tendo em vista as aproximações com o tema desta tese. O principal procedimento adotado para organizar essa revisão de literatura foi realizar a leitura dos resumos das pesquisas levando em consideração o objetivo do estudo em desenvolvimento, pois é desta maneira que ocorre a seleção dos trabalhos que serão lidos na íntegra, para que posteriormente ocorra a descrição das aproximações com o tema em investigação.

Ao realizarmos busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) com restrição entre os anos 2015-2023, a partir das palavras-chave Futebol *and* Educação, em assuntos, foram identificados 159 registros, sendo 33 teses e 126 dissertações.

Depois fizemos busca no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) com as mesmas palavras-chave e restrição de anos, porém deixamos o filtro em “todos os índices”, que neste caso são: ano de publicação, autor, financiador, periódico, resumo e título, com isso obtivemos o resultado de 69 artigos.

Após realizar leitura de todos os resumos dos 228 registros foram selecionados para aprofundamento 15 registros, sendo 4 artigos, 9 dissertações e 2 teses (ver quadro

1), decorrente destes se aproximarem dos objetivos e referencial teórico-metodológico desta investigação, que prima pela identificação e compreensão de processos educativos emergentes da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*, a partir de aportes da educação e das epistemologias do sul. Vale destacar que deixaram de compor esta revisão de literatura estudos que trataram o futebol apenas em sua dimensão técnica e/ou tática, os que analisaram em perspectiva quantitativa e ainda aquelas investigações com viés biologicista.

Quadro 1 – Artigos, Dissertações e Teses encontrados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) entre os anos 2015-2023

Nº	Título do Artigo (A) ou Dissertação (D) ou Tese (T)	Autor(es)/a(as)	Ano de defesa/Publicação	Área ou Revista	Assunto
01	Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman (A)	Leila Salvini, Juliano de Souza, Wanderley Marchi Júnior	2015	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	Sociologia do Esporte, Estigma, Representações
02	Etnografia e aprendizagem na prática: explorando caminhos a partir do futebol no Brasil (A)	Ana Maria R. Gomes e Eliene L. Faria	2015	Educação e Pesquisa	Antropologia, Etnografia e Educação
03	“Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro (A)	Leila Salvini e Wanderley Marchi Júnior	2016	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	Futebol feminino e Preconceito
04	<i>Fútbol Callejero</i> : nascido e criado no Sul (A)	Maurício M. Belmonte e Luiz Gonçalves Junior	2018	Revista Crítica de Ciências Sociais	Processos Educativos e <i>Fútbol Callejero</i>
05	Escola e futebol no campo do neoliberalismo (D)	Darlan Alves	2015	Educação	Futebol, Escola e Jogo
06	O estudante-atleta: desafios de uma conciliação (D)	Daniel Machado	2015	Educação	Futebol e Escolariz

		Conceição			ação
07	O futebol Munduruku: um jogo estratégico nas relações interétnicas e interculturais em Juara-MT (D)	Ronaldo do Nascimento	2015	Educação	Futebol, Educação
08	Jogando bola, fazendo história: a educação no bairro dos Coelhos (2008-2012) (D)	Anderson W. N. de Queiroz	2016	Educação	Futebol e Educação não formal
09	O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do barreiro, em belo horizonte (D)	Cristina A. O. Fernandes	2016	Estudos do Lazer	Futsal, Educação e Lazer
10	Corpo/corporeidade e a pedagogia do esporte nas categorias de base de futebol: ausência/presença a beira do campo (D)	Lucas Oliveira Lima	2018	Educação Física	Futebol e Corporeidade
11	História de vida de ex-jogadores profissionais de futebol: qual o valor da educação formal? (D)	Edvaldo T. Pedroza Júnior	2018	Educação	Futebol e Educação formal
12	O ensino dos saberes conceituais críticos do futebol entre jovens estudantes do ensino médio nas aulas de educação física (D)	Bruno M. Ferreira	2018	Educação	Futebol e Processos Educativos
13	Um mundo em vários movimentos: uma etnografia sobre futebolistas de base (T)	Júlio César J. Palmiéri	2015	Antropologia Social	Futebol e Ecologia Esportiva
14	Ser “daqui” ou “de fora”: hierarquias, descontinuidades e trânsito no futebol não profissional de Florianópolis (T)	Lisandra Invernizzi	2018	Educação	Futebol amador e Futebol não profissional
15	Implementação de um currículo dos futebóis para a educação física nos anos finais do ensino fundamental (D)	Mariama Silva Gouvêa Barreto	2023	Educação Física	Futebóis e Currículo

Fonte: autoria própria

Após a apresentação do quadro com as pesquisas que compõem a presente revisão de literatura, apresentaremos uma síntese geral de cada estudo, com o intuito de descrever as aproximações e contribuições para esta tese. Nesse ínterim, cabe destacar que a sequência dos diálogos com as pesquisas se dão de acordo com o disposto no quadro, ou seja, iniciaremos com os artigos, depois as dissertações e por fim as teses.

O primeiro artigo intitulado: “Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman” teve como objetivo:

[...] problematizar sociologicamente a participação feminina no universo futebolístico brasileiro, de modo a avançarmos no entendimento de como se constroem e se reconstroem algumas representações e estigmas do corpo feminino no contexto dessa prática esportiva (Salvini; Souza; Marchi Júnior, 2015, p. 559).

A autora e os autores se baseiam em um contexto histórico marcado pelo movimento higienista e eugenista que determinavam, por intermédio de médicos, quais atividades eram “apropriadas” para mulheres, pois naquele período (meados do século XIX) tinham a missão social de gerar filhos e cuidar dos afazeres domésticos; para isso não poderiam praticar esportes considerados masculinos, por exemplo, o futebol.

O caminho metodológico escolhido foi o qualitativo, a coleta de dados se deu por meio de entrevista semiestruturada com 4 jogadoras que participaram de: “jogos oficiais representando a Seleção Brasileira de Futebol Feminino em pelo menos uma partida entre os anos de 2005 até 2011”, a partir da questão: “Você acha que no futebol tem lugar para preocupação com a estética (no sentido de parecer atraente) do corpo ou o corpo nesse contexto deve, sobretudo, atender às necessidades físicas do jogo?” (Salvini; Souza; Marchi Júnior, 2015, p. 560).

É anunciado no título do estudo a ação social de Eving Goffman, nesse ínterim, cabe trazer de maneira sucinta as ideias do referido autor.

Eving Goffman é canadense e assenta sua teoria em representações sociais, tal qual as encenadas em teatros, a partir dos papéis que as pessoas assumem perante a sociedade. Diante destas representações sociais há três estigmas, a saber: abominações do corpo, culpas de caráter individual e estigmas tribais (Goffman, 1985; 2004, citado por Salvini; Souza; Marchi Júnior, 2015).

Traçando relações desta teoria da ação social, com o futebol feminino podemos compreender que:

[...] os mesmos se constroem pela ausência de caracteres socialmente aceitos e entendidos como de feminilidade nessa prática (tais como: graciosidade, ações delicadas, cuidados de beleza etc.). Esse estigma, por sua vez, promove em indivíduos desinformados, preconceitos de cunho sexista frente às mulheres que praticam esse esporte, de modo que as atletas jogadoras de futebol, somente pelo fato de praticarem essa modalidade passam a ser automaticamente caracterizadas como desacreditáveis do seu papel feminino (Salvini; Souza; Marchi Júnior, 2015, p. 561).

Em resultados e discussão a autora e os atores trazem trecho das entrevistas com as jogadoras que fazem menção à preocupação delas com a aparência corporal; ressaltam a importância de manter o cabelo: “sempre muito bem arrumado” (Salvini; Souza; Marchi Júnior, 2015, p. 563).

As atletas que ascendem ao futebol profissional, como é o caso das entrevistadas, com frequência participam de ensaios fotográficos para diversas ações publicitárias do universo futebolístico, mas a preocupação nesses ensaios não gira em torno do futebol, tampouco dos conhecimentos das atletas sobre o esporte, o que vale é o cuidado com as unhas, conforme relatado a seguir: “A informante 1, corrobora, quando alega que ‘[...] eles (os responsáveis pela veiculação da informação) procuram quem tá com unha pintada e pedem pra colocar em cima da bola, pra tirar a foto’” (Salvini; Souza; Marchi Júnior, 2015, p. 564).

Os autores e a autora consideram que a representação estigmatizada: “[...] possibilita vender uma imagem ou representação feminilizada do futebol feminino ao maior número possível de pessoas, a região dos bastidores com suas nuances e ‘silêncios’ permanece marginalizada, distante dos olhos dos espectadores” (Salvini; Souza; Marchi Júnior, 2015, p. 567).

Dando sequência, iniciaremos o diálogo com artigo intitulado: “Etnografia e aprendizagem na prática: explorando caminhos a partir do futebol no Brasil”, o qual teve como objetivo: “apresentar reflexões e questões construídas na condução de pesquisas a respeito do tema da aprendizagem em contextos de práticas sociais diversificadas” (Gomes; Faria, 2015, p. 1213).

As autoras tecem argumentos acerca do futebol que pode ser vivenciado de diferentes maneiras, pois: “[...] joga-se futebol em campo, como também assiste-se ao futebol intensamente pela TV, e joga-se futebol em videogames” (Gomes; Faria, 2015, p. 1219).

Além das várias possibilidades de vivenciar o futebol, há inúmeras outras de se aprender, como assevera as autoras:

[...] a sua aprendizagem decorre da participação nos múltiplos contextos de prática a partir de diferentes engajamentos: jogar, assistir, conversar, ensaiar, torcer, ou, simplesmente, estar lá são modos de praticar futebol que redundam em aprendizagem da e na prática (Gomes; Faria, 2015, p. 1220).

Sendo assim este fenômeno motriz, multifacetado e não linear, integra-se ao dia a dia de milhões de pessoas que se educam, em contextos diversos, para e pelo futebol.

O estudo teve como *locus* a periferia de Belo Horizonte/MG, a metodologia utilizada foi a etnografia, os dados foram coletados a partir de diários de campo e os participantes eram jovens que:

[...] participavam do futebol na escola (nas aulas de educação física e no recreio); no campo de futebol do bairro (nas práticas de futebol do projeto *Esporte esperança/segundo tempo*, nos treinos do time juvenil e infantil, nos jogos de futebol amistosos e de campeonatos, nas práticas de lazer), na praça de esportes em frente à escola, em outros campos de futebol da cidade (jogos de futebol do campeonato amador) (Gomes; Faria, 2015, p. 1220).

Vale destacar que de todos esses locais destinados à prática do futebol, o único que tinham meninas participando era na escola (Gomes; Faria, 2015), mesmo sendo um fenômeno plural, ainda é difícil encontrar meninas participando ao menos de uma das outras possibilidades apresentadas.

Os principais resultados apresentados pelas autoras dizem respeito a diversas aprendizagens ligadas ao futebol, desde o desenvolvimento da experiência com a bola nos pés, até a incorporação de valores como humildade e respeito (Gomes; Faria, 2015).

Passamos agora para análise do artigo: “‘Guerreiras de chuteiras’ na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro” que teve como principal objetivo: “[...] descrever e analisar relatos acerca das dificuldades e motivações enfrentada por jogadoras de futebol no Brasil” (Salvini; Marchi Júnior, 2016, p. 304).

O autor e autora entrevistaram 4 jogadoras de um time de futebol feminino amador da cidade de Curitiba/PR; a metodologia utilizada para entrevista foi a semiestruturada a partir das questões:

“Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser jogadora de futebol? Se sim, porque você acha que isso acontece? Existe no seu ponto de vista algo que possa ser mudado para futuras gerações? Quais os principais desafios do futebol brasileiro no seu ponto de vista? Como você define a mulher que joga futebol?” (Salvini; Marchi Júnior, 2016, p. 304).

Após a transcrição das entrevistas a autora e o autor analisaram-nas a partir da sociologia reflexiva proposta pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, tendo como orientação o conceito de “habitus” que revela um campo de violência simbólica e dominação masculina, desenvolvido por Bourdieu (Salvini; Marchi Júnior, 2016).

O início das descrições em resultados e discussão se dá pelo preconceito, pois a maioria das jogadoras de futebol sofrem com a discriminação por jogarem futebol e isso vem de uma construção machista que ronda o futebol. Segundo Salvini e Marchi Júnior (2016): “[...] o futebol no Brasil é um espaço de dominação masculina [...] o preconceito que recai sobre a corporalidade - e por conseguinte a sexualidade - da mulher futebolista é pautado da desconstrução do estereótipo normativo de feminilidade” (p. 305). É um paradoxo, pois ao mesmo tempo que as mulheres futebolistas são estigmatizadas pela homossexualidade, a indústria da publicidade busca vender o futebol feminino a partir da “objetificação” e “sensualização” do corpo das mulheres.

Outro ponto destacado no artigo é a falta de incentivo para o futebol feminino, principalmente financeiro, a partir dos relatos das jogadoras é possível perceber que existe um grande abismo entre o futebol masculino e feminino, desde estrutura até remuneração, pois há muitos casos de mulheres que precisam trabalhar em outros setores além de treinar e viajar para os jogos, conforme relata uma das jogadoras: “[...] tenho outro trabalho há sete anos, mas sou liberada para os jogos” (Salvini; Marchi Júnior, 2016, p. 306).

Nesse sentido a autora e o autor consideram que: “[...] o preconceito, seja de gênero ou pela falta de incentivo, caracteriza-se como violência simbólica [...] aproximando a jogadora do corpo consumido pela sociedade patriarcal” (Salvini; Marchi Júnior, 2016, p. 309).

Passamos a dialogar com o último artigo, que tem relação direta com a temática dessa pesquisa, trata-se do: “*Fútbol Callejero*: nascido e criado no Sul”, escrito por Maurício Mendes Belmonte e Luiz Gonçalves Junior.

Neste artigo se objetivou: “[...] identificar, descrever e compreender os processos educativos decorrentes de uma sistematização de experiência com a prática social do *Fútbol Callejero* [...]” (Belmonte; Gonçalves Junior, 2018, p. 158).

Os autores também trazem para o diálogo a prática de futebóis, considerando que o *Fútbol Callejero* é uma possível prática de futebol, dentre tantas outras existentes e praticadas ao redor do mundo, em diferentes contextos e culturas.

Desta maneira, vislumbrando outros olhares para a bola nos pés, que não se resume a habilidades técnicas, desempenho esportivo, métodos de treino e o frequente estímulo à competição exacerbada. O que pretende é tornar visível o potencial educativo dos futebolis, em especial, o *Fútbol Callejero* - que se considera uma prática social da qual decorrem processos educativos perpassantes a relações estabelecidas ao vivenciar este jogo em diferentes tempo-espacos (Belmonte; Gonçalves Junior, 2018).

Os autores situam e contextualizam que o surgimento do *Fútbol Callejero* se deu em uma região empobrecida da periferia da área metropolitana de Buenos Aires, Argentina, justificando assim, o título do artigo, pois esta prática fora criada e pensada no *Sul*, geográfico e epistemológico. Afirmam que Fabían Ferraro, um ex-jogador de futebol profissional, foi quem estruturou a prática em questão que tem como premissa três valores:

- **Respeito:** a outrem e aos acordos e regras combinados pelos(as) participantes durante toda a prática;
- **Cooperação:** entre todos e todas participantes da prática, em oportunidades equitativas de receber a bola, de participar das jogadas, de se engajarem no ataque e/ou na defesa, enfim, de plenamente jogar;
- **Solidariedade:** ações empreendidas na tentativa de tornar o jogo mais justo e equilibrado, dirimindo as diferenças e contribuindo com o bom andamento da partida (Belmonte; Gonçalves Junior, 2018, p. 157).

O contexto do artigo posto em diálogo se dá em uma parceria entre os projetos “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” e “Mais Que Futebol” (VADL-MQF), que conta com apoio financeiro da *terre des hommes Alemanha* (tdhA) e se dá na cidade de São Carlos, nos quais frequentam crianças de 7 a 17 anos, sendo a maioria dos(as) participantes residentes em bairros periféricos. Para a coleta dos dados, os registros foram elaborados a partir de diários de campo, correspondentes ao período entre os meses de agosto a dezembro de 2016 (Belmonte; Gonçalves Junior, 2018).

A análise dos dados esteve assentada no referencial da fenomenologia, a qual possibilitou:

[...] a articulação entre diferentes unidades de significados (provenientes de distintos participantes e de distintos diários de campo), as quais formaram convergências e/ou divergências, possibilitando a construção da categoria temática “*Fútbol Callejero* é para ser mais!” (Belmonte; Gonçalves Junior, 2018, p. 168).

A partir do percurso metodológico foi possível tecer algumas compreensões acerca do *Fútbol Callejero* sob a ótica de quem o vivencia, oportunizando o encontro de subjetividades a fim de que os(as) envolvidos(as) possam ser mais. Os autores ainda anunciam o *Fútbol Callejero* como uma motricidade emergente (Belmonte; Gonçalves Junior, 2018).

A partir desse momento da revisão de literatura iniciaremos diálogo com as dissertações de mestrado, sendo que a primeira tem o título: “Escola e futebol no campo do neoliberalismo” e teve os seguintes objetivos:

Analisar como ocorre a relação entre futebol, educação e neoliberalismo dentro do espaço escolar; perceber como as crianças, no ambiente escolar, se apropriam e reproduzem o futebol enquanto práxis neste espaço; compreender como os professores de Educação Física planejam esta atividade esportiva no meio curricular (Alves, 2015, p. 25).

O autor utilizou como método principal a etnografia; para coleta dos dados foram consideradas aulas de futebol no ambiente escolar com turmas do 6º, 7º, 8º e 9º ano de três diferentes escolas da cidade de Criciúma/SC (Alves, 2015).

Quando se empreende pesquisa com futebol, independente do espaço, a participação de meninas é sempre menor, no ambiente escolar parece ser mais acentuada essa percepção; nos poucos momentos em que os(as) educandos(as) estão ociosos, geralmente no recreio, os meninos se juntam para, mesmo com latinhas de alumínio, brincarem e vivenciarem tal prática, conforme relatado pelo autor: “Em relação às práticas esportivas nos períodos que antecedem as aulas ou na hora do recreio, o futebol é literalmente a regra nas quadras das escolas” (Alves, 2015, p. 113).

No que tange às meninas, Alves (2015) pondera que: “É importante esclarecermos que não presenciamos, em nenhuma das três escolas, jogos de meninas durante o recreio ou antes das aulas” (p. 113).

Seguindo com as análises, o autor pôde constatar que entre os meninos é comum o desejo de seguir o futebol como profissão, aliando ao que se sugere no título da dissertação sobre o neoliberalismo, ou seja, o futebol como mercadoria que ao longo dos anos vem crescendo; para se ter uma ideia a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), está presente em 209 países, enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU) em 192 nações (Alves, 2015).

Um dado que chama atenção, pois no *Fútbol Callejero* as equipes são mistas¹², parte do relato de meninas que dizem gostar de futebol, mas que não se sentem bem com as equipes mistas, pois: “[...] quando é menina com menina ainda vai, mas quando é menina e menino misturado não dá, pois, os meninos não passam a bola pra nós. Sem contar que eles às vezes são muito cavalões” (Alves, 2015, p. 121). Nos espaços em que são desenvolvidos encontros com *Fútbol Callejero* há semelhança com os discursos das meninas¹³.

O autor considera que: “[...] ainda é possível encontrarmos o brincar de jogar bola em muitos momentos” e: “[...] para que possamos implementar uma pedagogia do futebol na perspectiva emancipatória, é fundamental rompermos as amarras do capitalismo que invariavelmente levam à barbárie”, nesse ínterim: “[...] avaliamos ser importante ensinar atitudes de solidariedade, cooperação e convívio respeitoso com o outro a partir do futebol” (Alves, 2015, p. 133-134).

Passamos agora a nos deter à dissertação intitulada: “O estudante-atleta: desafios de uma conciliação” a qual objetivou: “[...] analisar a relação que as escolas constroem com os atletas, mediante a simultaneidade da formação esportiva” (Conceição, 2015, p. 19).

A pesquisa se desenvolveu em Florianópolis/SC, em colaboração com dois times de futebol, a saber: Avaí e Figueirense. Nesses times o autor acompanhou a rotina dos meninos das categorias de base com idades entre 14 e 17 anos. Como se trata de estudante-atleta, o autor também acompanhou as atividades dos jovens em suas respectivas escolas. Trata-se de duas escolas públicas que mantêm acordo com os times de futebol supramencionados (Conceição, 2015).

A metodologia utilizada foi a etnografia, para coletar os dados utilizou-se diários de campo e entrevistas.

Quando se trata de jovens que tentam construir carreira no futebol e chegar a jogar profissionalmente em clubes da elite brasileira, as incertezas figuram mais do que as certezas, é por isso que quando se tem uma oportunidade na categoria de base de um time da série A, o foco é direcionado em desenvolver as habilidades motoras inerentes

¹² No *Fútbol Callejero* meninos e meninas jogam juntos(as), ou seja, dividem o mesmo espaço de jogo.

¹³ Sobre essa informação é possível consultar em:

VAROTTO, Nathan R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LEMOS, Fábio R. M. “Fútbol Callejero”: processos educativos emergentes da prática social da mediação. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 91-100, 2017.

OLIVEIRA, Maria C. D.; GRIFONI, Tiago; VAROTTO, Nathan R. Participação de meninas no *fútbol callejero*: intervenção na educação física escolar. **Motricidades: Rev. SPQMH**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2020.

ao futebol e a educação escolar fica em segundo plano, ou seja, mero cumprimento de tabela e sobre isso é possível perceber na discussão dos resultados em trecho da entrevista com um jovem que atua pelo Figueirense: “Não adianta ser inteligente pra caramba e não ter habilidade, acha que eles vão querer o que?” (Conceição, 2015, p. 56).

Ao descrever a relação entre a escola e os jovens, a partir dos diários de campo, o autor traz relatos de uma distância entre os sujeitos e a instituição, pois subjetivamente, há um tácito acordo de, por parte da escola, “suavizar” o conteúdo e também as cobranças referentes à presença nas aulas, que são afetadas pelas sucessivas viagens para jogar em outras cidades em decorrência dos campeonatos; e por parte dos jovens a irem à escola, quando possível (Conceição, 2015).

O autor tece suas considerações rememorando os caminhos percorridos durante o desenvolvimento da pesquisa e destaca que: “a formação de atletas ‘à brasileira’ investe maior tempo na formação para modalidade, e nela a escola não é reconhecida como base complementar” (Conceição, 2015, p. 119).

Na sequência será estabelecido diálogo com dissertação intitulada: “O futebol Munduruku: um jogo estratégico nas relações interétnicas e interculturais em Juara-MT”, a qual teve como objetivo:

[...] compreender a prática do futebol, suas manifestações dentro do contexto da educação na relação intercultural e das políticas públicas de esporte e lazer indígena como promoção sociocultural e afirmação da identidade para o povo Munduruku da Terra Indígena Apiaká/Kayabi (Nascimento, 2015, p. 19).

O autor se baseou na etnografia e para coletar os dados foi utilizada entrevista semiestruturada que conteve perguntas sobre: “[...] a prática do futebol, horário de jogo, sua inserção na aldeia, quem joga e qual o sentido do mesmo para a pessoa e comunidade (Nascimento, 2015, p. 39).

As pessoas participantes desta pesquisa são indígenas do povo Munduruku, residentes na Terra Indígena Apiaká/Kayabi, situada no município de Juara, no Estado de Mato Grosso. Segundo Nascimento (2015) os Munduruku são originários da região do Alto Tapajós no Estado do Pará, porém por motivos socioeconômicos e culturais migraram para o centro-oeste brasileiro.

No desenvolver da pesquisa foi possível notar que o futebol praticado pelos indígenas do povo Munduruku não leva em consideração as técnicas de jogo quando

jogado entre si, porém quando envolve a participação em algum campeonato há a preocupação em relação às técnicas do futebol moderno, como destacado em um trecho da entrevista concedida por Marcelo Manhuari Munduruku:

A diferença está na atitude e intencionalidade. Na aldeia, o jogo é com os jovens e, muitas vezes, jogam os mais velhos contra os mais novos. Tem um caráter comunitário de jogo de bola, de educar, de brincar, de divertir; quando é no campeonato (ou fora da aldeia) é diferente, tem que mostrar que conhece as técnicas, tem que formar o time com os melhores para representar bem a comunidade; quando na aldeia tem que aprender o que é próprio da comunidade e o que é para ser usado nela (Nascimento, 2015, p. 93).

Há diversas maneiras de compreensão acerca do futebol, que o torna fenômeno plural, dentre essas maneiras diversas, uma é relatada pelo entrevistado Jones A. Krix: “Aqui nós falamos jogar bola, porque quando fala futebol para nós é coisa profissional, com mais regras. Nós falamos ‘vamos jogar bola, vamos brincar de bola’” (Nascimento, 2015, p. 93).

Outro ponto a ser destacado é a participação de meninas no futebol, quando são crianças participam de times mistos, pois compreendem: “[...] que não há uma separação por sexo nessa fase” (Nascimento, 2015, p. 104). Com o passar dos anos há a divisão por gênero nos jogos, mas elas não são impedidas ou não incentivadas a vivenciar o futebol, como observado em algumas pesquisas desta revisão de literatura.

Como parte das considerações Nascimento (2015) pondera:

[...] que um projeto de sociedade de respeito ao outro, deve ser construído com outro, num bate-bola dialógico. Onde o outro não pode ser mais um alheio ao projeto que construímos ou que dele estamos inseridos. O que está em jogo não é só a sobrevivência, mas um projeto de vida (p. 143).

Dando continuidade no diálogo com as dissertações, passaremos a dialogar com a pesquisa intitulada: “Jogando bola, fazendo história: a educação no bairro dos coelhos (2008-2012)”, que teve como objetivo: “[...] analisar, historicamente, as contribuições dos indivíduos e do grupo da sociedade civil participante do *Projeto Sócio Esportivo Formando o Amanhã* para o processo civilizador dos moradores e moradoras do bairro dos Coelhos” (Queiroz, 2016, p. 18-19).

O autor se pautou na história oral como metodologia e justificou tal escolha, dizendo que: “A história oral possibilita acessar os fatos significativos registrados na

memória dos atores do processo em análise, e por essa razão essa metodologia foi adotada” (Queiroz, 2016, p. 20).

Para coleta de dados o autor utilizou entrevista semiestruturada e para analisar os dados coletados fez uso da análise do discurso.

Cabe salientar que o bairro Coelhos, citado no título do trabalho, situa-se na periferia da cidade de Recife, capital do Estado de Pernambuco; os anos de 2008 e 2012, que também constam no título, o ano de 2008 diz respeito ao início das atividades do projeto social, denominado “Projeto Sócio Esportivo Formando o Amanhã”, enquanto 2012 marca a delimitação temporal para o estudo e: “[...] até esse ano a ação vinha sendo desenvolvida por iniciativa e participação de um grupo de amigos onde todos eram única e exclusivamente moradores do bairro” (Queiroz, 2016, p. 19).

No contexto do universo pesquisado, o futebol tinha papel principal no projeto social, pois além dos treinos, integrava a comunidade e a partir do jogo dialogava-se sobre outros assuntos. Na pedagogia Freireana, podemos considerar o futebol do bairro Coelhos, como um tema gerador (Freire, 2013), no qual, segundo a interpretação do autor de uma entrevista com uma educadora social que atua no “Projeto Sócio Esportivo Formando o Amanhã”, ponderou que: “[...] as atividades esportivas realizadas, através da utilização do futebol, atraem os moradores e moradoras do bairro para os debates e palestras realizados [...]” (Queiroz, 2016, p. 143).

O autor encerra o estudo considerando que:

[...] o *Projeto Sócio Esportivo Formando o Amanhã*, dentro da configuração do bairro dos Coelhos, se constituiu como um centro indicador de alternativas, *lócus* de resistência à lógica do individualismo e base potencializadora de novos projetos de vida, todos, materializada dentro de uma iniciativa educacional que através de uma escolinha de futebol vem transformando vidas, e com isso, fazendo história, fazendo a educação pelo futebol no bairro dos Coelhos (Queiroz, 2016, p. 151).

A próxima dissertação “O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do barreiro, em Belo Horizonte”, que a partir do objetivo geral buscou:

[...] avaliar se a oficina de futsal oferecida em um projeto social da região do Barreiro, especificamente no bairro Novo das Indústrias tem conseguido, através de suas práticas pedagógicas, organizar-se como

um espaço que favoreça o processo educativo e de lazer para as crianças e adolescentes (Fernandes, 2016, p. 16).

A autora realizou pesquisa com abordagem qualitativa, para coleta de dados utilizou entrevista semiestruturada com crianças e jovens participantes do projeto social e para analisar os dados ancorou-se na análise do discurso (Fernandes, 2016).

O espaço em que se desenvolveu o estudo foi em um bairro periférico da cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, tendo a “Associação Helil de Amparo à Criança” como objeto de pesquisa. Trata-se de uma entidade filantrópica que, naquele momento, atendia cerca de 70 pessoas por mês, oferecendo oficinas de futsal, culinária, brincar, flauta etc. (Fernandes, 2016).

Conforme anunciado no título da dissertação em análise, bem como no objetivo, sobre o futsal como espaço que favoreça processos educativos e de lazer, a autora apresenta trechos de falas de crianças e jovens entrevistados(as) acerca do entendimento do que significa o lazer.

A percepção de dois participantes foi a seguinte:

- Lazer? Não sei deve ser coisa tipo jogar bola, brincar no parque, jogar futebol igual a gente faz na Helil. (P1 – 9 anos).
- Lazer é uma coisa que nós temos que divertir que igual aqui na Helil muita convivência com todos que nós aprendemos muitas coisas pra mim isso que é lazer. (P2 – 10 anos) (Fernandes, 2016, p. 57).

Sobre os trechos acima destacados a autora, ao analisar os discursos, destaca aproximação com o lúdico e o brincar, bem como a oficina de futsal vista, pelos participantes, como um espaço de fruição de lazer (Fernandes, 2016).

Outro dado apresentado pela autora, diz respeito ao que o futsal tem contribuído para além das quadras e um participante diz: “[...] eu posso ajudar os outros saber ganhar saber perder o que nós devemos fazer quando o outro machucar ajudar o outro sem ver a quem muitas coisas que nós aprende aqui que pode fazer no dia a dia. (P3 -12 anos)” (Fernandes, 2016, p. 75).

Ao tecer suas considerações sobre a pesquisa a autora destaca o respeito a si mesmo, a solidariedade e o exercício da cidadania como alguns dos processos educativos e assevera que a oficina de futsal: “[...] constitui-se num espaço de ricas possibilidades de ensinamentos e aprendizagens para todos, bem como de muitos desafios a serem superados” (Fernandes, 2016, p. 79).

Passamos agora a dialogar com a dissertação intitulada “Corpo/corporeidade e a pedagogia do esporte nas categorias de base de futebol: ausência/presença a beira do campo”, que teve como objetivo: “[...] analisar os sentidos de corpo/corporeidade e de pedagogia do esporte que estão presentes nos discursos e nas ações pedagógicas dos treinadores e auxiliares técnicos que militam nas categorias de base de futebol brasileiro” (Lima, 2018, p. 13).

O autor se baseou na fenomenologia, mais especificamente no fenômeno situado como metodologia e análise dos dados; para a coleta dos dados foi utilizado diário de campo (Lima, 2018).

Além de a fenomenologia figurar como metodologia científica, também é uma corrente filosófica existencial que rompe com o Cartesianismo e a visão mecanicista das existências, entre elas, corpo. Merleau-Ponty (2011) deixa um legado a partir de seus escritos sobre corpo e motricidade, os quais serviram como base epistemológica para a pesquisa em diálogo, principalmente a partir dos conceitos de corpo e corporeidade.

O autor se inseriu em dois clubes de futebol profissional do Estado de São Paulo que mantêm times das categorias de base, o nome dos times não foi revelado com intuito de manter sigilo (Lima, 2018).

A partir da análise dos resultados o autor percebeu que no meio futebolístico ainda impera a visão dualista do corpo, conforme pode-se observar no trecho a seguir:

Detectamos certa visão dualista de corpo em seu discurso ao adjetivar um atleta como perfeito e admirado por ele como uma máquina. Por ser muito disciplinado, obedecer a ordens sem contestá-lo e se dedicar ao máximo nos treinamentos, o treinador o caracterizou como um robô, uma máquina muito eficiente. Entretanto, ele destacou um “defeito” em seu atleta ao dizer que a sua “parte” psicológica não era muito eficiente, pois segundo ele o atleta não sabia lidar com o erro. Problema destinado ao departamento psicológico do clube para possível solução, pois ali, apenas a *performance* física, tática e técnica é de sua responsabilidade (Lima, 2018, p. 99).

Ao construir as considerações acerca do estudo Lima (2018) pondera que:

As ações pedagógicas [...] nos levaram a perceber que ainda temos muito a fazer para chegarmos a um processo de ensino aprendizagem do futebol que não desconsidere o corpo sujeito e toda sua sensibilidade e complexidade [...]. Temos de acreditar na possibilidade de um processo de ensino-aprendizagem do futebol mais humano, no qual os atores principais apresentem cada vez mais prazer em seus treinamentos, “usando e abusando” da ludicidade, do carinho e da

sensibilidade, propiciando desta forma a manifestação da corporeidade e de uma pedagogia do jogo centrada no humano (p 117).

A antepenúltima dissertação desta revisão de literatura intitulada “História de vida de ex-jogadores profissionais de futebol: qual o valor da educação formal?”, objetivou: “[...] analisar, por meio da fala dos entrevistados como se realizou o processo de educação formal ao longo de sua vida” (Pedroza Júnior, 2018, p. 18).

A metodologia utilizada foi a história oral, o local de coleta de dados foi a cidade de Recife, capital do Estado de Pernambuco, participaram da pesquisa ex-jogadores de futebol que atuam pelos três principais times recifenses, a saber: Clube Náutico Capibaribe, Sport Club do Recife e Santa Cruz Futebol Clube. O método para coleta dos dados foi entrevista semiestruturada e para analisar os dados valeram-se da análise de conteúdo (Pedroza Júnior, 2018).

O autor destaca que ao longo de uma tentativa de carreira em grandes times de futebol, desde a juventude, deixam de priorizar a escola para se dedicar, exaustivamente, aos treinos e campeonatos, visando ascensão social e prestígio no esporte, como podemos perceber no trecho de uma entrevista:

Eu tinha essa dificuldade já no início ali, desde os meus 13, 14 anos de fazer essa conciliação, exatamente porque começou a aumentar a cargas de treino e de responsabilidade. [...] fui criando essa responsabilidade com os treinos e isso, em determinados momentos, tirava o foco dos estudos (IVAN, entrevista, 2017) (Pedroza Júnior, 2018, p. 98).

Diante do contexto da pesquisa o autor considera que:

Ainda assim, de acordo com os resultados, de maneira geral, nossa hipótese inicial do estudo foi parcialmente desconstruída. Entendemos nesse caso específico que não houve desvalorização da educação formal por parte dos entrevistados enquanto atuaram profissionalmente como jogadores de futebol, mas percebeu-se, na verdade, até com certa clareza, a grande dificuldade de conciliação entre as duas formações (Pedroza Júnior, 2018, p. 123).

Iniciaremos análise da dissertação intitulada “O ensino dos saberes conceituais críticos do futebol entre jovens estudantes do ensino médio nas aulas de educação física” que teve como objetivo: “[...] analisar como os jovens compreendem os vínculos do esporte na sociedade a partir de uma abordagem crítica do conteúdo futebol na

Educação Física escolar, partindo de um processo de intervenção de uma Unidade didática da modalidade” (Ferreira, 2018, p. 25).

O autor teve com base metodológica a pesquisa-ação; a intervenção foi feita em uma escola pública de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, a partir de uma unidade didática composta por 16 aulas, no componente curricular Educação Física, os instrumentos de coleta de dados foram o diário de aula e roda de conversa e para analisar os dados foi utilizada a construção de categorias (Ferreira, 2018).

Dentre os temas, tendo como base o futebol desenvolvido nas aulas, o autor utilizou o *Fútbol Callejero* como: “Apresentação de outras maneiras de se pensar e jogar futebol [...] Vivência da prática social do *Fútbol Callejero*” (Ferreira, 2018, p. 63)

Em discussão e resultados o autor apresenta trechos dos diários de aula e quando se faz referência ao *Fútbol Callejero*, os(as) discentes passam a refletir criticamente sobre o futebol e suas possibilidades, conforme excerto a seguir:

[...] Tô falando que o futebol que a gente joga aqui assim, ou o que a gente vê, eu particularmente gostei mais desse. Os “joguinhos”, o de hoje, são bem mais “top” do que depois que inventaram as regras. Eu achei legal as regras que a gente colocou pro jogo. Tô falando na minha opinião, fica bem mais legal (Ferreira, 2018, p. 89).

Ao tecer suas considerações, o autor chama atenção para o futebol desenvolvido dentro das escolas, nas aulas do componente curricular Educação Física, considera não apenas o jogo pelo jogo, mas sim o trato pedagógico e educativo que perpassa o futebol, bem como os saberes críticos e conceitos deste jogo (Ferreira, 2018).

Estamos nos encaminhando para o fim desta revisão de literatura, nos debruçaremos ao estudo de duas teses; iniciaremos pela tese intitulada “Um mundo em vários movimentos: uma etnografia sobre futebolistas de base”, que objetivou: “[...] discutir o processo de formação de jogadores de futebol, que denomino aqui de ser-futebolista, no contexto das categorias de base do futebol profissionalizado” (Palmiéri, 2015, p. 35).

A metodologia utilizada foi a etnografia, o autor se inseriu e a acompanhou a rotina de alguns clubes de futebol (especificamente o futebol de base). No Brasil foram quatro: São Carlos FC, Vasco da Gama, Clube Atlético Paranaense e Clube Atlético Penapolense; no Uruguai dois: Club Nacional de Fútbol e Danubio FC (Palmiéri, 2015).

O autor seguiu a rigor sua proposta metodológica e descreveu as minúcias contidas em diferentes momentos da vida futebolística de jovens entre 15 e 19 anos;

desde a espera do ônibus para o treino, até as estratégias de jogo em um campeonato. Com desenvolvimento da leitura é perceptível que o universo do futebol de base é incerto e com descontinuidades, pois são muitas trajetórias, dons, realidades e contextos, que transpassam subjetivamente pelo futebol e vão muito além das quatro linhas, mas nunca têm um ponto final (Palmiéri, 2015).

Nas considerações finais da pesquisa Palmiéri (2015) diz que:

As vidas dos futebolistas de base, assim, são como linhas que tem o final em aberto justamente porque aqui não se viu final já que as coisas estavam e ainda estão ocorrendo. Linhas que podem se tocar e se entrelaçar, formando nós e superfícies onde, de novo, as coisas tomam lugar. No limite, esses futebolistas crescem ao agregar elementos justamente quando percorrem os caminhos inerentes a seus mundos (p. 269).

Outra tese a compor esta revisão de literatura tem como título “Ser ‘daqui’ ou ‘de fora’: hierarquias, descontinuidades e trânsito no futebol não profissional de Florianópolis”, a qual o objetivo foi: “[...] identificar, descrever e analisar sentidos e significados atribuídos à prática de futebol não profissional, apontando os principais deslocamentos em relação à versão universalista deste fenômeno esportivo” (Invernizzi, 2018, p. 19).

Assim como em outras pesquisas, a metodologia utilizada foi a etnografia, valendo-se da observação participante, tendo como método de coleta de dados: diários de campo e tendo realizado a análise dos dados a partir de categorização (Invernizzi, 2018).

A autora se deteve ao estudo do futebol amador na cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Segundo Invernizzi (2018) este tipo de futebol é:

[...] praticado em bairros urbanos, comunidades rurais, clubes populares, praticado de forma organizada por clubes e federações, mas sem o vínculo profissional de seus participantes, configurando o esporte em sua radicação local, aparentemente subterrânea, pouco visível, se considerarmos a importância material e simbólica da prática profissional (p. 33).

O estudo teve como organização para discussão dos resultados a organização de quatro categorias temáticas. Os respectivos temas são: a) Futebol no Plural: entre a pelada e o profissional; b) A relação clube e comunidade: o alento do resgate, repartição

e reconfiguração; c) “Eles são do bairro, porém não sou daqui”: todos iguais, mas uns mais iguais que outros e d) Trânsitos, projetos e sentidos (Invernizzi, 2018).

As categorias trazem relatos contidos nos diários de campo e contam com uma linearidade de acontecimentos e desdobramentos no que tange ao futebol amador na cidade de Florianópolis.

Ao tecer as considerações do estudo a autora diz que:

[...] no decorrer das categorias, ponderando as singularidades, percebe-se que são imagens dissonantes, não se constituindo como fragmentos, mas como imagens que se complementam, ou seja, são vários *futebóis* que compõe o futebol não profissional em Florianópolis (Invernizzi, 2018, p. 242).

A compreensão plural do futebol vem sendo abordada sob diferentes perspectivas, no estudo anterior figurou no futebol amador, na próxima pesquisa, uma dissertação de mestrado, os *futebóis* foram abordados no ambiente escolar, sob o título “Implementação de um currículo dos *futebóis* para a educação física nos anos finais do ensino fundamental”, escrita por Mariama Silva Gouvêa Barreto (2023).

O estudo objetivou: “Investigar a elaboração de um currículo dos *futebóis* para a Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental (Barreto, 2023, p. 20), para isso a pesquisadora utilizou pesquisa-ação, como coleta de dados utilizou diário de aula. Foi aplicada uma unidade didática de 12 aulas, com o tema *futebóis* em uma turma do 8º ano do ensino fundamental.

Nessa pesquisa estão presentes futebol indígena, de refugiados, de 5 (pessoas cegas), de mulheres, de surdos e o *fútbol callejero* (Barreto, 2023), seguindo a compreensão de *futebóis* apresentada no capítulo “Do futebol aos *futebóis*” desta tese.

O *Fútbol Callejero* figura como uma maneira de se jogar futebol bastante profícua, considerando todo seu modo de jogar e pela reflexão geradora de experiências motrizes (Varotto, 2020), o trecho a seguir narra um pouco sobre a inclusão do *callejero* na unidade didática:

Dentre todos os jogos realizados, o Futebol *Callejero* foi o que gerou a maior participação dos(as) alunos(as) e o que eles(as) se sentiram mais motivados(as) e incluídos(as). A proposta dessa metodologia não é apenas realizar um jogo, ela vai além, é uma práxis educativa com potencialidade para que os(as) alunos(as) reflitam de maneira crítica sobre as próprias ações e construam de maneira coletiva um local

acolhedor, inclusivo e solidário, em que o diálogo se torna a base dessa relação (Barreto, 2023, p. 121)

O trecho anterior retrata um pouco da aderência dos(as) praticantes aos *futebóis* enquanto práxis educativa, de maneira comunitária, reflexiva e acolhedora, em analogia a proposta de Freire (2013), como possibilidade para o ser-mais. Também ao refletir valores solidários, que sobrepõe a competição e o ganhar a qualquer custo, permite, como vimos em Varotto e Gonçalves Junior (2023), aprendizagens para o dia a dia para além do campo de jogos, do campo, da quadra.

Chegamos ao fim desta revisão de literatura e o destaque feito na palavra *futebóis* no trecho anterior é oportuno, pois, o fenômeno futebol pode ser apropriado e re-significado de modo contextual. Ainda que, em alguns casos, dados *futebóis* tenham similaridades com o futebol FIFA midiático, pela constante tentativa de imposição desta entidade em sua forma de entender e vender o futebol enquanto produto associado a outros, há diferentes compreensões, olhares, contextos e formas de fruição do futebol, ou como preferimos, dos *futebóis*.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O *Fútbol Callejero* enfatiza e valoriza a rua como espaço de produção cultural em uma perspectiva de resistência e emancipação latino-americana.

Explicitamos entender o tempo-espaço rua de acordo com Almeida e Oliveira (2015), ou seja:

[...] como mediação, onde sujeitos históricos desenvolvem processos educativos como forma de produção, desenvolvimento e reprodução de vida. Ressaltamos que não basta compreender a vida do sujeito isoladamente, mas a vida humana que se constitui nas relações entre pessoas e dessas com o ambiente que circunscreve as possibilidades de desenvolvimento de suas vidas e os sentidos atribuídos a ela, tendo em vista a totalidade mais ampla que a engloba (p. 150).

Nesse sentido, no diálogo com as diversas realidades e subjetividades, acadêmicas e populares, bem como do centro e da periferia, o saber compartilhado: “[...] pode estar [em] uma transcendência que tende para um sentido de comunidade, para um sentimento de dignidade, para a afirmação de existência própria” (Nolasco, 2019, p. 208) e em exercício de ecologia de saberes (Santos, 2010).

Assim, para nós, é prioritário pesquisar *com* e não *sobre* ou *a partir* de outrem, de modo dialógico, ana-lético¹⁴ e descentralizador do eu, situando-nos no mundo em que as existências se dão nas relações com outrem e com o mundo, possibilitando a significação do eu em intersubjetividade.

[...] o diálogo é condição de possibilidade para compreender como, a partir dessa relação dialogal entre humanos, eles se constituem intersubjetivamente, tornando possível a constituição do ser-sendo, da consciência da realidade, da linguagem, da civilização, da história, da cultura (Araújo-Olivera, 2014, p. 62).

Prossegue Araújo-Olivera (2014) que:

No momento em que o *Outro* pronuncia sua palavra, ele se-revela, se descobre, em um duplo movimento de construção: para si mesmo (iluminando sua consciência) e para/com outros. Ao dizer, anunciar-denunciar sua negação, comunicar sua percepção, sua dor, sua emoção, sua paixão, seu sonho, sua luta, restaura a dimensão de humanidade que lhe tinha sido arrebatada, vai além da violência imposta pela não escuta, pela interdição do corpo, palavra, pelo não diálogo; o sujeito se narra, se constrói nessa narração, se re-vela e ao se re-velar provoca e gera a aproximação, encurta distância, gera comum-união (comunidade), constroem-se pontes; a palavra é o contrário (oposto) da violência (p. 67).

Portanto, o ato de educar e educar-se exige profunda abertura a outrem, ter outrem como critério, para que em alteridade, cada qual possa, com respeito e reconhecimento recíprocos, dizer sua palavra, em busca da humanização, da libertação, da transformação da realidade, de ser-mais. Pronunciar:

[...] o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens [e mulheres] (Freire, 2013, p. 45).

¹⁴ O método ana-lético é proposto por Dussel (1974; 1995; 2005), e compreende a necessidade dos movimentos de saber-ouvir, saber-servir e saber-interpretar. Parte de outrem “[...] enquanto livre, como um além do sistema da totalidade; que parte, então, de sua palavra, da revelação do outro e que confiado em sua palavra, atua, trabalha, serve, cria” (Dussel, 1974, p. 196). Surge desde outrem e tem em conta a palavra de Outrem como outrem, em alteridade, ou seja, para saber-interpretar e poder saber-servir devemos partir do absolutamente outrem, pelo nosso inicial silenciar (saber-ouvir).

Destarte, empreender uma pesquisa a partir do referencial teórico da linha de Práticas Sociais e Processos Educativos, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, significa denunciar as mazelas que pessoas marginalizadas passam, bem como, juntos(as) encontrarmos encaminhamentos de superação de situações opressoras para libertadoras.

Nesse sentido as pessoas não devem ser percebidas como objetos de estudo, mas sim como participantes da pesquisa que co-laboram com a investigação realizada. Nesses trabalhos, o compromisso ético e social é ponto de partida e chegada. O retorno à comunidade dos ganhos ou resultados desses trabalhos não se dá exclusivamente no terreno do compartilhamento de informações, mas também na efetiva contribuição social (Oliveira *et al.*, 2014b, p. 122-123).

Tais premissas teórico-metodológicas se dão em diálogo com a fenomenologia, particularmente a abordagem fenômeno situado (Martins; Bicudo, 2005; Bicudo; Espósito, 1997; Garnica, 1997; Gonçalves Junior *et al.*, 2021b), pois conforme Gonçalves Junior *et al.* (2021b) “La atención a la relevancia social de la investigación surge de la comprensión de que toda la producción científica es también un acto político que genera un proyecto de sociedad, de humanidad”¹⁵ (p. 60). Prosseguem os(a) autores(a):

Es el objeto de la fenomenología interrogarse sobre la constitución consciente del mundo, de las cosas, su temporalidad y espacialidad, sobre las relaciones con lo otro, con el fin de conocer y comprender los procesos que constituyen la experiencia humana. La fenomenología es el cuestionamiento del racionalismo, el positivismo y la fragmentación del ser¹⁶ (Gonçalves Junior *et al.*, 2021b, p. 65).

Outro elemento significativo considerado na abordagem fenômeno situado é de visar a compreensão e não a explicação. Segundo Machado (1994):

A preocupação central desta trajetória de pesquisa se dá com o ato de compreender, mais do que explicar o objeto de estudo. A

¹⁵ “A atenção para a relevância social da investigação surge da compreensão de que toda a produção científica é também um ato político que gera um projeto de sociedade, de humanidade” (Gonçalves Junior *et al.*, 2021b, p. 60 – tradução livre).

¹⁶ “É objeto da fenomenologia interrogar-se sobre a constituição consciente do mundo, das coisas, sua temporalidade e especialidade, sobre as relações com outrem, com o intuito de conhecer e compreender os processos que constituem a experiência humana. A fenomenologia é o questionamento do racionalismo, o positivismo e a fragmentação do ser” (Gonçalves Junior *et al.*, 2021b, p. 65 – tradução livre).

fenomenologia significando discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra por si mesmo, enquanto uma práxis ou forma de ação, opera através do método que investiga a experiência, no sentido de compreendê-la e não de explicá-la. Compreender diz respeito a uma forma de cognição que diverge da explicação. Compreender é tomar o objeto a ser investigado na sua intenção total, é ver o modo peculiar específico do objeto existir. Explicá-lo é tomá-lo na sua relação causal (p. 35).

Martins e Bicudo (2005), bem como Severino (2006), destacam que a pesquisa em educação alcançará compreensões mais significativas epistemologicamente se buscar o sentido do fenômeno em um local situado, pois estas percepções – não quantitativas – somente se mostram a partir de alguém. A pesquisa qualitativa, fundamentada na fenomenologia observa: “[...] revalorização do imediato, do singular, do cotidiano, do vivido, do presente, uma vez que é aí que a vida se tece. E é aí que o conhecimento deve acontecer igualmente” (Severino, 2006, p. 6), pois, como afirma Gonçalves Junior *et al.* (2021b), quando o fenômeno a estudar possui o dom da intencionalidade, convém falar em compreensão (deixar que se mostre do interior), ao invés de explicação (análise do exterior).

Toro-Arévalo (2009) e Gonçalves Junior *et al.* (2021b) advertem que em uma investigação pautada na fenomenologia se faz ímpar realizar inserção respeitosa no contexto das pessoas com as quais irá se pesquisar, acercar-se dos(as) participantes do estudo, aqueles(as) que vivenciam o fenômeno em pesquisa, favorecendo a intersubjetividade. Assim, a empatia é fundamental, já que ela possibilita caminho da subjetividade para a intersubjetividade. Se trata de sair de si mesmo e colocar-se no lugar de outrem, com olhar-escuta atenta.

Com tal premissa pedimos autorização para acompanhar as formações de mediadores(as) de *Fútbol Callejero* ao longo do ano de 2019, as quais tiveram lugar na Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) Ação Educativa, situada na cidade de São Paulo (estado de São Paulo, Brasil), organizada pela Rede Paulista de Futebol de Rua (RPFR). Nestas formações os(as) ministrantes do curso são os(as) que neste estudo denominamos(as) formadores(as). Eles(as) ministram o curso para os(as) mediadores(as) que atuam em projetos sociais envolvidos com *Fútbol Callejero* de: Capão Cidadão, Meninos e Meninas de Rua, Obra Social de Apoio Fraternal (OSAF) – Araras, Projeto Piratinhas, Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA) – Sapopemba e Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL). Ressaltamos que nossa inserção se deu após autorização do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres

Humanos (Parecer Consubstanciado no. 4.438.857 - ver Anexo 1) e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice 1).

As formações foram divididas em 6 encontros de 4h, dando 24h de curso. O objetivo foi ofertar um processo formativo contínuo com abordagem das temáticas: (i) Direitos Humanos, (ii) Cultura de Paz, (iii) Relações Étnico-Raciais; (iv) Gênero: Mulheres; LGBTs, (v) Empreendedorismo, (vi) Escrita de Projetos, (vii) Futebol de Rua e Mediação de Conflitos.

Vale destacar que também atuei como um dos(as) formadores(as), a convite de dois dos(as) formadores(as), sendo uma das formações realizada de modo presencial na sede da Ação Educativa e outra de modo virtual, decorrente da pandemia da COVID-19¹⁷, via plataforma *zoom*.

Fora solicitado que tratasse do tema (vii) Futebol de Rua e Mediação de Conflitos, foi uma experiência ímpar essa oportunidade de dividir e construir um espaço dialógico sobre o tema da nossa pesquisa, bem como, o estabelecimento de um vínculo respeitoso, de empatia, de co-laboração e de esperança acerca da formação de mediadores(as).

Nossa inserção foi fundamental para mais e melhor conhecermos os(as) formadores(as), o processo de formação de mediadores(as) de *Fútbol Callejero* e convidar os(as) formadores(as) para realização de entrevistas, a fim de que pudessem colaborar com esse estudo, que teve como objetivo central: analisar, compreender e descrever os processos educativos emergentes da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*, tanto pelo conhecimento de tais formadores(as) em relação ao tema, quanto pelo seu envolvimento e proximidade com o *Fútbol Callejero*. Observamos que os(as) formadores(as) são oriundos de variadas áreas do conhecimento, como poderemos observar no quadro 2.

Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas (ver Apêndice 2), coletadas por gravação de áudio, pois possibilitam a transcrição literal dos discursos pronunciados, o que permite a descrição não interpretada (fala genuína) das experiências dos sujeitos (Martins; Bicudo, 2005; Bicudo; Espósito, 1997; Garnica,

¹⁷ Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde definiu o quadro de transmissão do novo coronavírus (SARS-CoV2) como pandemia após constatar um aumento substantivo na taxa de contágio e do número de mortes em diferentes países do mundo, tendo sido o primeiro caso identificado na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019 (OPAS, 2024). Desde então, passamos a observar o espalhamento da doença (COVID-19) em níveis sem precedentes, bem como as consequências nefastas em diferentes dimensões da vida humana. Em diversos países foi instaurado o isolamento social e tivemos que aprender a realizar algumas tarefas, que até então eram realizadas em diferentes lugares, no interior de nossas casas.

1997; Gonçalves Junior *et al.*, 2021b) que vivenciaram todo o processo da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*.

Convidamos a conceder entrevistas os(as) dez formadores(as) que atuaram nos encontros formativos de mediadores(as) de *Fútbol Callejero* e, destes(as), nove aceitaram. Um deles/as não respondeu aos nossos contatos.

Os(As) entrevistados(as) foram:

Quadro 2: Apresentação Geral dos(as) Colaboradores/as

Nome	Idade	Autodeclaração de raça/cor	Autodeclaração de gênero	Formação/ Instituição/ Ano	Tempo de atuação como Formador(a)
Maira	39 anos	Branca	Feminino	Artes Visuais/ Pública/ 2007	09 anos
Frida	38 anos	Branca	Feminino	Ciências Sociais/ Privada/ 2007	09 anos
Larissa	35 anos	Negra	Mulher cisgênero	Educação Física/ Pública/ 2011	04 anos
Maria	39 anos	Parda	Mulher cisgênero	Administração/Privada/ 2011	09 anos
Jones	29 anos	Branco	Masculino	Psicologia/ Privada/ 2017	04 anos
Marta	29 anos	Preta	Mulher cisgênero	Educação Física/ Privada/ 2017	04 anos
Raifah	37 anos	Preta	Masculino	Psicologia/Privada/ 2016	09 anos
Carlos Mariguella	53 anos	Negro	Hétero	Ciências Sociais/ Pública/ 2012	09 anos
Athos	38 anos	Branco	Hétero	Letras/ Privada/ 2007	09 anos

Fonte: autoria própria

Contexto e caracterização dos(as) entrevistados(as)

Neste tópico apresentamos um pouco da história dos(as) entrevistados(as), seus contextos, suas trajetórias e construções de vida que os(as) fizeram conhecer e

contribuir para o desenvolvimento e fortalecimento do *Fútbol Callejero*, através das formações de mediadores(as) que conduziram em algum momento.

Trechos das histórias aqui narradas nos ajudam a compreender minimamente os contextos, a partir dos fios condutores de diversos pensamentos itinerantes (Fiori, 1991). O pensamento, a partir do momento em que nos lançamos a diferentes maneiras de busca para significar nosso mundo, passa por reconstituições e re-significações a qual asseveramos nosso sentido ao nosso mundo. Mas para isso é preciso considerarmos os diversos olhares e compreensões do mundo; outros pontos de vista e perspectivas.

Ao fazermos esse exercício de considerar os múltiplos olhares e perspectivas, será possível desvelarmos outras essências a partir da existência, paulatinamente, iremos às coisas, a fim de traçarmos diferentes consciências de coisas, pois, um dos princípios da fenomenologia é que a consciência é sempre consciência de algo.

Nesse ínterim, conhecer um pouco de onde partem, como acontece o contato com este futebol, que comumente passa pelo futebol midiático e hegemônico e que após o contato com o *Fútbol Callejero* vislumbram outra possibilidade de compreender a bola nos pés. Assim como elucidado na introdução, quando vemos o futebol sob a perspectiva das Ciências Humanas, passamos a enxergá-lo de outra maneira, bem como, a possibilidade de sua pluralização e diversidade.

A seguir destacamos alguns trechos das entrevistas para ilustrar melhor esta categoria, por exemplo, a entrevistada Maira, que tem sua formação inicial em Artes Visuais e inicia um trabalho no Museu do Futebol, segue seu relato:

[...] quando eu comecei a trabalhar aqui (Museu do Futebol), que é em 2011, como pesquisadora, a minha formação de vida na verdade vinha num caminho de atuar na área de educação, então eu era professora de artes, eu era educadora de exposições, de Museus, trabalhei na bienal, no [...]. Então, pra quem, como eu, que fez graduação em artes visuais, na [...], eu tinha... é... dois caminhos, basicamente né, ou eu ia ser artista plástica ou eu ia ser educadora das artes (Maira).

No entanto, Maira opta por um terceiro caminho e decide seguir como educadora e pesquisadora do futebol e segue refletindo:

[...] acho que quando a gente assume uma vaga, um trabalho (ainda mais esse né, pesquisadora do futebol), não era algo que tava dado como pronto e eu entendia que alguém que faz pesquisa num tá desassociado de alguém que troca, que ensina, que aprende, que ouve, transmite, conversa (Maira).

A partir de seu trabalho no Museu do Futebol é que conhece o *Fútbol Callejero* e passa a ser parceira nos eventos em que os(as) jovens junto com a Rede Paulista de Futebol de Rua ocupavam a praça Charles Miller (local onde está situado o estádio do Pacaembu, em São Paulo), bem como formações de mediadores(as):

Então, é um pouco... a partir de já, já estava há algum tempinho aqui e fazia todo sentido pensar que eu podia trocar, com qualquer pessoa, inclusive com os jovens, com os mediadores, a própria ação educativa né... que convida assim... o Museu, a instituição a participar ali da formação [...], que é um lugar que eu aprendi demais assim, né... conhecer pessoas, que as pessoas estão fazendo, então acho que foi uma continuidade assim, desse processo né, uma vez que eu estava muito perto de experiências diferentes de futebol e eu poderia então, sei lá, trazer coisas... ó existe isso, sabia que mulheres foram proibidas, em fim... tantos temas (Maira).

Trazemos para o diálogo, um trecho da história do entrevistado Raifah, que narra como foi seu início como educador:

A minha trajetória, começo a trabalhar com área de educação, acho que ainda no final da adolescência, eu começo a trabalhar a parte da Educação, né. Então começo esse trabalho com teatro. E...e...e junto com esse trabalho do teatro, eu começo a trabalhar com música, né. E aí a música, eu trabalho até hoje, na verdade. A minha formação hoje é psicologia, né. Trabalho enquanto psicólogo, atendo também, coordeno projeto aqui e... Mas a arte tá sempre, né, entre isso tudo porque tem uma questão muito importante na minha vida que foi um divisor de águas aí, que é a questão de trabalhar com a pesquisa para as culturas tradicionais (Raifah).

A entrevistada Larissa rememora seu contato com o *Fútbol Callejero*:

Então, eu não lembro exatamente por onde foi meu primeiro contato com o *Fútbol Callejero*, eu conheci o *Fútbol Callejero* de duas maneiras: pela cooperação alemã como futebol em três tempo e depois pela Ação Educativa como *Fútbol Callejero*/Futebol de rua (Larissa).

Seguindo o caminho das memórias, relata que: “[...] estava em São Paulo, eu acho que em 2014, [...] e participei do primeiro encontro de futebol e cultura, que foi aqui no Museu do Futebol” (Larissa). A partir desta participação, Larissa se manifesta para que a edição do evento no ano seguinte, seja em sua terra natal, Fortaleza, no estado do Ceará, local onde ela fundou uma organização não governamental, desde

então os laços foram se consolidando, até que Larissa foi convidada para ministrar uma formação para os(as) mediadores(as), como podemos observar no trecho a seguir:

Aí fizemos o evento em Fortaleza, em 2015 já. Só que aí depois... a gente fez o evento, tudo resolvido... teve ainda algumas coisas da rede, mais digitais, mas aí as coisas... é... ficaram mornas, vamos dizer assim, aí depois de muito tempo recebi o convite, acho que foi da Frida, para fazer a mediação lá, participação com empreendedorismo social, foi muito bacana (Larissa).

E desde aqui é possível perceber que as histórias começam a se inter cruzar e estabelecer um grupo coeso e disposto a pensar as formações de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*, desde a diversidade das trajetórias profissionais e pessoais.

O próximo relato ilustra essas linhas cruzadas:

Tudo aconteceu porque eu coordeno a OSAF né, sou coordenador da OSAF, sou formado em Psicologia e desde que comecei a trabalhar aqui, no ano de 2018, eu fui pensando em práticas que ajudariam a alavancar um pouco mais o projeto, foi nessa situação que eu conheci a [...], uma psicóloga que trabalhava no CEDECA e a [...] conhecia a Marta que estava conhecendo o futebol de rua através da universidade (Jones).

E Jones segue dizendo:

Então a minha história de vida ela cruza com o Futebol de Rua nesse sentido né, por essas duas coisas e por conta da chegada dela (Marta) aqui, então comecei a atuar aqui (OSAF) como coordenador em 2018, tendo essa pessoa que fez a ponte entre eu e a Marta, a Marta me apresenta o Futebol de Rua, eu vou buscar também saber um pouco mais e a gente começa a prática aqui de forma voluntária e depois a Marta foi efetivada (Jones).

Marta inicia como voluntária e com o desenvolvimento do projeto de *Fútbol Callejero* na OSAF, consegue ser efetivada e contratada como educadora social; posteriormente junto com Jones, passam a frequentar o curso de formação de mediadores(as) ao que reflete: “Quando eu comecei minha atuação como mediadora, eu me deparei com a diferença de ser professora de educação física e trabalhar com mediação, porque a gente traz essa coisa da licenciatura né, na sala de aula e quando a gente vai pra quadra, pra rua, já é diferente” (Marta).

Para continuar tecendo as histórias dos(as) formadores(as), a próxima é da Maria, uma jovem, moradora de Heliópolis, que nos conta:

Eu comecei, pensando no futebol na minha vida, desde que eu me lembro eu uso esse parâmetro para me definir porque desde que eu me lembro eu jogava futebol, então o futebol entrou na minha vida já na infância mesmo, desde pequenininha, desde criança jogava, passei por todos os preconceitos que as pessoas já ouviram falar, algumas só ouviram falar mesmo, não conseguiram passar porque só sabem a parte da história e em fim, sempre segui jogando, segui esse caminho, fiquei um tempo sem jogar, tive depressão, passei por algumas coisas e fiquei sem jogar, voltei pra vida tipo... “social” para atuar nessas coisas quando eu conheci a UNAS que eu fui trabalhar lá (Maria).

O relato de Maria, nos conduz para um cenário de preconceitos que permeia o futebol tradicional e que a partir das vivências e das formações de mediadores(as), buscamos superar, visto que no *Fútbol Callejero* meninos e meninas jogam juntos(as) (Rossini *et al.*, 2012) e gênero é uma temática recorrente nas formações de mediadores(as).

O entrevistado Carlos Mariguella, nos diz como percebeu e ocorreu seu envolvimento com o *Fútbol Callejero*, conforme segue:

E a experiência com o *Fútbol Callejero* foi uma experiência muito interessante porque eu tive que aprender enquanto fazia isso né, ou seja, utilizando toda a nossa experiência, toda a bagagem que nós temos relacionada as questões sociais, as questões periféricas, as questões relacionadas as comunidades em vulnerabilidade social (Carlos Mariguella).

A seguir, Frida que atuou como coordenadora de projetos e por isso, no início, tinha uma função mais administrativa e de captação de recursos, nos conta como se deu sua aproximação com o *Fútbol Callejero*:

Bom, minha história de vida tem muita relação com o futebol [...], mas eu joguei futebol na minha adolescência, depois tive que parar e fui frequentar bastante estádio e tal, até que em 2014 eu fui convidada pela Ação Educativa para trabalhar no mundial de Futebol de Rua [...] toda essa trajetória que depois do mundial se tornou o evento e a Copa América e as redes (Frida).

E prossegue:

Bom, eu também fui conhecer a metodologia lá em 2014, quando o Athos e Rodrigo [...] depois a gente tenta alguns editais, aí tem o Juventude Viva, acho que é um passo importante assim, para a consolidação porque os mediadores também começam a receber, a pensar nessa estratégia de polos enfim e a minha participação, ela sempre foi uma participação meio que de coordenação né, então uma participação um pouco distante da prática em si né, porque teve esse período de conexão da Ação Educativa com essa prática; que que acontece, não era eu que ia até os locais e tal, porque eu fazia outras paradas na Ação Educativa (Frida).

No trecho anterior, a entrevistada relata sobre um projeto chamado Juventude Viva que previa o pagamento de uma bolsa para que os(as) mediadores(as) pudessem frequentar as formações, visto que são jovens residentes nas periferias de São Paulo e sempre houve essa preocupação em conseguir uma ajuda financeira pra que estes(as) jovens conseguissem frequentar.

Passamos agora a conhecer um pouco da história do entrevistado Athos, que foi o primeiro, dentre os(as) entrevistados(as), a ter contato com o *Fútbol Callejero*, em 2013, nos trechos a seguir Athos conta sobre sua formação: “[...] eu fiz Letras pra começar a fazer... depois fazer jornalismo, que eu gostava, e depois que eu fiz o estágio, nunca mais saí da educação” (Athos).

Para que fosse possível cursar Letras, Athos tinha bolsa pelo programa Escola da Família e sobre isto relata: “[...] pra eu fazer [...] minha primeira graduação, eu fiz pelo programa Escola da Família. E aí, a gente tinha que trabalhar aos finais de semana pra pagar essa bolsa (Athos).

Este trabalho que era realizado aos finais de semana em uma unidade escolar, previa a elaboração e execução de alguns projetos, ao que: “[...] o Haroldo de Azevedo, e quando eu cheguei lá, tinha já um grupo de futebol, masculino mesmo. E aí, eu cheguei com a ideia de pegar um horário na quadra pra fazer o futebol com as meninas” (Athos).

O entrevistado segue sua reflexão sobre o projeto:

Então, o projeto, ele tinha como... principal objetivo era trazer mais meninas pra frequentar os projetos da escola de final de semana. E aí, eu tive a parceria *dum* outro colega também que tava iniciando naquele ano na escola, também não era da área da educação física, nem eu e nem ele, só que vem muito da minha experiência, porque eu joguei muito... joguei muito tempo... joguei muito tempo em clube, negócio assim de... sabe? De ah, clube escola, time do CDC, o próprio time da escola quando eu estudei lá no Vila Isabela, lá na Vila Califórnia também, treinava com a molecada (Athos).

A partir destes relatos percebemos que o entrevistado voltou sua atenção às meninas, para que pudessem fazer parte dos projetos na escola, mais do que isto, que tivessem lugar na quadra da escola para jogarem futebol; em um dos estudos que compõe a revisão de literatura, mais precisamente uma dissertação de mestrado, intitulada “Escola e futebol no campo do neoliberalismo”, o autor, pondera que nas três escolas em que se inseriu para a coleta de dados do estudo, não observou a participação de meninas quando se tratava de futebol (Alves, 2015), ainda sem ter contato com o *Fútbol Callejero*, Athos já tinha o ímpeto *callejero* de agir ao propor este projeto.

Após terminar o curso de letras, o entrevistado passa a trabalhar no Projeto situado na zona leste da capital paulista, sobre isto relata:

Aí, quando eu já tava formado, [...] o [...] que ia sair do projeto aqui, que ele ia... ele tinha arrumado um trampo acho que lá na Rússia, um negócio assim, ele ia sair e aí, eu conheci o [...] também da... ele também trabalhava na Escola da Família, aí o [...] falou pro [...] do meu trabalho: “pô, Athos, não sei o que, trabalha com a molecada lá” e o [...] foi, me chamou pra conversar, e daí a gente remodelou o projeto, porque tinha como grande objetivo também atender o pessoal de medidas socioeducativas (Athos).

E foi quando estava atuando em um projeto social, que o Athos foi apresentado ao *Fútbol Callejero* e convidado a ser técnico da seleção brasileira para o Mundial de Futebol de Rua que aconteceu em 2014 em São Paulo.

A próxima história é a do entrevistado Raifah, que atualmente trabalha em projeto situado na zona leste da cidade de São Paulo, ele diz:

[...] nos anos 90, a gente pegava, juntava todo mundo, tinha todo um ritual pra fazer o campinho, né. Então, opa, como tava numa...numa questão de construção das casas ali aonde eu morava, em Ribeirão Pires, então, às vezes, pegava e deixava o terreno plaininho porque ia passar uma rua, vixe, ali já virava um campinho, véio. Aí era todo um ritual, né, de cortar lá a madeira certinha. “Ah, pega a cavaleira do pai lá escondido porque não podia...” Sabe?! Porra, era muito louco esse ritual de fazer o campinho, de criar as regras, né, de ter o time de próximo ali esperando, né, os campeonatos, a rua de cima contra rua de baixo. Então muitas coisas que a gente vivenciou como meninos e depois aqui foi quase que é essa...esse resgate mesmo, né. Claro que eu não ‘tô falando de todos os formadores, mas assim, acho que quem tem uma história acho que muito parecida, o Athos, história um pouco disso também, a minha história, né, o próprio Carlos Mariguella que vem do Nordeste e teve essas vivências também muito parecidas com as minhas. É... A gente começa a olhar o quanto a gente, também, não

se tinha uma questão pedagógica por trás disso, né, de escrita sistematizada, mas havia um fazer pedagógico naquilo, só que a gente, enquanto molecada, não sabia, porque é natural (Raifah).

Histórias que criam conexões, conduzidas pelos fios condutores de diversos pensamentos itinerantes (Fiori, 1991), que constroem os seres encarnados que dão vida a estas magníficas e distintas histórias; se unem para pensar o futuro de jovens periféricos, em como estabelecer outra relação com o futebol, que outro futebol é possível e que se estabelecem processos educativos nas formações de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*, esta seção emergiu para contextualizar as relações dos entrevistados(as) com o objeto de estudo desta tese.

A seguir apresentamos o roteiro de entrevista, para em seguida nos deter na descrição da análise dos dados, a partir da fenomenologia, abordagem fenômeno situado.

- 1 – Comente acerca de sua história de vida e possíveis relações com sua ação como formador/a de mediadores(as) de *Fútbol Callejero*.
- 2 – O que é isto, para você: formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?
- 3 – O que significa para você atuar como formador(a) de mediadores(as) de *Fútbol Callejero*?
- 4 – Qual sua compreensão das relações entre o Futebol convencional/midiático e o processo de formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?
- 5 – Quer acrescentar algo a sua entrevista?

Ao analisar os dados, visando compreender significativamente o fenômeno situado, decorrentes das entrevistas, foram traçados dois caminhos, a saber: análise ideográfica e nomotética. A análise ideográfica consiste em destacar unidades de significado, que decorre de inúmeras leituras dos dados com intuito de compreender as experiências das pessoas que colaboraram com este estudo.

As unidades de significado advêm de um processo de intersubjetividade entre o pesquisador e o fenômeno que passará ao desvelamento das ideias contidas nos discursos, destacando-as para significá-las em discurso educacional, pois: “Dá-se então a passagem do objeto para o significado” (Machado, 1994, p. 41). Por conseguinte: “Faz-se, então, através de uma redução, uma síntese das proposições consistentes

apresentadas nas expressões reveladoras do pensar do sujeito, constituindo agrupamento por temas, entendidos como categorias abertas” (Machado, 1994, p. 41).

Seguindo o caminho até a essência do fenômeno que ainda está em fase individual, passa-se à análise nomotética, que vai do individual para o geral, articulando as compreensões abertas pela análise ideográfica por meio de convergências e divergências das unidades de significado. A partir deste momento as apreensões fazem menção às essências estruturais do fenômeno desde a esfera investigada, ou seja, proveniente da temática de campo. Desse modo, na estrutura geral do fenômeno: “O pesquisador busca, então, determinar quais aspectos das estruturas individuais manifestam uma verdade geral, podendo ser tomadas como afirmações verdadeiras e quais não podem” (Machado, 1994, p. 42).

CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS

Para a construção dos resultados foi fundamental a organização de uma Matriz Nomotética (Quadro 1), a qual permitiu melhor visualização das convergências e divergências encontradas no processo de busca da essência do fenômeno emergente da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*, resultando na construção de duas categorias, a saber: a) “Formar se transformando”; b) “Ver aqueles meninos e aquelas meninas, um dia, no nosso lugar, fazendo essa fala de formação”.

Observamos que a matriz nomotética se compõe de uma coluna à esquerda na qual se expõe às categorias provenientes dos registros das entrevistas enquanto no lado superior há disposição dos nomes dos(as) entrevistados(as) em uma sequência horizontal e no lado inferior, em algarismos arábicos, as unidades de significado encontradas.

Nesta construção dos resultados, como sistema de notação, quando ocorrer transcrição de trecho referente a, por exemplo, Nome do(a) Entrevistado(a), Unidade de Significado 03, apresentaremos a identificação “Maria, 03”, facilitando aos(as) leitores(as) a localização do fragmento utilizado na construção dos resultados nas referidas entrevistas, disponíveis para consulta no Apêndice 2.

Quadro 3: Matriz Nomotética

Entrevistados(as) Categorias	I - Maira	II - Larissa	III - Maria	IV - Marta	VI – Carlos Mariguella	V - Jones	VII - Frida	VIII - Athos	IX - Raifah
A) “Formar se transformando”.	01, 03	01, 02, 04.	01, 05, 06, 07, 08	03, 05, 07	01, 02, 04, 05, 06	01, 04, 06		04, 06, 07, 08, 09, 11, 14, 16, 17, 20, 21, 23	01, 02, 04, 05, 08, 10, 11, 13
B) “Ver aqueles meninos e aquelas meninas, um dia, no nosso lugar, fazendo essa fala de formação”.	02, 04, 05, 06	03, 05, 06, 07, 08, 09	02, 03, 04, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12	01, 02, 04, 06	03, 07, 08, 09, 10, 11, 12	02, 03, 05, 07, 08, 09	01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11	01, 02, 03, 05, 10, 12, 13, 15, 18, 19, 22, 24	03, 06, 07, 09, 12, 14

Categoria A – “Formar se transformando”

Essa categoria emergiu dos momentos de reflexão e transformações que vivenciaram os(as) entrevistados(as) sobre as atuações deles(as) enquanto formadores(as), o que coaduna com os escritos de Paulo Freire (2013). O título desta categoria é de um trecho da entrevista com Carlos Mariguella, quando questionado sobre sua atuação como formador de mediares(as), assim foi sua resposta:

Pra mim foi uma experiência muito rica porque eu venho de uma experiência muito forte formativa, em diversos lugares, sou do dandê da universidade, até a formação política, nos partidos políticos, nos assentamentos, ocupações, em todos os lugares, então eu já tinha uma vasta experiência, mas eu sinto que a partir da experiência com o *Fútbol Callejero*, a partir da experiência com a formação de mediadores, inclusive a minha capacidade de formar outros grupos sociais foi bem melhorada, né? Porque pra além de eu ter adquirido uma experiência a mais, isso me transformou, ou seja, **formar se transformando**, né? A cada formação que a gente fazia, que faz e que ainda vai fazer muitas, nós sentíamos que nós não somos mais os mesmos, enquanto cidadãos também, então nós nos transformamos em cidadãos melhores por estar trabalhando com essa formação (Carlos Mariguella, 07).

A seguir a formadora Marta, relata, ao refletir, como foi passar, inicialmente, pelo processo de formação de mediadores(as), e, depois, atuando como formadora:

Bom é dizer que eu, né? Senti na pele o processo de formação de mediadores e mudou, eu como pessoa e como profissional de Educação Física também. Hoje eu digo que eu sou primeiro Mediadora, Educadora Social e depois Professora de Educação Física porque é completamente diferente, você melhora sua relação e você consegue, como as crianças, levar isso pra sua casa, então diante de um conflito a gente gritaria mais alto e começaria a medir quem grita mais, quando você entende a mediação, você não! Deixa eu te ouvir então, deixa eu falar agora, saber ouvir, né? Esperar para falar, não atropelar, as crianças falam que fazem isso em casa com os pais, né? A gente também passa por isso, então você muda como pessoa e é isso que é cidadania (Marta, 07).

A formadora Larissa agrega ao afirmar que: “[...] ao conhecer essa abordagem que é maior do que tudo, ela me transformou e a partir disso, eu também consigo transformar outras pessoas” (04).

Os processos educativos emergem de diversas maneiras e em diferentes tempos-espacos (Oliveira *et al.*, 2014a), refletir sobre nossa prática e aprender com ela envolve a dinâmica identificada por Freire (2013) e Sérgio (1999, 2022) da busca pelo

ser-mais, ou seja, de transcender, de transformar-se. O processo educativo de refletir sobre a própria prática em transformar-se também é identificado na entrevista concedida pela formadora Maria:

Acho que é isso, aprender constantemente, tal. [...] Ser formador também nesse sentido é assim, você sai da zona de conforto e quando você está participando de uma partida de futebol normal, você vai lá, sabe que tem as regras, é lateral, é não sei o que, apita, dá cartão e com essa metodologia não, é diferente! Você sai daquela zona de conforto e vai lá, vai ter que lidar com outras coisas que você nem imagina que vai aparecer (06).

Passamos agora para alguns relatos do formador Athos, no qual ele comenta da felicidade em fazer parte do processo de formação de mediadores(as):

Pra mim é gratificante, eu faço com maior prazer, ainda mais nesses dois últimos anos em que a gente acabou deixando esse processo todo nas minhas mãos aí, tem que pesquisar, buscar material... Sabe esse processo que eu acabei de falar da prática? [...] É o que eu preciso fazer, às vezes, também, é pensar nisso: de que forma que eu consigo... de que forma que eu consigo manter esses educadores e essas educadoras com vontade de querer participar da formação com responsabilidade (Athos, 06 e 07).

Como mencionado na trajetória metodológica sobre minha inserção e aproximação do grupo, Athos relembra dizendo: “Você mesmo, quando [...] foi conhecer a metodologia, teve o contato com o Eiri, aí veio participar... e aí, já começa a ter uma outra visão e começa a construir a sua própria história [...] a partir dessas formações (22).

Participar de tudo isso é muito gratificante, é a práxis do que diz Oliveira *et al.* (2014b) sobre o pesquisar *com*, no interior das práticas sociais e como eu também aprendi sobre o *Fútbol Callejero* ao atuar como mediador entre 2014 e 2017 e, depois, como formador de mediadores(as), desde 2018.

Athos segue comentando acerca de suas reflexões sobre sua atuação como formador e implicações desta no coletivo:

Só que eu preciso também passar por essa prática reflexiva constante, porque, senão, o grupo pode também não sentir mais contagiado pela minha fala, pelas minhas orientações, pelas minhas indicações. Então, por isso que eu sempre busco, o quê? Fazer um negócio de forma coletiva (24).

O trecho a seguir descreve alguns desdobramentos da formação de mediadores(as), e decorrem de um diálogo acerca das motivações, de como podemos levar o que é construído nas formações para os locais em que ocorrem as partidas de *Fútbol Callejero* e como utilizar esse conhecimento em outros âmbitos da vida.

Nathan: [...] no *Fútbol Callejero*, não determinar a vitória pelo gol se dá por essa oportunidade de, no terceiro tempo, o respeito, a cooperação e a solidariedade que você compõe os pontos e pode determinar o vitorioso ou a vitoriosa, se dá nesse sentido da oportunidade de dialogar no terceiro tempo?

Athos: Sim, com certeza, até porque o terceiro tempo... eu acho que, quando a gente fala dessa compreensão do processo formativo, ela se dá muito [...] No que esse mediador, essa mediadora, vai ser capaz para conduzir a mediação [...] Porque é aí que tá: quando eu falo que é um momento em que a gente consegue reverter placar, de alguma forma combater essas injustiças que essa molecada já vem sofrendo diariamente com violações, às vezes, dentro da escola, numa UBS¹⁸, numa abordagem policial; eles já passam por isso (Athos, 17).

Outro formador entrevistado, Raifah, também traz reflexão acerca da formação de mediadores(as), quando diz:

[...] formação de mediadores, [...] não pode ser só a técnica [...]. Que se eu pegar ali: ah, são três tempos, é assim, é assado, ou não, não contempla, porque não... a ideia não é essa [...] aí que vai entrar essa questão da importância da formação, porque não é só um mediador, né?! [...] Tá numa função ali de [...] educação social, [...] de educação popular [...]. Por exemplo, não adianta, [...] eu falar que vai jogar [...] todo mundo junto, homem e mulher, se eu não fizer a discussão [...] de gênero mesmo, e as meninas sofrerem vários tipos ali de [...] questões que [...] vão diminuir enquanto estão jogando [...] O processo, [...] ele não é [...] como um treino de rendimento [...], é muito mais fácil você se tornar [...] melhor de bola [...] Do que você entender [...] as questões que [...] circundam essa possibilidade metodológica (01).

Raifah continua sua reflexão e o trecho a seguir é um desdobramento de um jogo de *Fútbol Callejero* que ocorreu na cidade de Osasco, naquele momento a coordenadora do espaço onde ocorriam os jogos chegou, interrompeu o terceiro tempo e o entrevistado narra a situação:

[...] no terceiro tempo, né? Eu sentei com eles lá e a gente foi. E aí essa... essa secretária de... nova aí, adjunta, chegou: “não, porque a

¹⁸ Unidade Básica de Saúde.

gente pensou agora um monte de coisa, porque...” Aí um dos caras falou: “pera aí ó, primeiro lugar, você não vai falar agora porque a gente tá fazendo o terceiro tempo, se você quiser falar, você vai ter que levantar a mão”. Eu falei: “mano, a galera entendeu” (02).

Assim identificamos o momento em que os(as) participantes compreendem o momento ímpar do diálogo sendo fundamental respeitar os três diferentes tempos do *Fútbol Callejero*, com atenção à escuta e à fala uns(umas) dos(as) outros(as).

É possível perceber nesta categoria que a formação de mediadores(as) é um processo dialógico (Freire, 2013) que vislumbra a constituição de conhecimento, tendo como premissa a ecologia de saberes (Santos, 2010), pois considera e valoriza os saberes que emergem de todos(as) participantes do grupo, bem como o que há na sociedade e na literatura científica.

Identificamos que o diálogo no interior do grupo é imprescindível para a construção de um tempo-espço seguro para que todos(as) participem das decisões do jogo, diálogos e construções estes que podem e devem extrapolar a prática social da formação de mediadores(as) de *Fútbol Callejero*, e, por certo, o jogo em si, para a família, comunidade e sociedade em que os(as) participantes fazem parte.

O próximo excerto é do entrevistado Jones que reflete sobre a criticidade que o(a) jovem pode construir participando da formação de mediadores(as):

[...] é uma possibilidade de levar [...] para os adolescentes um raciocínio crítico sobre o mundo, uma abertura para a diferença, eu acho que a formação no Futebol de Rua tem que ter esse viés de poder pensar a construção desse jovem para um mundo que é afetado por questões de violência, pela desigualdade, então nosso intuito acho que é formar jovens que tenham interesse a dialogar, entender e a refletir sobre o nosso mundo, sobre o social, sobre as coisas que estão acontecendo (Jones, 02).

Percebemos o diálogo como principal recurso para a construção de relações respeitadas que possibilitam o contato com as subjetividades, favorecendo intersubjetividades, tal qual sugere Fiori (2013) e assim refletir sobre a realidade do grupo e buscar transformá-la, visando superação das condições atuais para outras, melhores, sendo-mais.

Na sequência apresentamos a segunda categoria formada com base nas entrevistas, esta com compreensões dos(as) entrevistados(as) sobre a formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*.

Categoria B – “Ver aqueles meninos e aquelas meninas, um dia, no nosso lugar, fazendo essa fala de formação”

Essa categoria versa sobre a formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*, seus desdobramentos e anseios, tal qual o título, retirado de um trecho da fala do entrevistado Athos e revela um desejo de quem vem ajudando na construção deste futebol.

Ao ter contato e conhecimento da metodologia do *Fútbol Callejero*, Athos vislumbra que seria uma potência para os(as) jovens e compartilha conosco as primeiras ideias sobre os processos formativos:

E aí, veio a metodologia [...]. Tive o primeiro encontro com o pessoal [...] depois veio o [...], que na época era da FUDE, também trouxe bastante informações, bastante conhecimento, compartilhou várias coisas comigo, tudo isso intermediado pelo [...]. E aí, veio essa nossa vontade de pensar no futebol de rua não só como uma prática, mas como formação pra esses jovens (Athos, 01).

Em meados de 2013 é que tem início os primeiros encontros de formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* em decorrência do Mundial de Futebol de Rua que ocorreu em 2014, na cidade de São Paulo, contando com 22 seleções que vieram de diversas partes do mundo.

A entrevistada Maria fez parte da primeira turma em 2013 e conta:

Aí começamos a participar do processo de formação, pra ter o mundial, no final de 2013 a gente passou por essa formação, 2014 seria o mundial, algumas meninas de lá participaram, nosso polo começou com mais meninas do que meninos porque a gente já tinha essa pessoal que ficou do torneio que a gente tinha feito lá e o processo foi esse, aprendendo a saber como mediar, conversar com os jovens, a lidar com esses conflitos, tirar da mente deles, até da nossa né, que estava acostumado com o futebol, enraizado, regras e tal, que essa metodologia seria diferente (Maria, 04).

Diante da iminência do *Fútbol Callejero* no Brasil, mais especificamente em São Paulo, e das formações de mediadores(as), ocorre a busca por parcerias que estivessem alinhadas com os propósitos da prática e naquele momento entre 2013 e 2015 o Museu do Futebol foi parceiro e sobre isso a entrevistada Maira diz:

[...] quando eu olho, assim... a construção desses 10 anos é muito bonito ver que existe um esforço tanto da instituição que eu representava na época, que era o Museu do Futebol, como da própria ação educativa, os personagens que estavam ali atuantes desde 2013, de você defender a entrada do futebol com um esporte legítimo da cultura, da cidade, da cultura brasileira e isso não foi fácil, então é isso que está acontecendo naqueles primeiros anos, até meio pisando em ovos né, quando você chega num grupo de dança, num grupo de teatro, na galera do hip-hop e então, veja gente, vamos fazer aqui, estéticas das periferias, um encontro e a gente vai legitimar o futebol como parte dessa programação, não foi facinho não (risos), assim como é difícil pensar o futebol dentro de uma instituição como o Museu, não foi fácil, não é até hoje, por vários sentidos, então eu acho que é importante sinalizar isso, que isso acontece, que não é à toa que, por exemplo, a Frida vai fazer um mapeamento de outras experiências, que a gente vai chamar de futebol e cultura, que a gente vai defender esse lugar dentro de uma cultura que é lida muitas vezes como linguagens artísticas, mas não reconhece práticas atléticas, esportivas e corporais (Maira, 05).

Diante deste trecho é possível perceber também, que quando se trata de uma nova prática que tem o futebol como pano de fundo a entrada e aceitação em alguns lugares não é, muitas vezes, bem vinda, pois há um ideário de que o futebol é algo sacro e não há algo plural e diverso, por exemplo, pensar o futebol no campo da cultura e aí que vimos chamando atenção para os futebolís (Damo, 2007, 2019; Toledo, 2021) e a entrevista Maira também levanta essa questão:

[...] então, relembrar com eles né, que existe esse futebol jogado na sua comunidade, na sua quebrada, no seu território ou uma experiência de torcer ou relações mais clubísticas, de memórias junto à família, né? Sempre tem isso, né? Acho que a cidade de São Paulo e tantas outras cidades brasileiras vivem esse esporte de diversas maneiras, inclusive resgatar essas outras relações com o futebol é possível quando se enxerga que... poxa, não é só é... o alto rendimento do Corinthians que significa esse futebol e aí de novo né, tipo, de forma magistral essa experiência do *Fútbol Callejero* leva pra esse entendimento dos futebolís, né? Que a academia tá cunhando, já há algum tempo e eles estão aprendendo e vivendo isso na prática, né? Então é sempre esse lugar, de você pluralizar a ideia de uma modalidade (Maira, 06).

A partir deste ponto de vista é que as construções acerca do *Fútbol Callejero* e das formações de mediadores(as) nesta prática foram se dando, constituindo-se no campo da educação e da cultura, passando a vislumbrar a superação de... Estabelecendo outra visão de mundo a partir destas ações, ou seja, outras maneiras do futebol acontecer

(Nolasco, 2019) que podem proporcionar mudanças, como nos descreve a entrevistada Larissa:

É bem legal, é uma mudança de vida, eu era uma pessoa, tinha uma projeção e ao encontrar esses métodos eu me tornei uma outra pessoa e as formações são fundamentais porque na formação, a gente assim... o mediador fala alguma coisa que você nunca tinha percebido e *puts* [...] mudam as coisas (Larissa, 10).

Frida, que é uma pessoa importante em todo o processo, pois no período do mundial atuou como coordenadora de projetos, corrobora com os excertos anteriores sobre a mudança de vida, dizendo:

[...] se a gente pensar no histórico de formação, desde o primeiro processo formativo, que teve um aspecto específico, uma linha temática sobre comunicação, foi bastante importante, pessoas extremamente qualificadas, rolou um esforço para poder pensar naquilo, que era um coletivo que vai, enfim, colocar pra fora, registrar seu própria dia a dia, a ideia era essa, né? e depois a gente foi avançando para outros temas mais direcionados, por exemplo, em questões de gênero, que a gente entendia que era importante né, por exemplo, quando a gente tem uma experiência de ter uma mulher trans, jogando no time do Movimento Nacional da População de Rua e o outro time questiona a pontuação, por conta dessa mulher, a gente compreende então que é preciso falar sobre gênero em algum aspecto, para além de outras coisas, mas essa experiência foi bem marcante (Frida, 14).

Mas para que essa mudança aconteça é necessário um processo de construção do conhecimento acerca do que é ser mediador(a) do *Fútbol Callejero*, ou seja, diante desta prática social [formação de mediadores(as)] estar sensível e atento para os processos educativos que dali decorrem e um deles é a vivência do processo, como ressalta a entrevistada Maria:

Aí o processo foi, primeiro eu aprender, para depois de um tempo, tentar passar para as pessoas, aí nesse processo, alguns jovens de lá, também queriam fazer parte disso e eu acho que pra ser formadora, pra dar formação assim, igual já aconteceu, foi acontecendo naturalmente, mas foi aprendendo, até mais com os jovens, do que comigo mesma (Maria, 05).

No excerto acima Maria também fala sobre “os jovens de lá, também queriam fazer parte disso”, outrossim, passamos aos relatos que tratam do protagonismo juvenil

que é uma das bases das formações de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*, sobre este assunto o entrevistado Athos compartilha sua experiência:

E aí, eu acho que a experiência que a gente teve em 2015 foi fundamental, porque daí a gente viu que muitas organizações, elas tinham o educador, mas não tinham o jovem-referência pra se formar, entendeu? Ficava muito com o educador. E aí, a gente começa a ter uma outra visão da questão da metodologia. E aí, começa a pensar nisso como uma rede, o que é o diferencial, e isso me motivou a buscar, a ser esse formador, a levar a metodologia pra outros lugares, assim como também a gente buscava incentivar os participantes desse grupo, também ter essa apropriação da nossa rede, da nossa fala, da nossa prática e começar a vender isso também (Athos, 02).

A partir desta reflexão de Athos é que se constitui a Rede Paulista de Futebol de Rua que junto a OSCIP Ação Educativa promove as formações de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*.

Ainda sobre o protagonismo juvenil, a entrevistada Marta contribui para o diálogo quando reflete:

E nisso a busca é pelo protagonismo juvenil, então que a gente é mediador, a gente identifica possíveis líderes, tanto meninas, quanto meninos, para formar essas pessoas, esses adolescentes né, para começar a fazer o que a gente está fazendo e ir seguindo né. Então, dentro do meu conhecimento né, da minha prática, a gente sempre identifica aqueles líderes, seja positivo ou não né, porque tem os da bagunça também né, para poder começar a fazer uma atividade, talvez puxar ali a mediação, trocar uma ideia e isso é um grande potencial, é a diferença da mediação (Marta, 01).

As reflexões de Marta são decorrentes das participações nas formações e a seguir ela segue com uma fala significativa, que inspira a educação dialógica (Freire, 2013):

[...] Então quando eu fui percebendo, a gente, não seria nesse tom de licenciatura né, de dar aula, mas sim de responder com outra pergunta e instigar o que eles soubessem para dar a resposta assim, instigar o potencial dessas crianças, porque normalmente na sala de aula (não deveria ser assim, mas é) a ordem vem de cima para baixo e essa coisa de: “eu sou o saber e você depende de mim”, na oficina não é assim, então todos ali tem um conhecimento prévio, uma vivência porque é um futebol de rua, o que que você aprende né? O que que você faz na sua casa que você vai trazer? E dentro disso vamos negociar pra conseguir a prática e aí foi evoluindo, foi passando o tempo e tendo experiências, até onde eu me formei né, pela Rede Paulista de Futebol

de Rua e aí a gente começou a fazer o inverso, agora eu vou trazer outros potenciais para fazer mediação né, os jovens de 16 e 17 anos e agora a gente está aqui, saiu desse papel como Professora de Educação Física e traz mais a mediação e com isso você tem um olhar totalmente diferente na sua prática, na forma de lidar, na forma de falar, não responde mais em uma forma de dependência, mas no que eu posso te ajudar, acho que é essa a diferença hoje em dia (Marta, 02).

A essência das formações de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* é dialógica e sobre este assunto o entrevistado Carlos Mariguella reflete que:

[...] compreender a realidade social desses jovens, de crianças e ouvi-las né, de uma maneira menos hierarquizada, mais horizontal, com essa dialogicidade freireana, né? Em que nós estamos dialogando entre sujeitos né, então você tem uma via de mão dupla o tempo inteiro e à medida que você vai formando, você vai se formando também a partir dos olhares, a partir das intervenções, a partir da forma das interpretações, as traduções que esses jovens e essas crianças já iniciadas, desde cedo em pensar o bem comum, em pensar a ética, em pensar a cidadania, pra ver que são valores muito mais fortes do que uma vitória em si e isso vem de encontro, justamente à uma necessidade da sociedade, de apartamento um pouco, inclusive da escola tradicional, da família, até as próprias religiões que pregam essa teologia da prosperidade, em que as pessoas são tratadas muito de maneira individual, essa falsa meritocracia e desde cedo sendo aplicado isso, eu acredito que existe uma possibilidade nesses territórios, as próprias escolas onde esses garotos e garotas estudam irem se transformando de alguma maneira a partir deste novo olhar, mais crítico e mais sensível dentro da própria sala de aula (Carlos Mariguella, 08).

O diálogo é a ponte para a construção de uma educação humanizadora e libertadora (Freire, 2013), há também a *práxis* educativa como ação possível, pois há uma constante ação-reflexão-ação desde superar algumas situações que não consideramos adequada e anunciar uma nova proposta e é isso que se faz no interior das formações, a fala de Athos vai nessa direção:

[...] Então... eu acho que trazer muito disso: de como melhorar as relações por... com alguns detalhes, entendeu? E aí, você começa a ficar mais crítico também, você começa a observar uns negócios dentro do espaço da própria educação que você fala: "mano, eu não posso fazer isso no projeto". Eu acho que é por isso que o projeto acabou ficando mais interessante: porque a gente já apresenta algo desconstruído, a gente vai tentando desconstruir algumas coisas que é... que já é meio maçante, meio zoada, entendeu? [...] é oferecer uma vivência diferenciada pra essa molecada que já tá meio que impregnada neles essa questão do futebol ser aquilo que... ah, você

vai lá na quadra lá os moleque joga, o gordinho vai pro gol, as meninas fica no celular e é isso "e vou tentar fazer a jogada que eu vi na TV. Ah, eu quero usar a chuteira que o Cristiano Ronaldo tem, pá..." esses negócio, entendeu? Então... o projeto ele já vem se construindo, porque... ah, o moleque joga descalço, ele joga junto com a menina... ele fala alguma coisa, a gente parar pra discutir: acontece um ato de racismo, um ato de homofobia, a gente para pra discutir e, na escola, isso muitas vezes passa despercebido (Athos, 04).

A partir de agora os(as) entrevistados falam sobre como é fazer parte do grupo que constitui as formações de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*,

Marta contribui com seu olhar sobre este processo:

[...] Então, na mediação a gente começa a se debruçar com isso: Como que a gente vai acolher essas diferenças e igualdades? Então, é importantíssimo estar preparado né! Uma criança trans, uma criança que nunca jogou com o sexo oposto e não aceita de forma alguma e a criança não é machista, ela cresceu nesse ambiente e está aprendendo como que lida né! Porque não sabe como que é a vivência da família dela, então como acolhe esse menino que se diz ser violento e muito competitivo, e essa menina que diz que talvez não gosta de futebol, quando na verdade ambos não tiveram oportunidade de estar no mesmo espaço. Então, na formação a gente vai aprendendo para poder proporcionar melhor vivência ali (Marta, 03).

Podemos perceber na descrição de Marta destaque para temática gênero, que desde o início compõe o processo de formação no *Fútbol Callejero*, pois como prática deste é, por fundamentação, para ser jogado por meninos e meninas juntos(as), frequentemente há debates, sendo imprescindível aprender a conduzir os diálogos. Nesse sentido, vimos destaque aos debates também no futebol praticado na Terra Indígena Apiaká/Kayabi, do povo Munduruku, tal qual vimos na revisão de literatura com Nascimento (2015).

O entrevistado Jones também referencia o diálogo e reflexão crítica *do* e *com* o grupo como fundamentais:

Eu acho que essa é uma possibilidade de levar para as crianças e para os adolescentes um raciocínio crítico sobre o mundo, uma abertura para a diferença, eu acho que a formação no Futebol de Rua tem que ter esse viés de poder pensar a construção desse jovem para um mundo que é afetado por questões de violência, pela desigualdade, então nosso intuito acho que é formar jovens que tenham interesse a dialogar, entender e a refletir sobre o nosso mundo, sobre o social, sobre as coisas que estão acontecendo (Jones, 06).

Carlos Mariguella, educador com 20 anos de experiência com formações em diferentes espaços, compartilha sua concepção:

A formação de mediadores é de uma importância, talvez seja um grande contato de formação política e social dentro de um sentido até *latu senso*, a gente pode falar até de um caráter civilizatório né, então assim, como essa ética que rege as concepções civilizatórias, o bem comum, que são os alicerces de um avanço civilizatório da sociedade, uma vez trazendo essa formação né, formação que, como a gente já colocou, vai muito além do futebol (Carlos Mariguella, 03).

Frida, que têm 15 anos de experiência com formações com diferentes públicos, nos descreve sua concepção:

[...] eu adoro isso, eu adoro essa troca, não só da rede, dos jovens e tal, mas enfim... a minha vida inteira eu dei formação e hoje eu me considero uma pessoa com uma experiência importante nisso... É meio andar de bicicleta, né? Também (risos), veja bem, tem uma dinâmica própria, né? Pra jovens, pra educação de jovens e adultos, que também foi uma coisa que eu dei bastante formação, então tem uma dinâmica própria, você vai entender, conforme você vai dando formação pro mesmo grupo, você também vai estabelecendo um processo de confiança, conhecimento assim, eles também já sabem um pouco sobre você, então pra mim é muito importante, pra mim é uma consequência, eu me sinto feliz, me sinto lisonjeada (Frida, 12).

Diante destas asserções é possível perceber que os(as) formadores(as) entendem ser o trabalho deles(as) como gratificante de ser feito, embora não isento de tensões e debates, porém com respeito, solidariedade e cooperação, pilares do *Fútbol Callejero*.

Nos encaminhando para o fechamento desta categoria, trago dois excertos que pensam o futuro, e para isso, prioritário que o sonho se mantenha vivo e sigamos fazendo o melhor, com dedicação e engajamento, no que diz respeito à formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*.

Athos e Carlos Mariguella, por exemplo, relatam que o processo formativo deveria se constituir como política pública:

Eu acredito que esse trabalho que está sendo feito agora por você é um parte fundamental né, porque se intervenções dessa se transforma em um trabalho científico, como um doutorado, isso quer dizer que passou a ser uma matéria de produção de conhecimento a respeito disso e a partir da produção de conhecimento nós temos condições de transformar isso em uma orientação em política pública né, orientação

em políticas públicas porque imagine só a partir de um trabalho desse, sendo bem divulgado, sendo bem analisado, prefeitos e prefeitas tendo acesso ao alcance social desse trabalho, inclusive na redução da violência que acomete os jovens, aqui na minha cidade, Camaçari, que é a décima cidade mais violenta do Brasil, onde a média de assassinato é quase um por dia, nós temos aqui é... 93 jovens a cada 100 mil habitantes morto por ano aqui, então nós temos aí quase 300 jovens que nos deixam para a violência e eu tenho certeza que se nós tivéssemos isso enquanto política pública seria essencial, seria uma nova geração de jovens muito mais críticos e nós sabemos também que pra isso necessita muita vontade política e os governantes, no perfil que nós temos hoje, infelizmente não querem que os jovens pensem né, eles querem é trazer o pão e circo e nunca trazer consciência política, social e econômica porque esse jovem seria mais atento as eleições (Carlos Mariguella, 11).

Athos, também compartilha seu sonho, seu esperar freireano (Freire, 2015), que ecoam como pulsão de vida, uma dialética necessária à existência, ou seja, um não ficar imobilizado, esperando, mas de uma atitude ativa em busca da transformação, da utopia, permeados de encontros e reencontros com pessoas que *estão sendo*, pois vislumbram justiça e paz social, democracia, desde a educação, no sentido da formação de mediadores(as) tornar-se uma política pública:

Ó, sobre a formação, eu acho que também é bacana a gente pontuar duas coisas [...]: a primeira é a necessidade que a gente tem de, por meio dessas formações, ter um grupo que pense essa metodologia como política pública, de que forma que a gente consegue alcançar esse status? "Ah não, isso daí é utópico, não sei que...". Não, não é! Não é, porque a gente vive hoje um contexto no qual a nossa metodologia tem coisa pra caramba pra agregar dentro de uma escola, dentro de projetos que são financiados pelo poder público. Então, acho assim: pensar mesmo em conjunto de que maneira que a gente consegue alcançar esse efeito, igual aconteceu agora com... em ter um capítulo dentro de um livro, que é um livro didático que vai alcançar um grupo bacana. Então, isso é importante pra nós. Então, é algo assim muito relevante. Eu acho que a gente tem que se permitir a sonhar com isso e não ficar nos limitando a estar somente apresentando esse processo formativo por uma demanda ativa, que é aqueles que buscam, aquelas pessoas que querem; a gente tem que pensar em estratégias de como atingir também essa demanda passiva, que não conhece, que nunca ouviu falar, que vive uma reprodução de um futebol que tá cada vez mais elitizado, mais longe do povo (Athos, 19).

A fala de Athos coaduna com o que fora trazido no tópico conversando sobre educação e motricidade humana acerca das Motricidades Emergentes (Carmo, 2017; Belmonte, 2019), pois a partir de uma política pública pode-se tornar uma realidade

credível para a pluralização e ampliação desta prática, fundamentada na práxis (ação-reflexão-ação).

Destarte, esta categoria apresentou o que os(as) entrevistados(as) pensam, o que tiveram de experiência, seus anseios e sonhos acerca da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*. Todo esse movimento para que seja possível aos(às) jovens que participam deste processo serem protagonistas de suas histórias, compreendendo o futebol em sua pluralidade, que é possível haver processos educativos que visam nossa humanização e libertação (Freire, 2013) desde o futebol transmoderno, uma motricidade emergente do sul, neste caso, do *Fútbol Callejero*.

CONSIDERAÇÕES

A presente tese encontra-se inserida em um tempo-espço de contato epistemológico entre o conhecimento acadêmico em Educação e o conhecimento popular construído com a formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*. Nesse contexto, é incumbente a nós, ao tecer essas considerações, compartilhar os processos educativos emergentes da prática social analisada.

Retomamos que a presente pesquisa objetivou analisar, compreender e descrever os processos educativos emergentes da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* desde a percepção dos(as) formadores(as). Nesse ínterim abre caminho para pensarmos e re-pensarmos também sobre o próprio futebol, percebendo-o como plural, como futebóis, envolvendo práticas que tem em comum jogar com a bola nos pés, mas com intencionalidades e contextos diversos, envolvendo diferentes maneiras de entender e jogar futebol a depender das pessoas, comunidades e situações político-histórico-econômicas, daí a emergência desta pluralização, como vimos, por exemplo, com o *pok-a-tok* (Gonçalves Junior, 2013), com o futebol indígena Munduruku (Nascimento, 2015), e com o próprio *Fútbol Callejero* (Belmonte; Gonçalves Junior, 2018; Barreto, 2023; Varotto; Gonçalves Junior, 2023). Assim, termos tido como premissa o referencial da Motricidade Humana, entendendo que tais práticas são constituídas por meio da “[...] ação intencional e solidária da transcendência” (Sérgio, 2022, p. 23).

Estes citados futebóis se dão no Sul do mundo e chamam a atenção para as Epistemologias do Sul (Santos; Meneses, 2010), pois apesar de haver um futebol hegemônico, midiático e a par do capitalismo, há outros que se manifestam no dia a dia das periferias do mundo e, aliás, parte deles se davam antes mesmo da regulamentação de natureza esportiva promovida pela Inglaterra, como destacado no documentário *The English Game* (2020) e por isso constroem saberes, resistências e potencializam a ecologia de saberes (Santos, 2010).

Dialogando referenciais teóricos e as experiências daqueles(as) que atuam como mediadores(as) do *Fútbol Callejero* vislumbramos ampliar esse potencial, favorecendo a emergência desta prática, em certa medida ainda ausente, invisibilizada, levantando expectativas, radicalizando as possibilidades a fim de torná-la uma alternativa credível.

Com base nos dados das entrevistas consideramos que no tempo-espço da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* emergem processos educativos de responsabilidade consigo, com outrem e com a prática em si; primando por ações

socialmente transformadoras, tal como podemos observar na categoria: “formar se transformando”, na qual apresentamos as reflexões dos(as) formadores(as) sobre tal processo no qual educam e se educam, conforme Freire (2013):

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam, sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. Em que, passe ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra* elas (p. 95-96 – grifos do autor).

Vale recuperar que o *Fútbol Callejero* é intencionalmente estruturado para ocupar as ruas como outra possibilidade de jogar futebol e de viver a vida, para refleti-lo desde o lugar que ocupa na sociedade, assim como especialmente para fortalecer a formação cidadã, autônoma, política e crítica dos(as) praticantes (Rossini *et al.*, 2012; Belmonte; Gonçalves Junior, 2018). Ademais a formação de mediadores(as) apresenta uma vertente lúdica, que envolve a reflexão a par do divertimento proporcionado pelo jogo (Huizinga, 1971; Buytendijk, 1977; Caillois, 2017) que opera mais no polo da cooperação do que da competição, haja vista a observância dos pilares: respeito, cooperação e solidariedade (Rossini *et al.*, 2012; Varotto; Gonçalves Junior, 2023).

Por meio das entrevistas foi possível identificar o compromisso dos(as) formadores(as) em não realizar as formações com um viés tecnicista e sim reflexivo e dialógico, respeitando a proposição de estruturação do *Fútbol Callejero* no Sul epistemológico, em Moreno, periferia de Buenos Aires, Argentina. Assim, pensam e promovem o processo formativo, observando a origem dos(as) mediadores(as), a valorização dos saberes do grupo e do *fazer-com*.

A categoria intitulada “Ver aqueles meninos e aquelas meninas, um dia, no nosso lugar, fazendo essa fala de formação”, emerge do anseio de presenciar os(as) mediadores(as) em formação de *Fútbol Callejero* atuando como formadores(as), o que já é uma realidade, a menos para três dos(as) entrevistados(as): Marta, Maria e Jones.

Pautados na investigação realizada, percebemos na formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*, construção pedagógica dialógica já em ação em contextos não escolares, como em projetos sociais (OSAF, VADL, Piratinhas, dentre outros). Todavia também consideramos uma potência educativa se inserida no contexto escolar, podendo ser uma alternativa pedagógica ao ensino convencional.

Cabe também ressaltar os processos educativos que se deram em mim, pesquisador ao pesquisar *com* o grupo, desde o processo de aproximação, passando pelo de inserção, coleta e análise dos dados. Bem como, ao aceitar o convite para figurar como parte dos(as) formadores(as) de mediadores(as) de *Fútbol Callejero*, desde construir outro olhar para esta motricidade emergente do sul, de uma prática que pode e está sendo objeto de transformação na vida das pessoas, inclusive da minha; perceber o potencial dialógico da formação de mediadores(as) e a educação para a humanização e libertação, através da ação intencional para a transcendência (Sérgio, 2022), foi nessa oportunidade que vivenciei a teoria na prática e a prática na teoria.

No decorrer das formações, propriamente, fomos juntos(as) desconstruindo valores do futebol hegemônico: vitória a qualquer custo, competição exacerbada, a hipervalorização do gol, a não aceitação de meninos e meninas no mesmo tempo-espço de jogo, a não reflexão coletiva em um terceiro tempo. Aos poucos fomos construindo outra perspectiva: mais inclusiva, respeitosa, cooperativa, reflexiva, solidária, segura, sobretudo, para a participação das meninas e dos(as) menos hábeis com a bola nos pés.

Por fim, defendemos a tese de que a partir da percepção dos(as) formadores(as) acerca da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* é possível educar e educar-se na prática social da formação de mediadores(as), decorrente desta ser pautada na dialogicidade, no conhecimento e reconhecimento dos diferentes saberes, na construção e fortalecimento da autonomia e de identidades, sendo esta prática de formação uma alternativa educativa, uma motricidade emergente do sul, para pensar e re-pensar, desde os futebóis, nos âmbitos escolar e não escolar.

REFERÊNCIAS

ACÇÃO EDUCATIVA. **Sobre nós e projetos**. Disponível em: <<http://acaoeducativa.org.br>>. Acesso em: 20 dez 2022.

ADORNO, Luís. **Emicida**: a história do rei Mandume poderia levantar a cabeça de muita gente. Ponte, São Paulo, 8 dez. 2016. Disponível em <<https://ponte.org/emicida-a-historia-do-rei-angolano-mandume-poderia-levantar-a-cabeca-de-muita-gente/>>. Acesso em: 30 set 2021.

ALMEIDA, Sara F.; OLIVEIRA, Maria W. O mundo da rua educa: processos educativos da população de rua na cidade de São Carlos-SP. **Revista FAEEBA**, Salvador, v. 24, n. 43, p. 147-159, 2015.

ALVES, Darlan. **Escola e futebol no campo do neoliberalismo**. 2015. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2015.

ARAÚJO-OLIVERA, Sonia S. Exterioridade: o outro como critério. *In*: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 47-112.

BARRETO, Mariama S. G. **Implementação de um currículo dos futebóis para a Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental**. 2023. 186f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

BELMONTE, Maurício M.; SOUZA JÚNIOR, Osmar. M. Fútbol callejero: da sua historicidade à potencialidade para o ser mais. *In*: COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: ECOMOTRICIDADE E BEM VIVER, 7, 2017, Aracaju; São Cristóvão. **Anais...** São Carlos: SPQMH, 2017. p. 553-559.

BELMONTE, Maurício M.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Fútbol callejero: nascido e criado no sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra (Portugal), n. 116, p. 155-178, 2018.

BELMONTE, Maurício M. **Fútbol callejero**: processos educativos decorrentes de uma motricidade emergente. 2019. 522f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

BELMONTE, Maurício M.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Fútbol callejero: esperando alteridade. **Motricidades**, São Carlos, SP, v. 4, n. 3, p. 323-332, 2020.

BELMONTE, Maurício M.; VAROTTO, Nathan R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Fútbol callejero e processos educativos: saberes emergentes de experiências convergentes. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 8, n. 17, p. 293–309, 2020. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/286>. Acesso em: 26 dez. 2023.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BICUDO, Maria A. V.; ESPÓSITO, Vitória H. C. **Pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: UNIMEP, 1997.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. *In*: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 308-345.

BUYTENDIJK, Frederik J. J. O jogo humano. *In*: GADAMER, Hans-Georg; VOGLER, P. (org.). **Nova antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural**. São Paulo: EdUSP, 1977. p. 63-87.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2017.

CAMPOS, Silmara E. A. de; CORRÊA, Denise A.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Motricidades del Sur: Congada de San Benedicto en Ilhabela - Brasil. **Retos**, Madrid, v. 44, p. 918–927, 2022.

CARMO, Clayton S. **Epistemologia da bicicleta: processos educativos emergentes na prática do pedalar**. 2017. 453p. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

CASTRO, Lígia E. **A construção de valores orientada pela metodologia callejera na educação física escolar**. 2018. 136f. Dissertação (Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Docência para Educação Básica, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2018.

CONCEIÇÃO, Daniel M. **O estudante-atleta: desafios de uma conciliação**. 2015. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

COSTA, César A. S.; LOUREIRO, Carlos F. B. O alcance teórico das categorias exclusão e libertação para a questão ambiental: uma leitura ancorada em Dussel e Freire. **ETD – Educação Temática Digital**. Campinas, SP, v. 19, n.1, p. 234-257, 2017.

DAMO, Arlei S. **Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anponcs, 2007.

DAMO, Arlei. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA/UFMG**, v. 3, n. 3, p. 37–66, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14644>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.

DUSSEL, Enrique. **Método para uma filosofia da libertação**. São Paulo: Loyola, 1974.

DUSSEL, Enrique. **Introducción a la filosofía de la liberación**. Bogotá: Editorial Nueva América, 1995.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. *In*: LANDER, Edgard (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 24-32.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília. v. 31, n. 1, p. 51-73, 2016.

DUSSEL, Enrique. La función del filósofo es crear teoría para transformar la realidad. **La Capital**, 02 set. 2017. Disponível em: <https://www.lacapital.com.ar/educacion/dussel-la-funcion-del-filosofo-es-crear-teoria-transformar-la-realidad-n1462387.html> - Acesso em 30 jan. 2023.

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana III: erótica e pedagógica**. São Paulo: Edições Loyola; Piracicaba: Ed. Unimep, s/d.

EMICIDA et al. **Mandume**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OBSSGs4a0a0>>. Acesso em: 30/09/2021.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.

FERNANDES, Cristina A. O. **O futsal como processo educativo e de lazer em um projeto social na região do barreiro, em belo horizonte**. 2016. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

FERREIRA, Bruno M. **O ensino dos saberes conceituais críticos do futebol entre jovens estudantes do ensino médio nas aulas de educação física**. 2018. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2018.

FIORI, Ernani M. O fio condutor de um pensamento itinerante. *In*: _____. **Metafísica e história** (textos escolhidos, v.1). Porto Alegre: L&PM, 1991. p.32-52.

FIORI, Ernani M. Prefácio. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. p.11-30

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 22ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GARNICA, Antonio V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface: comunicação, saúde, educação**, Botucatu, SP, v. 1, n. 1, p. 109-122, 1997.

GIGLIO, Sérgio S.; PRONI, Marcelo W. **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp, 2020.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

GOMES, Ana Maria R.; FARIA, Eliene L. Etnografia e aprendizagem na prática: explorando caminhos a partir do futebol no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1213-1228, 2015.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; CARMO, Clayton da S.; CORRÊA, Denise A. Ciclotragem, lazer e educação ambiental: processos educativos vivenciados na Serra da Canastra. **Licere**, Belo Horizonte, v. 18, n. 4 p. 173-208, 2015.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **Cultura corporal**: alguns subsídios para sua compreensão na contemporaneidade. São Carlos: EDUFSCar, 2013.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LEMOS, Fábio R. M.; CORRÊA, Denise A.; CARMO, Clayton da S.; BENTO, Clovis C. O jogo em jogo: suleando sua compreensão. *In*: BENTO, Jorge O.; MOREIRA, Wagner W.; BOTELHO, Rafael G.; SARANGA, Sílvio P. J. (orgs.). **Desporto e educação física**: identidade e missão. 1ed. Belo Horizonte; Maputo: Casa da Educação Física; Educar UPM, 2021, v. 1, p. 117-129.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; SILVA, Petronilha B. G. S.; CARMO, Clayton da S.; AYALA-ZULUAGA, José E. Aprender a investigar: la postura y el método soportado por la fenomenología. *In*: TORO-ARÉVALO, Sergio A.; VEGA-RAMÍREZ, Javier. (org.). **Manifestaciones de la motricidad humana**: brotes desde el sur. Valdivia (Chile): Ediciones UACH, 2021b. p. 59-80.

HEIDEGGER, Martin. **Todos nós...ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes, 1981.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Ed. USP, 1971.

INVERNIZZI, Lisandra. **Ser “daqui” ou “de fora”**: hierarquias, descontinuidades e trânsito no futebol não profissional de Florianópolis. 2018. 302f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

LEITE, Eleilson; VAROTTO, Nathan R.; MORAES, Carolina F.; LUGAREZI, Vandrigo. **Outro futebol é possível**: o futebol de rua como prática de cidadania. São Paulo: Ed. Dandara e Ação Educativa, 2023.

LIMA, Lucas O. **Corpo/corporeidade e a pedagogia do esporte nas categorias de base de futebol**: ausência/presença a beira do campo. 2018. 191f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2018.

MACHADO, Ozeneide V. M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. *In*: BICUDO, Maria A. V.; ESPOSITO, Vitória H. C. (org.). **Pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994. p. 35-46.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MOVIMIENTO FÚTBOL CALLEJERO. **Metodología**. Disponível em: <<https://movimientodefutbolcallejero.org/futbol-callejero/metodologia/>>. Acesso em: 17 dez. 2022.

NASCIMENTO, Ronaldo do. **O futebol munduruku**: um jogo estratégico nas relações interétnicas e interculturais em Juara-MT. 2015. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 2015.

NICOLAU NETTO, Michel; CAVALCANTE, Sávio. Futebol e capitalismo global: mercadorização do esporte e a formação de uma cultura neoliberal. *In*: GIGLIO, Sérgio S.; PRONI, Marcelo W. (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020. p. 232-254.

NOLASCO, Carlos. “Bola prá frente! Em busca de outro futebol”. *In*: SANTOS, Boaventura S.; CUNHA, Teresa (orgs.), **Atas do Colóquio Internacional “Epistemologias do Sul: aprendizagens globais sul-sul, sul-norte e norte-sul”**, v. III – Outras economias. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2016. p. 491-503.

NOLASCO, Carlos. Em busca de movimentos ausentes para motricidades emergentes: a relação entre epistemologias do sul e motricidade humana. **Motricidades**, São Carlos, SP, v. 3, n. 3, p. 199-212, 2019.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida V. G.; JOLY, Ilza Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. *In*: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014a. p.29-46.

OLIVEIRA, Maria W.; RIBEIRO JUNIOR, Djalma; SILVA, D. V. C.; SOUSA, Fabiana R.; VASCONCELOS, V. O. Pesquisando processos educativos em práticas sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. *In*: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014b. p. 113-141.

OLIVEIRA, Maria C. D.; GRIFONI, Zé; VAROTTO, Nathan R. Participação de meninas no futebol callejero: intervenção na educação física escolar. **Motricidades**, São Carlos, SP, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

PALMIÉRI, Júlio C. J. **Um mundo em vários movimentos**: uma etnografia sobre futebolistas de base. 2015. 280f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, 2015.

PEDROZA JÚNIOR, Edvaldo T. **História de vida de ex-jogadores profissionais de futebol**: qual o valor da educação formal? 2018. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

QUEIROZ, Anderson W. N. **Jogando bola, fazendo história**: a educação no bairro dos Coelhoos (2008-2012). 2016. 175f. (Dissertação) Mestrado em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

RIGHI FILHO, Luiz J. **A identificação no futebol**: o jogador como estrela a ser seguida. 2009. 81 f. Monografia (Graduação em Jornalismo). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

ROSSINI, Luciano; SERRANI, Esteban; WEIBEL, Matías; WAINFELD, Manuel **Futebol callejero**: juventud, liderazgo y participación - trayectorias juveniles en organizaciones sociales de América Latina. Buenos Aires: FUDE, 2012.

SANTOS, Boaventura S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, 2002, v. 63, p. 237-280.

SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. Introdução. *In*: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez 2010. p. 15-27.

SANTOS, Boaventura S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SALVINI, Leila; SOUZA, Juliano; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2015, v. 29, n. 4, p. 559-56.

SALVINI Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2016, v. 30, n. 2, p. 303-311.

SÉRGIO, Manuel. A racionalidade epistémica na educação física do século XX. In: SÉRGIO, Manuel et al. (Org.). **O sentido e a ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p.13-30.

SÉRGIO, Manuel; TORO-AREVÁLO, Sergio A. La motricidad humana, un corte epistemológico de la educación física. **En-Acción**, Cauca, v. 1, p. 101-109, 2005.

SÉRGIO, Manuel. **Filosofia do futebol**. Estoril: Prime Books, 2011.

SÉRGIO, Manuel. A filosofia da libertação e a alta competição desportiva. **Motricidades**, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 91-96, 2017.

SÉRGIO, Manuel. **Da ciência à transcendência**: epistemologia da motricidade humana. Lisboa: Ed. Universidade Católica, 2019.

SÉRGIO, Manuel. Motricidade humana: o itinerário de um conceito. **Motricidades**, São Carlos, SP, v. 6, n. 1, p. 15–25, 2022.

SEVERINO, Antônio J. O universal, o singular e a historicidade na pesquisa do cotidiano. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 3, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo, SE&PQ, 2006. p. 1-9.

SOARES, Antônio J. G.; BARROS, Fellipe L. P.; BRANDI NETO, José R.; MELO, Leonardo B. S.; BARTHOLO, Zé L. Mercado, escola e a formação de jogadores de futebol no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16 / CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3, 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: CONBRACE/UFBA, 2009, p.1-11.

SOUZA, Camilo A. M. de; VAZ, Alexandre F.; BARTHOLO, Zé L.; SOARES, Antonio J. G. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 85-111, 2008.

SOUZA JÚNIOR, Osmar M. de. Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo. **MOTRICIDADES**, São Carlos, SP, v. 4, n. 2, p. 199–213, 2020.

SOUZA JÚNIOR, Osmar M.; CARVALHO, Ricardo S.; PRADO, Denis. Do futebol moderno aos futebolis transmodernos: a utopia da diversidade revolucionária. In: SOUZA JÚNIOR, Osmar M.; CARVALHO, Ricardo S.; PRADO, Denis. **Do futebol moderno aos futebolis transmodernos**: a utopia da diversidade revolucionária. São Carlos: EdUFSCar, 2023, p. 9-23.

THE ENGLISH GAME. Direção: Tim Fywell. Estados Unidos, Netflix, seis episódios, 50 min. (aprox.), son., color., 2020.

TOLEDO, Luiz H. Balanços bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebolis na antropologia brasileira. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 94, 2021. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/188>. Acesso em: 10 jan. 2023.

- TORO-ARÉVALO, Sergio. Conocimiento desde una mirada latina o crítica. *In*: SERGIO, Manuel *et al.* **Motricidad humana**, una mirada retrospectiva. España-Colombia: Instituto Internacional del Saber, 2009. p. 111-30.
- VAROTTO, Nathan R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LEMOS, Fábio R. M. “Fútbol callejero”: processos educativos emergentes da prática social da mediação. **Revista Kinesis**, Santa Maria, RS, v. 35, n. 3, p. 91-100, 2017.
- VAROTTO, Nathan R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; LEMOS, Fábio R. M.; MORAES, Fábio. “Fútbol callejero” na educação física escolar: processos educativos emergentes de uma intervenção. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, Itapetinga, v. 5, n. 5, p. 104-120, 2018.
- VAROTTO, Nathan R.; SOUZA JÚNIOR, Osmar. M. Fútbol callejero: um olhar para os processos educativos. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 43-60, 2019.
- VAROTTO, Nathan R. **A prática social da mediação no futebol callejero**: processos educativos decorrentes. 2020. 80f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.
- VAROTTO, Nathan R. **A educação para e pelo futebol**. Blog do ProFut, 2021. Disponível em: <<https://blog-do-profut6.webnode.pt/l/nathan-raphael-varotto-educacao-para-e-pelo-futebol/>>. Acesso em: 09 jan. 2024.
- VAROTTO, Nathan R.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Mediação no futebol callejero: processos educativos decorrentes. **Revista Cocar**, Belém, v. 18, n. 36, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/6152>. Acesso em: 02 jan. 2024.
- VOSE, Rogério C. **Futebol**: história, técnica e treino de goleiro. 2ed. Porto Alegre; Edipurs, 2010.
- WISNIK, José M. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. Editora Companhia das Letras, 2014.

APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****(Resolução 466/2012 do CNS)****FORMAÇÃO DE MEDIADORES(AS) DO FÚTBOL CALLEJERO:
PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES**

Eu, Nathan Raphael Varotto, estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCar) o(a) convido(a) a participar da pesquisa “Formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*: processos educativos emergentes”, orientada pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

A prática do *Fútbol Callejero* surgiu na Argentina, em meados de 1994, com a proposta de recuperar o espaço de protagonismo e diálogo entre os(as) jovens, em um contexto onde a violência estrutural atravessava as relações: da família, da escola, do bairro. Desde então tem conquistado praticantes em diversos países da América Latina, sobretudo em projetos sociais visando protagonismo de jovens. Assim, esse estudo tem como objetivo: analisar, compreender e descrever os processos educativos emergentes da prática social da formação de mediadores(as) do *Fútbol Callejero* com fundamentação em pressupostos decoloniais no contexto da Ação Educativa.

O convite para participar desta pesquisa se dá pelo seu envolvimento com a mediação no *Fútbol Callejero*, principalmente por participar das formações de mediadores(as) do *Fútbol Callejero*.

A entrevista será individual e realizada em local previamente combinado, conforme sua preferência e disponibilidade. As perguntas não serão invasivas à intimidade dos(as) participantes, entretanto, esclareço que os possíveis riscos com a participação na pesquisa podem ser: gerar estresse ou desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvam as próprias ações. Diante dessas situações, os(as) participantes terão garantidas pausas nas entrevistas, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista a qualquer momento. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de encerramento das entrevistas por qualquer fator descrito acima, o pesquisador irá orientar e encaminhar para profissionais especialistas e serviços disponíveis, se necessário, visando o bem-estar de todos(as) os(as) participantes.

Sua participação nessa pesquisa poderá auxiliar na compreensão dos processos educativos emergentes da formação de mediadores(as) de *Fútbol Callejero*, os processos apresentados poderão contribuir para a ampliação de espaços de formação de mediadores(as) de *Fútbol Callejero* e mesmo outras modalidades que possam adotar a metodologia callejera.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação. A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu

consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos.

Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo, sendo atribuídos nomes fictícios com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Solicito sua autorização para gravação em áudio das entrevistas e posterior transcrição mantendo-a fidedigna.

Todas as despesas que o participante e seu(s) acompanhante(s) tiver(em) decorrente à participação da pesquisa serão ressarcidas de acordo com sua necessidade.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento até a conclusão da mesma. Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se pelo telefone (xx) xxxxx-xxxx.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em colaborar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana): Pesquisador Responsável: Nathan Raphael Varotto Endereço: PPGE/UFSCar - Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil Contato telefônico: (016) 98136-5599 - e-mail: varotton@gmail.com

Local e data: _____

Nathan Raphael Varotto

Assinatura da Pesquisadora

Nome do(a) Participante

Assinatura do(a) Participante

APÊNDICE 2 - Transcrição das Entrevistas

ENTREVISTA I

Nome Fictício Escolhido pelo(a) Entrevistado(a): Maira

Local da Entrevista: Museu do Futebol

Data da Entrevista: 19/03/2022

Duração: 13 minutos

Nathan: Entrevista com Maira no Museu do Futebol.

A primeira questão é comentar um pouco acerca da sua história de vida possíveis relações com a sua atuação como formadora de mediadores, quando você fez a formação, traçar uma história da sua vida e como que você chegou a atuar como formadora de mediadores.

Maira: Ó Nathan, quando eu comecei a trabalhar aqui (Museu do Futebol), que é em 2011, como pesquisadora, a minha formação de vida na verdade vinha num caminho de atuar na área de educação, então eu era professora de artes, eu era educadora de exposições, de Museus, trabalhei na bienal, no SESC. Então, pra quem, como eu, que fez graduação em artes visuais, eu tinha... é... dois caminhos, basicamente né, ou eu ia ser artista plástica ou eu ia ser educadora das artes, a primeira opção está completamente fora de cogitação (risos) porque eu nunca vendi um desenho na minha vida (risos) e tenho muito asco, assim, desse ambiente né, e até outro dia eu comentei, a minha família que é uma família evangélica, crente, cara deu um trabalho danado pra eu sair daquele ambiente, onde você tinha que converter todo mundo, você tinha que... né.... defender algo de um outro lugar, de uma outra coisa né, no caso a religião, que fosse algo melhor e aí quando eu entro nas artes, nesse ambiente, parecia que eu estava entrando em outra igreja, porque aí você tem que defender as artes. As artes é um negócio completamente elitizado, completamente inacessível às pessoas, então esse lugar de artista já ficou muito claro pra mim que eu não queria.

Então pensar que, qualquer coisa que eu soubesse, qualquer coisa que eu tivesse de experiência de troca, pra mim ia ser importante e que então era uma área que dava sentido assim... né, melhorar minha vida, a vida das pessoas.

Eu tinha muito medo dessa relação de educação... de... tinha que saber tudo, eu achava que era isso ser professor, e aí eu nunca fui aquela CDF da escola, então

caraca... Resumindo assim, né... acho que quando a gente assume uma vaga, um trabalho (ainda mais esse né, pesquisadora do futebol), não era algo que tava dado como pronto e eu entendia que alguém que faz pesquisa num tá desassociado de alguém que troca, que ensina, que aprende, que ouve, transmite, conversa. Então, é um pouco... a partir de já, já estava há algum tempinho aqui e fazia todo sentido pensar que eu podia trocar, com qualquer pessoa, inclusive com os jovens, com os mediadores, a própria ação educativa né... que convida assim... o Museu, a instituição a participar ali da formação de programações como estéticas das periferias, que é um lugar que eu aprendi demais assim, né... conhecer pessoas, que as pessoas estão fazendo, então acho que foi uma continuidade assim, desse processo né, uma vez que eu estava muito perto de experiências diferentes de futebol e eu poderia então, sei lá, trazer coisas... ó existe isso, sabia que mulheres foram proibidas, em fim... tantos temas, foi um pouco a minha chegada, mas assim, essa minha chegada se dá muito mais como observadora e aí acho que num segundo momento eu começo a me abrir um pouquinho como alguém que pode trocar, sabe, então é isso.

Nathan: Bacana, e aí a segunda questão é: O que é isto, para você: formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Maira: É... eu acho que em relação ao futebol tem uma falsa sensação de que as regras estão finitas, prontas né... e até olhando essa historiografia do esporte né... dessa modalidade, não é fechado, uma modalidade que tem mais de cem anos, assim... de prática em diferente países, diferentes comunidades e populações, essas regras são mutáveis né, então acho que ela dá esse sentido de que ó, dentro desse contexto social né, onde você tem tanta competitividade, tanta desigualdade, é possível num esporte que tem uma adesão muito grande, você utilizá-lo e provoca-lo né 01.

Então eu vejo essa experiência como uma experiência mobilizadora assim, não só de um jogo, que é legal né, você acompanhar o jogo em si, ali, ah a performance né, mas também acho que ela possibilita metáforas de vida, que você pratica dentro das quatro linhas e que se pratica em vida, de forma mais efetiva, que hoje, por exemplo, no futebol mais espetacularizado, assim, você já perdeu assim, um pouco essas metáforas né 02.

Nathan: Massa, a terceira questão é: O que significa para você atuar ou ter atuado como formadora de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Maira: Eu me sinto lisonjeada, me sinto parte, eu me sinto construindo assim... uma história, que a gente viu ter início, ter meio e espero que não tenha fim. Então, não

me sinto melhor e maior, de forma alguma, pelo contrário, é sempre as vezes uma surpresa né, quando a gente pode trazer alguma perspectiva de fora porque como observadora eu acho que é diferente um pouco como eu enxerguei assim... a adesão, o crescimento da modalidade na cidade, mas quem de fato está atuante, que leva esse protagonismo são os jovens, os mediadores né, as pessoas que vestiram a camisa, que acreditaram, que observaram também que em outros locais, em outros países era possível fazer o uso desse futebol e melhorar a vida das pessoas, então é dessa forma que eu me enxergo né, como mais uma pecinha só e em fim, muito pouco a minha contribuição **03** (risos).

Nathan: Eu não acho que foi pouco não. Qual sua compreensão das relações entre o Futebol convencional/midiático e o processo de formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Maira: É esse futebol normativo né, envolve desde uma seleção brasileira, os principais clubes, ele é a base de construção da maior parte da referência desses adolescentes, desses adultos também né, porque eles cresceram ao longo desses 10 anos.

Então se a gente está pensando em desconstruir regras, desconstruir formatos e perfis de quem faz uso desse esporte, é a partir desse modelo. Com isso você, de repente, pode somar uma ideia de que esse adolescente tem outras referências que vão partir para além da prática desses clubes, então, lembrar com eles né, que existe esse futebol jogado na sua comunidade, na sua quebrada, no seu território ou uma experiência de torcer ou relações mais clubísticas, de memórias junto à família né, sempre tem isso né, acho que a cidade de São Paulo e tantas outras cidades brasileiras vivem esse esporte de diversas maneiras, inclusive resgatar essas outras relações com o futebol é possível quando se enxerga que... poxa, não é só é... o alto rendimento do Corinthians que significa esse futebol e aí de novo né, tipo, de forma magistral essa experiência do *Fútbol Callejero* leva pra esse entendimento dos futebolis né, que a academia tá cunhando, já há algum tempo e eles estão aprendendo e vivendo isso na prática né, então é sempre esse lugar, de você pluralizar a ideia de uma modalidade **04**.

Nathan: Muito bom e a última questão é se você gostaria de acrescentar algo mais, algo que gostaria de falar, da experiência, algum recado que você acha importante deixar registrado.

Maira: Eu acho que é... quando eu olho, assim... a construção desses 10 anos é muito bonito ver que existe um esforço tanto da instituição que eu representava na época, que era o Museu do Futebol, como da própria ação educativa, os personagens

que estavam ali atuantes desde 2013, de você defender a entrada do futebol com um esporte legítimo da cultura, da cidade, da cultura brasileira e isso não foi fácil, então é isso que está acontecendo naqueles primeiros anos, até meio pisando em ovos né, quando você chega num grupo de dança, num grupo de teatro, na galera do hip-hop e então, veja gente, vamos fazer aqui, estéticas das periferias, um encontro e a gente vai legitimar o futebol como parte dessa programação, não foi facinho não (risos), assim como é difícil pensar o futebol dentro de uma instituição como o Museu, não foi fácil, não é até hoje, por vários sentidos, então eu acho que é importante sinalizar isso, que isso acontece, que não é atoa que, por exemplo, a Frida vai fazer um mapeamento de outras experiências, que a gente vai chamar de futebol e cultura, que a gente vai defender esse lugar dentro de uma cultura que é lida muitas vezes como linguagens artísticas, mas não reconhece práticas atléticas, esportivas e corporais 05.

Então acho que essa é uma primeira batalha assim, as vezes um pouco intelectual ou meio política que a gente começa a travar e é... pensar o ele representa né, esse futebol né, de novo, ah é porque é no Museu do Futebol, uma área centralizada, ai é porque é futebol, é porque é a primeira divisão, grandes clubes e não é reconhecer que também existe uma periferia nesse futebol, em vários sentidos e que então a gente tava ali disputando ué, disputando a cidade, disputando representatividade, disputando espaço, então quando o estéticas das periferias vem pra cá, traz a várzea e traz personagens que já eram atuantes dentro dessa rede que a ação educativa tem, mesmo antes do *callejero* pegar de vez, a periferia então, já estava em disputa de que futebol é esse que a gente tá falando? Que esse futebol e cultura, que esse futebol pertence a vida das pessoas e na sequência você tem essa adesão ao projeto, que né... deu certo, pegou e ele continua hoje aqui em negociação, em disputa, então cada vez que a gente invadiu essa praça Charles Miller, que a gente desenha ali na rua, que a gente põe esses corpos ali para aparecer e questionar o jogo que é meio dado como certo pra maioria das pessoas que vem aqui é... a gente então continua mantendo esses tensionamentos, então são vários lugares de negociação sobre esse esporte, que continua até hoje, mas passados 10 anos eu entendo que muitas questões, já não são mais questões, a gente já têm essas respostas, então é possível jogar diferente, é possível jogar misturado, é possível jogar com corpos que não são atléticos e a gente então, hoje entende que para além do jogo ainda a gente tem esses personagens que são frutos de anos de atuação no *Fútbol Callejero* e percebe que a vida deles não é a mesma né, de quando eles entraram,

eles tem outras noções e que se a gente pode mudar as regras do esporte o que que a gente não pode mudar nas regras do mundo né? Então a lição está aí 06.

Nathan: Muito obrigado pela contribuição.

ENTREVISTA II

Nome Fictício Escolhido pelo(a) Entrevistado(a): Larissa

Local da Entrevista: Museu do Futebol

Data da Entrevista: 19/03/2022

Duração: 15 minutos

Nathan: Entrevista com Larissa, no Museu do Futebol.

A primeira questão é que você comentasse um pouco, acerca da sua história de vida, possíveis relações com o curso de formação de mediadores. Naquele dia da formação que você fez sobre empreendedorismo social.

Larissa: Então, eu não lembro exatamente por onde foi meu primeiro contato com o *Fútbol Callejero*, eu conheci o *Fútbol Callejero* de duas maneiras: pela cooperação alemã como futebol em três tempo e depois pela ação educativa como *Fútbol Callejero*/Futebol de rua.

Eu estava em São Paulo, eu acho que em 2014, eu não lembro se eu vim pra isso ou se eu já estava aqui e participei do primeiro encontro de futebol e cultura, que foi aqui no Museu no Futebol. No que eu vim, muito atrevidamente eu coloquei Fortaleza pra ser candidata a sede... não isso já foi depois, é... aí eu vim, conheci, ok. Aí mandei uma mensagem para a Frida e para o Eleilson, eles me ouviram... ok... então a gente foi trocando ideia, estava no início do instituto esporte mais, tinha acabado de fundar e eles me adotaram, vamos dizer assim, foi a primeira grande organização, fora a cooperação alemã, que abraçou o instituto (IEMais)... aí nisso veio 2015, tinha o campeonato na Argentina, aí o Eleilson disse: “Olha, vocês gostariam de ir, para conhecer e tal?”. E essa relação de a gente se aproximar com a ação educativa, com o *Fútbol Callejero*, com o mapeamento que a Frida fez, então assim, um bucado de coisa. Aí fizemos o evento em Fortaleza, em 2015 já. Só que aí depois... a gente fez o evento, tudo resolvido... teve ainda algumas coisas da rede, mais digitais, mas aí as coisas... é... ficaram mornas, vamos dizer assim, aí depois de muito tempo recebi o convite, acho que foi da Frida, para fazer a mediação lá, participação com empreendedorismo social, foi muito bacana.

Eu tinha receio porque era uma pegada diferente, a minha pegara era diferente, mas foi bacana porque daquele encontro, eu conheci a Marta que hoje é uma educadora do Instituto Esporte Mais, que ela falou: “Eu vou para Fortaleza e tal” e eu disse: “Quando você for, me avisa que eu te coloco em contato” e hoje ela é uma profissional contratada CLT lá no Instituto.

Nathan: Nossa maravilhoso isso. A segunda questão é: O que é isto para você: formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Larissa: Olha a formação em si, eu acho que é um espaço pra gente alinhar propósitos, então, apresentar um método que a gente acredita de trabalhar, alinhar as expectativas e de certo modo entender o porquê estamos fazendo isso? E eu senti muito isso na formação, porque a gente foi para alguns assuntos, como missão e toda essa coisa, e ela vai no particular das pessoas, ela vai no íntimo. Então por que que eu faço o que eu faço? 01.

Então acho que a formação de mediadores também é um momento de a gente reforçar o por que a gente faz o que a gente faz 02.

Nathan: Maravilhoso, ótimo. A terceira questão: O que significa para você atuar ou ter atuado como formadora de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Larissa: Olha, pra mim é um privilégio porque quando eu olho para esse projeto, eu olho para a Ação Educativa, eu olho pra Frida, pra mim assim... de verdade... é muito especial porque a gente tá falando, talvez do único projeto no Brasil que tem essa pegada 03. Tem outros projetos no Brasil que falam sobre o *Fútbol Callejero*, falam de futebol em outras dimensões, mas na dimensão que é esse projeto, eu acho que é muito particular, então eu me sinto especial por isso né, e é uma troca e eu até falo isso na minha dissertação, em algum nível né porque eu não falo do *Fútbol Callejero* especificamente, mas ao conhecer essa abordagem que é maior do que tudo, ela me transformou e a partir disso, eu também consigo transformar outras pessoas 04. É bem legal, é uma mudança de vida, eu era uma pessoa, tinha uma projeção e ao encontrar esses métodos eu me tornei uma outra pessoa e as formações são fundamentais porque na formação, a gente assim... o mediador fala alguma coisa que você nunca tinha percebido e puts... né... EURECA, sabe... muda as coisas 05.

Nathan: Ótimo, a quarta questão é: Qual sua compreensão das relações entre o Futebol convencional/midiático e o processo de formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Larissa: É muito próximo, eu acho que todo jovem, toda criança que chega num projeto de futebol, independentemente do método, porque ele chega em um projeto de futebol, ele não sabe que aquilo é um método, ele chega impulsionada por aquilo que vê na TV, por aquilo que a família conta **06**. Então acho que é uma relação muito íntima e que a gente vai diferenciar. Não é no ato de jogar, mas é naquilo que esse jovem pode ser a partir da experiência, não sei se me fiz clara, mas assim, por exemplo, a gente tem várias meninas lá no IEMais que elas chegam com o sonho de serem jogadoras de futebol, a gente teve um trajeto específico de futebol em três tempos, que era “O futebol de rua contra a violência que mata a juventude fortalezense”, um caminhão o nome, mas os jovens chegavam nesse projeto com a perspectiva, dali serem encaminhados para os clubes de futebol, então é assim, é nesse prato que a gente explica: olha nós estamos aqui para te ensinar o futebol também, mas é mais do que isso. É o João Batista Freire vai dizer lá: “Ensinar além do futebol”, é ensinar além do esporte, então eu acho que é uma linha muito tênue, eu acho que não tem como a gente dizer que são coisas diferentes, sabe, na essência porque a essência é o futebol, a nossa diferença é que a gente utiliza o futebol não só como um fim, mas como um meio, na minha percepção **07**.

Então eu posso ter atletas que já foram encaminhadas para clubes de futebol, mas também a vida dela não se acaba ali, então o que que a gente consegue articular a partir desses métodos... e se não der certo também o que vai ser para essa menina? **08**.

Nathan: Muito bom e a última questão é se você gostaria de acrescentar algo mais à entrevista, algo que você acha importante ser mencionado, algo que não foi perguntado e você deseja falar?

Larissa: O que eu falo em todas as redes e em todos os grupos, o Brasil tem trabalhos belíssimos, como esse e o *Fútbol Callejero* até buscou trazer a diversidade do que é o Brasil, mas quando acaba o recurso, quando acaba a energia, as equipes ficam limitadas, isso se limita a São Paulo, então o que eu tenho a falar é que quem financia isso, também olhe para os Brasis e que não sejam projetos estanques, projetos que fazem parte de um projeto que está alocado em São Paulo por exemplo, mas que sejam projetos de longo prazo e para outros territórios que não Rio, São Paulo, em fim, aqui o eixo sul-sudeste, é isso **09**.

Nathan: Muito obrigado pela sua contribuição.

ENTREVISTA III

Nome Fictício Escolhido pelo(a) Entrevistado(a): Maria

Local da Entrevista: SESC Consolação

Data da Entrevista: 22/03/2022

Duração: 19 minutos

Nathan: Entrevista com a Maria, no SESC Consolação. A primeira questão é: Comente um pouco sobre sua história de vida possíveis relações com sua ação, aí quando você precisou dar formação para os mediadores. Você é mediadora, eu sei disso, mas a ideia é que você comente um pouco, sobre a sua trajetória de vida, até você ter a possibilidade de atuar como formadora de mediadores.

Maria: Deixa eu ver por onde eu começo... a história pessoal e profissional, pode ser?

Nathan: Claro!

Maria: Bom... eu não sei, eu assim... eu comecei, pensando no futebol na minha vida, desde que eu me lembro eu uso esse parâmetro para me definir porque desde que eu me lembro eu jogava futebol, então o futebol entrou na minha vida já na infância mesmo, desde pequenininha, desde criança jogava, passei por todos os preconceitos que as pessoas já ouviram falar, algumas só ouviram falar mesmo, não conseguiram passar porque só sabem a parte da história e em fim, sempre segui jogando, segui esse caminho, fiquei um tempo sem jogar, tive depressão, passei por algumas coisas e fiquei sem jogar, voltei pra vida tipo... “social” para atuar nessas coisas quando eu conheci a UNAS que eu fui trabalhar lá.

Na verdade, primeiro eu entrei num projeto que chamava Lata da Favela que eu tocava percussão, tocava lata também com o pessoal, aí depois fui convidada para ser educadora, arte educadora, para dar oficina nos CCAs da instituição também e nesse percurso eu fui aprendendo a conviver e saber como ser educadora, a princípio educadora né, aí depois de um tempo a gente teve a ideia de fazer um campeonato de futebol, um tempo assim, uns anos depois de eu entrar lá, pelo movimento Juventudes que tinha lá na UNAS, que tem ainda na verdade, ele ainda o nome de Juventudes, mas o movimento é Fala Jovem. A gente fez um torneio de futebol, masculino e feminino, e eles não imaginavam que teria tantos times femininos igual teve, que a gente conseguiu ir atrás tal, aí depois disso o Fútbol Callejero surgiu lá na UNAS. O pessoal foi lá na UNAS da parceria pra convidar alguém para ser mediador, eles me chamaram por conta desse torneio que a gente fez, aí fui convidada a participar, pra eu e outro rapaz

chamado Marcelo, a gente que era os mediadores 01. Aí começamos a participar do processo de formação, pra ter o mundial, no final de 2013 a gente passou por essa formação, 2014 seria o mundial, algumas meninas de lá participaram, nosso polo começou com mais meninas do que meninos porque a gente já tinha essa pessoal que ficou do torneio que a gente tinha feito lá e o processo foi esse, aprendendo a saber como mediar, conversar com os jovens, a lidar com esses conflitos, tirar da mente deles, até da nossa né, que estava acostumado com o futebol, enraizado, regras e tal, que essa metodologia seria diferente 02.

Aí o processo foi, primeiro eu aprender, para depois de um tempo, tentar passar para as pessoas, aí nesse processo, alguns jovens de lá, também queriam fazer parte disso e eu acho que pra ser formadora, pra dar formação assim, igual já aconteceu, foi acontecendo naturalmente, mas foi aprendendo, até mais com os jovens, do que comigo mesma 03.

Sabendo a metodologia, exatamente como ela era, pra passar adiante ficou até mais simples depois, depois de práticas e tal, depois de alguns anos de prática 04.

Enfim, eu acho que todo esse caminho que eu tenho, fez com que eu chegasse, conseguisse prestar atenção na hora de apresentar para as outras pessoas nesse processo de formação, não sei se está fazendo sentido tudo isso que estou falando, mas... (risos) é isso.

Nathan: Está, total sentido. A segunda questão é: O que é isto para você: formação de mediadores de *Fútbol Callejero*.

Maria: Acho que primeiro é, tipo, agregar pessoas, ter mais pessoas e é importante exatamente por isso, porque quando a gente forma mais pessoas, a gente aplica essa metodologia, mostra para as pessoas que é possível fazer coisas novas no futebol, dentro do esporte, que não precisa ser da maneira que é jogada, tal, que envolve muito dinheiro, muitas coisas. A gente mostra pra criança e pro jovem, até pra um adulto que for participar, que não precisa ser dessa maneira 05.

Acho que é isso, aprender constantemente, tal... Tá num lugar que... Sabe, sair da zona de conforto? Ser formador também nesse sentido é assim, você sai da zona de conforto e quando você está participando de uma partida de futebol normal, você vai lá, sabe que tem as regras, é lateral, é não sei o que, apita, dá cartão e com essa metodologia não, é diferente! Você sai daquela zona de conforto e vai lá, vai ter que lidar com outras coisas que você nem imagina que vai aparecer 06. Acho que é isso.

Nathan: Ótimo. A terceira questão é: O que significa para você atuar como formadora de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Maria: O que significa atuar?

Nathan: Isso, como formadora de mediadores.

Maria: Assim, como eu amo muito o futebol e a prática do esporte, pra mim é importante emocionalmente e profissionalmente 07.

Profissionalmente porque a gente cresce quando conhece mais pessoas, fala com mais pessoas, conhece núcleos e lugares diferentes, mas emocionalmente também porque você vê que é uma rede, que é um movimento né, que inclui pessoas de vários lugares e de vários jeitos, meninos, meninas, homens trans, gays, lésbicas e por aí vai, mulheres trans também 08. A gente consegue falar sobre tudo, dentro de um círculo né, quando a gente faz o terceiro tempo e ser formadora, nesse sentido é isso, é a gente poder caminhar por todos os lugares um pouco, falando com amor, carinho, respeito e respeitando a diferença de todos 09.

Nathan: Ótimo e qual sua compreensão das relações entre o futebol convencional/midiático e o processo de formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Maria: Nossa, relação? Eu não sei se tem muita relação não na verdade! Eu acho que a única relação que tem é que é o futebol porque eu acho que o produto final é diferente, embora tenha o futebol, que é isso que estou falando agora, mas que as relações que se formam dentro do *Fútbol Callejero* são diferentes dessas da mídia, que sempre parece que está disputando, que precisa vender, não mostra muito o futebol feminino, mostra mais o masculino e no nosso não! 10. Na verdade, a gente quer agregar mais as pessoas, o que tem em comum de fato é a bola, que é a ideia de ser futebol, mas eu acho que a formação, até como pessoa, pra quem participa é totalmente diferente porque a pessoa cresce mais como indivíduo, do que pensando no tradicional, que as pessoas pensam em chegar lá, só que não e às vezes as pessoas se perdem nesse caminho por conta do dinheiro e com a metodologia do *Fútbol Callejero* eu acho que não, acho que a gente consegue se compreender mais como pessoa, se respeitar mais como pessoa e nesse caminho encontrar sentido para algumas coisas, as vezes no meio desse caminho a pessoa entender que quer outra coisa, não precisa ser esse futebol midiático que existe hoje 11.

Nathan: E a última questão é se você gostaria de acrescentar algo mais a sua entrevista? Algo que você gostaria de falar, deixar alguma mensagem, alguma coisa nesse sentido.

Maria: Eu acho que a mensagem que eu deixo dessa metodologia é que, primeiro, é muito bom fazer parte disso, entender que a gente pode respeitar a diversidade múltipla que existe por aí e usando o futebol como ferramenta para isso. Acho que seria isso assim. Que é bom, é bom aprender, é bom conhecer coisas novas e esse futebol está aí para mostrar isso para as pessoas 12.

Nathan: Ótimo, agradeço muito a sua participação Maria, pela disponibilidade. Obrigado mesmo.

Maria: Eu quem agradeço.

ENTREVISTA IV

Nome Fictício Escolhido pelo(a) Entrevistado(a): Marta

Local da Entrevista: Casa da Entrevistada

Data da Entrevista: 20/04/2022

Duração: 21 minutos

Nathan: Entrevista com Marta, em Fortaleza, vamos lá, vou deixar o gravador perto de você e a primeira questão é: Comente acerca de sua história de vida possíveis relações com sua ação como formadora de mediadores de *Fútbol Callejero*.

Marta: Quando eu comecei minha atuação como mediadora, eu me deparei com a diferença de ser professora de educação física e trabalhar com mediação, porque a gente traz essa coisa da licenciatura né, na sala de aula e quando a gente vai quadra, pra rua, já é diferente.

E nisso a busca é pelo protagonismo juvenil, então que a gente é mediador, a gente identifica possíveis líderes, tanto meninas, quanto meninos, para formar essas pessoas, esses adolescentes né, para começar a fazer o que a gente está fazendo e ir seguindo né. Então, dentro do meu conhecimento né, da minha prática, a gente sempre identifica aqueles líderes, seja positivo ou não né, porque tem os da bagunça também né, para poder começar a fazer uma atividade, talvez puxar ali a mediação, trocar uma ideia e isso é um grande potencial, é a diferença da mediação 01.

Nathan: Legal, eu queria que você contasse um pouquinho mais da sua trajetória de vida, até chegar naquele momento em que você foi formadora de mediadores.

Marta: Então é... Na educação física eu tive contato com diversas áreas, é o mal da educação física, é o bem (risos), hidroginástica, natação, ginástica laboral, foi aí que

eu lidei mais com públicos diversos né, não só com criança. E aí então, recebi a proposta de trabalhar com educação social, na OSAF, foi aí que eu me deparei com outro universo e dentro dessa oportunidade, a gente já tinha dito que seria com o *Fútbol Callejero* e aí começamos o processo formativo em parceria com a Rede Paulista de Futebol de Rua, para entender mais essa metodologia né, de trabalho. Então quando eu fui percebendo, a gente, não seria nesse tom de licenciatura né, de dar aula, mas sim de responder com outra pergunta e instigar o que eles soubessem para dar a resposta assim, instigar o potencial dessas crianças, porque normalmente na sala de aula (não deveria ser assim, mas é) a ordem vem de cima para baixo e essa coisa de: “eu sou o saber e você depende de mim”, na oficina não é assim, então todos ali tem um conhecimento prévio, uma vivência porque é um futebol de rua, o que que você aprende né? O que que você faz na sua casa que você vai trazer? E dentro disso vamos negociar pra conseguir a prática e aí foi evoluindo, foi passando o tempo e tendo experiências, até onde eu me formei né, pela Rede Paulista de Futebol de Rua e aí a gente começou a fazer o inverso, agora eu vou trazer outros potenciais para fazer mediação né, os jovens de 16 e 17 anos e agora a gente está aqui, saiu desse papel como Professora de Educação Física e traz mais a mediação e com isso você tem um olhar totalmente diferente na sua prática, na forma de lidar, na forma de falar, não responde mais em uma forma de dependência, mas no que eu posso te ajudar, acho que é essa a diferença hoje em dia **02**.

Nathan: Muito bom! A segunda questão é: O que é isto para você: formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Marta: Bom, a formação de mediadores de *Fútbol Callejero* é a gente se debruçar diante dos pilares né, cooperação, respeito e solidariedade e também sobre as vivências de gênero na mesma quadra, como que faz esse mistério aí né? Por que até hoje os esportes competitivos de grandes organizações não são mistos, são separados por gênero, até mesmo ali na prática, quando vamos fazer uma competição na escola, ainda é separado por gênero, a não ser a queimada (risos). Então, na mediação a gente começa a se debruçar com isso: Como que a gente vai acolher essas diferenças e igualdades? Então, é importantíssimo estar preparado né! Uma criança trans, uma criança que nunca jogou com o sexo oposto e não aceita de forma alguma e a criança não é machista, ela cresceu nesse ambiente e está aprendendo como que lida né! Porque não sabe como que é a vivência da família dela, então como acolhe esse menino que se diz ser violento e muito competitivo, e essa menina que diz que talvez não gosta de futebol, quando na verdade ambos não tiveram oportunidade de estar no mesmo espaço.

Então, na formação a gente vai aprendendo para poder proporcionar melhor vivência ali
03.

Nathan: Bacana, o que significa para você atuar como formadora de mediadores de *Fútbol Callejero*? Qual significado que tem você em atuado como formadora de mediadores?

Marta: O significado acho que é ressignificação né, da nossa atuação, 10 anos atrás era de um jeito, agora já é de outro, quando você pega as adolescentes de 11 anos, é tik tok, é outra realidade, tem que falar na mesma língua né, ainda mais nesse momento que eu estou nessa regional, eu converso muito com as professoras e professores, é totalmente diferente já né, outra cultura!

Nathan: Em qual regional você está?

Marta: No Ceará, aqui de Fortaleza. A forma que eles dão aula, a forma que eles falam, é diferente, a disciplina, a forma que é feita né.

Nathan: É diferente de onde?

Marta: Daqui do Ceará né, São Paulo. Vou dar um exemplo assim, na aula de Educação Física aqui é comum os estudantes irem de chinelo, de tênis, a criança ficar meio... sabe? Lá (São Paulo) não ou faz assim ou não faz né, mais rígido, aqui não, aqui o pessoal é mais tranquilo, deixa levar.

Então na formação de novos mediadores você já para aí, de onde eu vim? De onde você é? Primeiro escutar como é a prática dessa professora, desse professor e dentro disso incluir os conceitos do futebol de rua, por exemplo, assim, primeiro dia de aula aqui galera chegou sem chuteira, era 08hs a aula, foi começar 08:30hs, aqui é supernormal, sabe uma coisa assim? De pontualidade, horário. E eu já, nossa, e aí professora? Aqui é sempre assim, você tem que ir devagarzinho e lá não, horário é horário, chegou tarde paga 10 (risos) **04.**

Então isso já é uma prática, a gente não pode trazer o conceito sem escutar o que você pratica. Então é ressignificação Nathan! A nova prática de mediadores, de acompanhar as tendências, a movimentação da juventude né, como que eles estão! E conseguir ser interessante porque se a gente não for interessante quanto o tik tok, a gente perde, então a gente tem que saber falar, a gente tem que saber levar para ganhar a confiança e aí sim seguir novos conceitos **05.**

Nathan: Perfeito! É qual sua compreensão entre o futebol convencional/midiático e o processo de formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Marta: Bom, então o futebol midiático na verdade é o nosso espelho né, nossa base de futebol né! É o que a gente admira, é o que a gente cresce vendo e pra nós formadores é assim, pra nossas crianças é assim também, referência lá. Então se o jogador cuspiu no campo, falou não sei o que com o árbitro, é o ídolo né, é a referência que ele vai trazer e aí comparativo com o futebol de rua, dá isso para os formadores né, como a gente faz, é de pensar... Como crítica, como senso crítico, então o que acontece ali no futebol midiático? Por que que isso não é legal? Mesmo tal pessoa, seu ídolo, sua ídola; vamos levar para dentro da quadra, você menino, você menina, então formador, o que você precisa pensar né? Então para formação de mediadores é a gente não trazer o futebol midiático como vilão (é a nossa vontade), mas sim como: Tudo bem, é legal! Tal atleta é legal você acompanhar na rede social, porque a gente tem, através das redes sociais, uma proximidade com nosso ídolo, coisa que a gente não tinha antigamente e isso as crianças tem! Vê como que é a família, vê como que é a rotina, os carros que tem; além do futebol. Então como formador a gente tem que fazer o que? Bacana! Só que vamos trazer aqui e tal postura que teve em campo? E tal coisa? E você aqui? Diante dessa menina, como é que você vai lidar? Para ser um ambiente saudável para vocês né! Então é a gente trazer como parceiro, o futebol midiático e usar como ferramenta de transformação na prática, no dia a dia **06**.

Nathan: E a última questão é se você acrescentar algo mais à sua entrevista? Algo que você acha importante destacar sobre esse processo de formação de mediadores, algo... Livre assim, que você acha importante deixar registrado.

Marta: Bom é dizer que eu né, senti na pele o processo de formação de mediadores e mudou, eu como pessoa e como profissional de Educação Física também, hoje eu digo que eu sou primeiro Mediadora, Educadora Social e depois Professora de Educação Física porque é completamente diferente, você melhora sua relação e você consegue, como as crianças, levar isso pra sua casa, então diante de um conflito a gente gritaria mais alto e começaria a medir quem grita mais, quando você entende a mediação, você não! Deixa eu te ouvir então, deixa eu falar agora, saber ouvir né, esperar para falar, não atropelar, as crianças falam que fazem isso em casa com os pais né, a gente também passa por isso, então você muda como pessoa e é isso que é cidadania **07**.

Nathan: É isso?

Marta: É isso!

Nathan: Muito obrigado.

ENTREVISTA V

Nome Fictício Escolhido pelo(a) Entrevistado(a): Carlos Mariguella

Local da Entrevista: Casa do Entrevistado

Data da Entrevista: 23/04/2022

Duração: 20 minutos

Nathan :Entrevista com Carlos Mariguella em Camaçari.

A primeira questão é comentar um pouco acerca da sua história de vida possíveis relações com a sua atuação como formadora de mediadores.

Carlos Mariguella: É uma experiência muito rica né porque além do *Fútbol Callejero* em uma outra dimensão de formação né, não é uma formação política e social ao qual está acostumado ao longo dos anos né, que eu venho fazendo formação em assentamento, em sindicatos, em comunidades, mas sempre de um olhar, muito mais de uma visão de sociedade mais aprofundada, um olhar crítico mais aprofundado 01.

E a experiência com o *Fútbol Callejero* foi uma experiência muito interessante porque eu tive que aprender enquanto fazia isso né, ou seja, utilizando toda a nossa experiência, toda a bagagem que nós temos relacionada as questões sociais, as questões periféricas, as questões relacionadas as comunidades em vulnerabilidade social, então a parti daí você tem o futebol, ao qual também a gente tem uma caminhada né, então nós é... enquanto mais jovem jogando também futebol dentro da várzea né, em uma comunidade aqui de Camaçari, uma cidade que não tinha muitos atributos esportivos e tudo mais, então eu vivi aquilo ali e o tempo todo eu fazia um paralelo enquanto fazia essa formação de mediadores, enquanto tinha contato com essa visão, essa nova concepção muito além da bola, muito além do futebol, muito além do gol e eu sempre fazia um paralelo pensando que se eu tivesse tido acesso enquanto jovem (que são os grupos sociais alvo né, de jovens periféricos) provavelmente eu teria uma carga né, de conhecimento, de consciência de classe, de senso de bem comum, senso de coletividade muito maior ou até muito mais cedo, então acredito né, que eu fazendo essas formações o tempo todo me vinha isso, poxa, se eu tivesse tido essa oportunidade de ser formado para essa nova maneira, seria muito além do que é uma bola né, que eu passei a infância jogando apenas futebol né, poderia ter sido muito mais 02.

Nathan: Beleza! A segunda questão é: O que é isto para você: formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Carlos Mariguella: A formação de mediadores é de uma importância, talvez seja um grande contato de formação política e social dentro de um sentido até *latu sensu*, a gente pode falar até de um caráter civilizatório né, então assim, como essa ética que rege as concepções civilizatórias, o bem comum, que são os aferidores de um avanço civilizatório da sociedade, uma vez trazendo essa formação né, formação que, como a gente já colocou, vai muito além do futebol **03**. Então na verdade a mediação forma cidadãos né, então esse cidadão forte que tem a bola, o futebol praticamente como um pano de fundo né, como uma coisa até secundária né, em relação à mediação **04**. Então essa formação se torna, hoje, de uma importância tão grande que, provavelmente nessas comunidades, isso sendo aplicado em termo de política pública, nós estaríamos orientando pra uma geração, nos territórios onde são aplicados, pra uma geração de possíveis representantes inclusive políticos, representantes comunitários, pessoas com senso de territorialidade muito maior, com senso de pertencimento e para além disso, esse aumento potencial dessa capacidade de sujeitos históricos, coletivos né, as gerações se tornarem sujeitos históricos, dizer que assim: “olha, foi a partir dessa geração aqui que essa comunidade mudou, a partir dessa geração de mediadores e mediadoras que essa comunidade mudou” **05**. E isso certamente a gente vai ver nos resultados, talvez nos lugares onde isso começou a mais tempo de repente já possa sentir esses resultados e no futuro nesses lugares, nesses territórios onde estão sendo aplicados essa filosofia do futebol de rua, nós vamos colher frutos muito bons, de representações e de um espaço, para além do geográfico, para além do físico, um território muito melhor **06**.

Nathan: Bom! A terceira questão é: o que significa ou que significou para você atuar como formador de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Carlos Mariguella: Pra mim foi uma experiência muito rica porque eu venho de uma experiência muito forte formativa, em diversos lugares, sou do dendê da universidade, até a formação política, nos partidos políticos, nos assentamentos, ocupações, em todos os lugares, então eu já tinha uma vasta experiência, mas eu sinto que a partir da experiência com o *Fútbol Callejero*, a partir da experiência com a formação de mediadores, inclusive a minha capacidade de formar outros grupos sociais foi bem melhorada né, porque pra além de um ter adquirido uma experiência a mais, isso me transformou, ou seja, formar se transformando né, a cada formação que a gente fazia, que faz e que ainda vai fazer muitas, nós sentíamos que nós não somos mais os mesmos, enquanto cidadãos também, então nós nos transformamos em cidadãos

melhores por estar trabalhando com essa formação 07, então compreender a realidade social desses jovens, de crianças e ouvi-las né, de uma maneira menos hierarquizada, mais horizontal, com essa dialogicidade freireana né, em que nós estamos dialogando entre sujeitos né, então você tem uma via de mão dupla o tempo inteiro e à medida que você vai formando, você vai se formando também a partir dos olhares, a partir das intervenções, a partir da forma das interpretações, as traduções que esses jovens e essas crianças já iniciadas, desde cedo em pensar o bem comum, em pensar a ética, em pensar a cidadania, pra ver que são valores muito mais fortes do que uma vitória em si e isso vem de encontro, justamente à uma necessidade da sociedade, de apartamento um pouco, inclusive da escola tradicional, da família, até as próprias religiões que pregam essa teologia da prosperidade, em que as pessoas são tratadas muito de maneira individual, essa falsa meritocracia e desde cedo sendo aplicado isso, eu acredito que existe uma possibilidade nesses territórios, as próprias escolas onde esses garotos e garotas estudam irem se transformando de alguma maneira a partir deste novo olhar, mais crítico e mais sensível dentro da própria sala de aula 08.

Nathan: Muito bom! A quarta questão é: qual sua compreensão entre o futebol convencional/midiático e o processo de formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Carlos Mariguella: Eu confesso que quando eu fui trabalhar com a mediação, formação de mediadores e também no comitê executivo do mundial de *Fútbol Callejero* eu já vinha em um processo de desencantamento com o próprio futebol, então, eu tenho meu time de coração, mas sem nenhum entusiasmo se ganha ou se perde e eu comecei a ter um olhar mais crítico para o futebol tradicional né, porque o futebol midiático né, eu costumo dizer para os meu alunos que em um campo de futebol, um estádio de futebol, poderia se chamar estúdio ao invés de estádio né, porque você está ali, uma exibição e o que está em jogo é o menos futebol, o que está em jogo são os patrocinadores, quanto vai receber, ou seja, o campo de futebol se tornou um lugar que... Um ponto até turístico, então as pessoas vão assistir... Um campo de futebol que antes cabia 120 mil pessoas, hoje não passa de 40 mil, porque aquele público, que na verdade não é público, são figurantes do espetáculo né, porque na verdade esse jogo está sendo transmitido para bilhões de pessoas que pagam TV por assinatura e tudo que está em jogo, nesse futebol tradicional, é o dinheiro, é quanto um ganha, quanto um vai ganhar, quanto o patrocinador vai pagar e essa briga, um patrocinador quer patrocinar mais para ter mais exposição, em que o jogador de futebol profissional, não por acaso, são pessoas desengajadas socialmente, são negros e negras, por exemplo, que não abraçam as

questões antirracistas, só ligam para seu próprio umbigo, para sua exibição e a partir da perspectiva do *Fútbol Callejero*, eu acredito até mesmo que estejamos formando uma nova safra de jogadores e jogadoras de futebol profissional, dentro do próprio futebol tradicional **09**, então é uma tendência que nós podemos observar a partir dessas formações, é que esse jovem que amanhã venha a se tornar um jogador profissional, que vai jogar nesses grandes clubes, ele vá com um olhar muito mais atento às condições sociais, um olhar mais atento às condições políticas e muitas vezes acreditamos que eles vão utilizar a sua popularidade em prol da sociedade né, não apenas para se locupletar, auferir lucro nisso aí, mas assim, ser um agente social antes de tudo um cidadão, antes de ser um jogador profissional **10**.

Nathan: Ótimo e a última então é se você gostaria de acrescentar algo mais a entrevista, se você acha necessário ser falado o que não foi falado antes.

Carlos Mariguella: Eu acredito que esse trabalho que está sendo feito agora por você é um parte fundamental né, porque se intervenções dessa se transforma em um trabalho científico, como um doutorado, isso quer dizer que passou a ser uma matéria de produção de conhecimento a respeito disso e a partir da produção de conhecimento nós temos condições de transformar isso em uma orientação em política pública né, orientação em políticas públicas porque imagine só a partir de um trabalho desse, sendo bem divulgado, sendo bem analisado, prefeitos e prefeitas tendo acesso ao alcance social desse trabalho, inclusive na redução da violência que acomete os jovens, aqui na minha cidade, Camaçari, que é a décima cidade mais violenta do Brasil, onde a média de assassinato é quase um por dia, nós temos aqui é... 93 jovens a cada 100 mil habitantes morto por ano aqui, então nós temos aí quase 300 jovens que nos deixam para a violência e eu tenho certeza que se nós tivéssemos isso enquanto política pública seria essencial, seria uma nova geração de jovens muito mais críticos e nós sabemos também que pra isso necessita muita vontade política e os governantes, no perfil que nós temos hoje, infelizmente não querem que os jovens pensem né, eles querem é trazer o pão e circo e nunca trazer consciência política, social e econômica porque esse jovem seria mais atento as eleições **11**, seria um eleitor muito mais qualificado, um eleitor muito mais exigente, um eleitor com a capacidade de mobilização muito grande, uma capacidade de persuasão muito grande, uma capacidade de sedução (no sentido bom da palavra), de atrair pessoas para as causas, então eu acredito que a produção de conhecimento a respeito do *Fútbol Callejero* é um passo importantíssimo para a consolidação dessa modalidade enquanto política pública **12**.

Nathan: Perfeito, muito obrigado Carlos Mariguella.

Carlos Mariguella: Eu quem agradeço.

ENTREVISTA VI

Nome Fictício Escolhido pelo(a) Entrevistado(a): Jones

Local da Entrevista: OSAF – Araras-SP

Data da Entrevista: 25/03/2022

Duração: 23 minutos

Nathan: Entrevista com Jones na OSAF.

A primeira questão é comentar um pouco acerca da sua história de vida possíveis relações com a sua atuação como formadora de mediadores. A ideia dessa questão é você fazer um caminho do que como você chegou até o *Fútbol Callejero* e depois passou a ser formador também.

Jones: Certo, bom é... Tudo aconteceu porque eu coordeno a OSAF né, sou coordenador da OSAF, sou formado em Psicologia e desde que comecei a trabalhar aqui, no ano de 2018, eu fui pensando em práticas que ajudariam a alavancar um pouco mais o projeto, foi nessa situação que eu conheci a Daiane, uma psicóloga que trabalhava no CEDECA e a Daiane conhecia a Marta que é... estava conhecendo o futebol de rua através da universidade, não sei se ela buscar algum texto na internet, enfim, que ela é formada em Educação Física né, e aí a Daiane foi a ponte entre eu e a Marta. Então falei para a Daiane convidar a Marta para vir à OSAF, falei para passar meu contato. A gente marcou um dia, a Marta encontrou em contato comigo tal... Marcamos e a Marta veio até a OSAF e me apresentou um pouco do futebol de rua, mas neste meio tempo eu fui procurar saber o que que era tal... Pra não chegar muito cru né... E a Marta me apresentou um pouco do que é o futebol de rua, mas a partir de artigos que ela encontrou na internet né...E o que ela desejaria era um lugar para ter a vivência, mas curiosamente esse momento assim que estava conversando com ela, foi um momento de muitas recordações, aí da minha história de vida porque a Marta foi minha colega é... na infância porque a gente jogou junto, a gente fez parte dos times de futsal do SESI quando criança, ali nos nossos 8, 10 aninhos e ela mora perto da minha casa inclusive. Então quando ela chegou, eu lembrava dela de algum lugar, mas aí depois da conversa a gente recordou que a gente era colega de clube lá da nossa infância e tipo, praticamente quase 20 anos depois, a gente se encontrou.

Ao mesmo tempo, acho que... Pensando um pouco o esporte em si, porque depois foi toda uma descoberta né... A Marta começou a trabalhar aqui como voluntária, depois a gente efetivou ela como educadora social aqui no nosso projeto e pensando um pouco é... acho que foi... a gente foi conhecendo junto o que era o futebol de rua na prática né, a teoria a gente sabia a partir lá dos textos, mas claro né, é sempre um aprendizado novo e a prática a gente começou a fazer praticamente juntos assim, eu fui acompanhando tal, mas achei bem importante, sobretudo essa questão do diálogo né, porque eu venho da Psicologia, minha formação é em Psicologia, eu fui atleta, eu joguei basquete e por treinar em uma equipe, apesar de ser universitária, mas uma equipe que disputava campeonatos semi profissionais, a gente treinava toda semana, então aquela coisa do alto nível né, do desempenho e não tem muita vez pro diálogo né, então eu vim da competição, eu fui formado dentro da competição, mas ao mesmo tempo com minha formação em Psicologia, essa questão do diálogo eu vi como um instrumento muito forte pra gente pensar possibilidades educativas, pedagógicas ou mesmo questões sociais dentro do esporte, então eu comecei a ver o esporte por outro lugar, não mais na competição, da qual eu vivi intensamente na minha adolescência e início da fase adulta com o basquete, mas passei a ver, depois como profissional de Psicologia, como um lugar coletivo, de transformação, de escuta do outro, então passei a entender o Futebol de Rua como essa possibilidade, então acho que... É... Eu cruzo com o Futebol de Rua por duas maneiras, tanto pelo gosto pelo esporte, atividade física e tal, como pelo interesse no diálogo, na transformação do coletivo, então essas duas coisas me chamam muito a atenção.

Então a minha história de vida ela cruza com o Futebol de Rua nesse sentido né, por essas duas coisas e por conta da chegada dela (Marta) aqui, então comecei a atuar aqui (OSAF) como coordenador em 2018, tendo essa pessoa que fez a ponte entre eu e a Marta, a Marta me apresenta o Futebol de Rua, eu vou buscar também saber um pouco mais e a gente começa a prática aqui de forma voluntária e depois a Marta foi efetivada.

Nathan: Massa e a segunda questão é: O que é isto para você: formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Jones: Eu acho que é uma possibilidade de a gente poder fortalecer a juventude porque eu acho que os temas que a gente trabalha no Futebol de Rua são temas que a gente não encontra na escola, não encontra num curso técnico e as vezes nem encontra na faculdade dependendo da área que você vai ou, as vezes, até mesmo dentro do

esporte, como por exemplo na Educação Física 01... Sei lá... Eu imagino que não tenha uma disciplina que se conversa sobre gênero, sobre violência, talvez mencione em algum momento, eu imagino.

Eu acho que essa é uma possibilidade de levar para as crianças e para os adolescentes um raciocínio crítico sobre o mundo, uma abertura para a diferença, eu acho que a formação no Futebol de Rua tem que ter esse viés de poder pensar a construção desse jovem para um mundo que é afetado por questões de violência, pela desigualdade, então nosso intuito acho que é formar jovens que tenham interesse a dialogar, entender e a refletir sobre o nosso mundo, sobre o social, sobre as coisas que estão acontecendo 02.

Pra mim a formação no Futebol de Rua é a possibilidade de isso acontecer.

Nathan: Perfeito e a terceira questão é: O que significa para você atuar como formador de mediadores de *Fútbol Callejero*? Atuar ou ter atuado né.

Jones: Sim, acho que é a possibilidade de ser agente dessa ideia né, de promover isso e de poder afetar cada vez mais jovens com a reflexão, com a ideia, vivenciar o esporte de uma maneira saudável e alegre né, acho que atuar com o Futebol de Rua, me dá essa possibilidade de como trazer a potência da alegria, a potência das relações da amizade dentro do esporte, que daí não é um esporte de rendimento né, então acho que é a possibilidade de trabalhar e agir em virtude disso 03.

Nathan: Muito bom. A quarta e penúltima questão é: qual sua compreensão entre o futebol convencional/midiático e o processo de formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Jones: É... acho que a minha própria experiência, apesar de ser no basquete, já diz um pouco né, porque dentro do Futebol de Rua eu pude experimentar, ver o esporte de uma outra perspectiva, que não o alto rendimento 04.

Pensando especificamente o futebol é... E como a maioria de nós brasileiros, a gente né, sempre participa de uma pelada no fim de semana, sempre vai jogar em algum lugar e tal, eu acho que são esportes, eu diria até que são esportes totalmente diferentes, mas interesse muito mais pelo Futebol de Rua, no sentido de que, ele tem algo a mais, ele tem coisas diferentes dentro dele e essas coisas é o que nos fazem questionar, inclusive o que a gente acha sobre esse futebol midiático e convencional né, que é o futebol que têm vários problemas né, problemas sociais inclusive né, então acho que o Futebol de Rua é a possibilidade de a gente olhar para esse futebol e começar a pensar os problemas que ele tem né, é um futebol que em sua maioria, por exemplo, os homens

recebem muito mais investimento financeiro do que as mulheres, toda caminhada de alguém que começa nas categorias de base, até jogar no profissional é diferente, a depender do gênero, outras identidades não acessam esse tipo de futebol e fora os problemas de violência, as questões sociais que esse tipo de futebol acarreta 05. É o futebol que promove o desejo dentro de um sistema capitalista, ok nada contra, mas não é um desejo de transformação social propriamente né, acho que tem as suas questões também a ser pensadas, mas eu acho que o Futebol de Rua é uma possibilidade de se trabalhar de uma maneira mais acolhedora com as diferenças e a grande diferença que eu vejo é isso 06. Poder pensar esse esporte que é tão popular no mundo né, aí a gente se pergunta: Popular pra quem? Quando? Por quê? Mas acho que poder trabalhar as diferenças, poder agregar as diferenças dentro desse futebol, pra mim é uma das coisas mais importantes que tem 07.

Nathan: Massa e a última questão é se você gostaria de acrescentar algo mais a entrevista? Se você gostaria de dizer algo que não foi perguntado ou o que você acha importante deixar registrado.

Jones: O que eu gostaria de deixar registrado, pensando um pouco o benefício que isso tem para nossas crianças e adolescentes, como psicólogo eu fico pensando muito no desenvolvimento deles, numa galera que só vive dentro do mundo da tecnologia, numa galera que, dentro das redes sociais, eles tem a sensação de que eles podem falar o que eles querem, pra quem eles quiserem sem colocar a cara, então isso vai mudando um pouco a configuração da adolescência e como eles vão entendendo o mundo também e conseqüentemente como eles vão entendendo as relações sociais, então eu acho que quando a gente resgata essa experiência de olhar no olho, de sentar em roda né, de discutir o que vai acontecer no começo do jogo, de debater essas regras e entender que isso não precisa virar um textão do facebook né (risos) e que justamente por eu estar ali, presente, eu tenho também que dar alguma posição né, porque diferente de eu estar atrás de uma tela, com um perfil *fake*; eu acho que pra adolescência poder resgatar essa experiência de habitar espaço público, de habitar a rua né, porque uma coisa é a gente trabalhar isso dentro de um projeto social, dentro de uma escola, dentro... enfim... De um espaço que teoricamente já está implícito a garantia daquele espaço para aquela criança e conseqüentemente os direitos dela né, o acesso ao esporte, cultura, lazer, etc 08. Mas quando a gente passa a habitar um espaço público, quando a gente passa a jogar isso na rua, acho que isso vai mudando a relação da criança com aquele espaço né, porque a gente está atravessando um momento agora que as pessoas não

mais jogam futebol na rua, em poucos lugares na verdade. Algumas praças públicas são dominadas pelo tráfico de drogas, então poder fazer brotar de novo essa força, dentro dessas crianças e desses adolescentes, de eles compreenderem a importância que eles têm de habitar a comunidade, de habitar os espaços públicos da comunidade e essa experiência que eles vão ter de escutar, de propor, de perguntar, de discordar, falar: “não, eu não concordo e penso de tal maneira”, então essa possibilidade de serem eles dentro de uma atividade eu acho que é importantíssimo né, a gente tem atravessado um momento muito complicado agora com essas coisas de internet, pandemia e eu vejo o futebol de rua como uma possibilidade de um resgate dessas relações; reconstruir e reconstituir relações saudáveis sabe, então eu gostaria de deixar isso registrado, no sentido do impacto que isso tem para o desenvolvimento dessa galerinha aí 09.

Nathan: Muito obrigado Jones.

Jones: Obrigado.

ENTREVISTA VII

Nome Fictício Escolhido pelo(a) Entrevistado(a): Frida

Local da Entrevista: Casa da Entrevistada

Data da Entrevista: 20/03/2022

Duração: 21 minutos

Nathan: Entrevista com Frida, peça fundamental.

Frida vou pedir para você comentar um pouco da sua história de vida, possíveis relações com sua ação como formadora de mediadores de *Fútbol Callejero*.

Frida: Bom, minha história de vida tem muita relação com o futebol né, acho que a gente até já conversou sobre isso algumas vezes, mas eu joguei futebol na minha adolescência, depois tive que parar e fui frequentar bastante estádio e tal, até que em 2014 eu fui convidada pela Ação Educativa para trabalhar no mundial de Futebol de Rua enfim, aí tudo isso já está meio assim, bastante dito né, toda essa trajetória que depois do mundial se tornou o evento e a Copa América e as redes né, mas eu acho que sua perspectiva de pergunta está mais ligada a como é que estabeleceu essa conexão. Bom, eu também fui conhecer a metodologia lá em 2014, quando o Athos e Rodrigo já estavam né, depois a gente tenta alguns editais, aí tem o Juventude Viva, acho que é um passo importante assim, para a consolidação porque os mediadores também começam a receber, a pensar nessa estratégia de polos enfim e a minha participação, ela sempre foi

uma participação meio que de coordenação né, então uma participação um pouco distante da prática em si né, porque teve esse período de conexão da Ação Educativa com essa prática; que que acontece, não era eu que ia até os locais e tal, porque eu fazia outras paradas na Ação Educativa né. Quando começa a estabelecer essa relação que eu vou... é... Que estou tô mais na dinâmica do dia a dia por conta dos financiamentos e tal das redes, a minha dinâmica também é mais vinculada a quem está coordenando os processos dos mediadores, então Athos, Rodrigo, você, então eu nunca tive muita é... A minha conexão com mediadores, com a prática de mediação tal, ela sempre foi distanciada pelo meu lugar dentro da instituição, depois que eu sai de instituição e fui fazer o mestrado é... As coisas mudam um pouco por quê? Porque eu passo a ser contratada para pensar em documentos, pra pensar em produção de conteúdo, pra pensar em estabelecer alguns registros também desse processo e tal, e aí eu faço uma proposta de formação né, pra um período e tal, e aí nessa proposta de formação eu me incluo como formadora, não temática, mas para estabelecer uma abertura e um fechamento disso porque eu tinha a ideia de construir um documento que pudesse ter esse registro, que nunca tinha tido, mas também pensar em viabilizar alguma coisa maior porque... Só um parênteses, eu sempre fui uma dura crítica e sempre me incomodou muito esse lugar que a Rede Paulista de Futebol de Rua ocupa, que é um lugar complexo, que é quase um não lugar. Enquanto tem um financiamento e as coisas vão caminhando, mas não consegue se emancipar e isso sempre foi uma crítica, então quando eu pensei naquele documento, que eu acho que você também tem como referência aí para suas pesquisas, eu pensei em construir um caminho formativo, por isso eu me coloquei como formadora da abertura, para explicar o processo e encerrar com aquela dinâmica aonde pudesse construir aquele documento entendeu!

Nathan: Ótimo, muito obrigado. A segunda questão é: O que é isto para você: formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Frida: É... Nathan, eu me considero uma educadora porque eu sempre fiz isso, desde sempre né, então pra mim nada se estabelece sem processos formativos porque o processo formativo ele pode ser algo meramente... Você senta lá, você tem um tema e as pessoas vão ouvir tal, mas eu acho que a própria essência do futebol de rua, ela não compactua com metodologias... Que as formações sejam dessa forma né, então os processos formativos pra mim sempre são de muita troca né, de muito aprendizado 01.

Eu acho que assim, a formação ela está num lugar para o futebol de rua, é quase que a prática da mediação em outra perspectiva né, porque... Pelo menos assim,

sempre quando eu propus, sempre quando eu tentei coordenar esses processos, quando eu mediava, eu era formadora, mas também quando chamava pessoas, eu também sempre pensava em estabelecer essa conexão porque eu acho que esse espaço é um espaço de muita potência assim né, e eu acho que assim, eu não acho que estabelecer um processo de rede seja simples, então eu acho que esse caminho ele vem se construindo e ele vem se construindo também pelas formações 02, mas eu acho, olhando de fora um pouco, eu acho que as coisas elas tem se encerrado muito nos processos formativos, a gente ainda não conseguiu dar esse salto 03.

Nathan: Qual salto?

Frida: De pensar o que se aprende nesse processo formativo, o que se troca, o que se combina, o que se deseja, sair da sala e ir pra prática, eu acho que falta essa coisa mais naturalizada assim sabe! A gente se encontra, combina, troca e faz, até mesmo conceitual e aí como isso se estabelece na prática, sabe.

Nathan: Você acha que isso não aconteceu ou...

Frida: Não, eu acho que acontece para a metodologia, mas não se confirma pra rede entendeu? 04.

Nathan: Tá, O que significa para você atuar como formadora de mediadores de *Fútbol Callejero*? Ou ter atuado.

Frida: Olha, pra mim foi um processo meio que natural porque como eu estava muito próxima, nesse processo de coordenação e aí quando isso se consolida, quando eu falo que é um momento que eu preciso parar para estudar, colocar no papel as coisas que eu já havia pensado e aí eu paro pra fazer o mestrado 05. E aí tem a temática de gênero forte nessas minhas pesquisas, acho que isso acabou se dando naturalmente por eu ser uma pessoa próxima à instituição, às pessoas e tal, por eu ser uma pessoa que conhece esse processo desde do início, por eu ser uma pessoa de confiança né, de alguma medida, então como eu acabei me tornando uma pessoa referência num tema que tem relações e que é um tema importante 06, então eu acho que isso aconteceu meio que naturalmente é... isso pra mim, eu acho que é muito importante, eu adoro isso, eu adoro essa troca, não só da rede, dos jovens e tal, mas enfim... a minha vida inteira eu dei formação e hoje eu me considero uma pessoa com uma experiência importante nisso... É meio andar de bicicleta né também (risos), veja bem, tem uma dinâmica própria né, pra jovens, pra educação de jovens e adultos, que também foi uma coisa que eu dei bastante formação, então tem uma dinâmica própria, você vai entender, conforme você vai dando formação pro mesmo grupo, você também vai estabelecendo um

processo de confiança, conhecimento assim, eles também já sabem um pouco sobre você, então pra mim é muito importante, pra mim é uma consequência, eu me sinto feliz, me sinto lisonjeada 07, mas assim, pra mim também foi uma consequência, uma conquista do meu trabalho assim.

Nathan: Massa, é... Qual sua compreensão das relações entre o futebol convencional/midiático e o processo de formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Frida: A relação que eu encontro entre o futebol midiático...

Nathan: E convencional, com a formação de mediadores. Pode ser de aproximação ou distanciamento. Algumas relações desse processo.

Frida: Olha Nathan, eu não sei, é muito complexa essa pergunta pra mim, mas assim é... Do ponto de vista prático não tem relação, assim, são propostas completamente diferentes né, mas eu acho que a relação de aproximação com o futebol numa perspectiva comercial né, no sentido de se tornar profissional e seguir uma carreira aí e eu acho que quando isso se frustra né, quando isso não acontece, a maioria desses jovens, eles vão procurando uma conexão de outra forma, então por isso que eu acho que se aproxima e se distancia. E aí, talvez, estabelecendo essa conexão com essa metodologia ou com os processos formativos, você volta em outro lugar, se é para você voltar, você volta com outra compreensão 08.

Nathan: Legal e a última questão é se você gostaria de comentar algo sobre a entrevista, acrescentar algo sobre o tema que você gostaria de comunicar, falar, sobre formação de mediadores no *Fútbol Callejero*?

Frida: Olha Nathan, eu acho que assim, se a gente pensar no histórico de formação, desde o primeiro processo formativo, que teve um aspecto específico, uma linha temática sobre comunicação, foi bastante importante, pessoas extremamente qualificadas, rolou um esforço para poder pensar naquilo, que era um coletivo que vai, enfim, colocar pra fora, registrar seu própria dia a dia, a ideia era essa né, e depois a gente foi avançando para outros temas mais direcionados, por exemplo, em questões de gênero, que a gente entendia que era importante né, por exemplo, quando a gente tem uma experiência de ter uma mulher trans, jogando no time do Movimento Nacional da População de Rua e o outro time questiona a pontuação, por conta dessa mulher, a gente compreende então que é preciso falar sobre gênero em algum aspecto, para além de outras coisas, mas essa experiência foi bem marcante 09 né. E aí, você vai avançando nos processos, você foca em gênero, foca em mediação e acho que hoje tem essa questão de pensar essa coisa do empreendedorismo social, mas eu ainda acho, eu ainda

acho, que você forma, você tem qualidade nos processos formativos, você forma, você têm jovens é... Que sim, mudaram sua vida por conta dessa relação com a rede 10, tal, e aí assim, eu não vou entrar no mérito se só se vai conseguir isso com financiamento, com dinheiro ou com outras articulações, não cabe a mim nesse momento, mas assim, eu ainda acho que da sala de aula da ação educativa, da sala de aula do processo formativo, dos combinados que são feitos, das avaliações que são feitas pra pensar esse lugar enquanto algo potente para avançar, essas formações, elas não conseguem se conectar com uma perspectiva emancipatória da rede, isso ainda pra mim, esse salto não foi dado, porque você também forma uma rede e mantém processos formativos pra sair desse lugar né, então essa conexão, pra mim, ela não é imediata, mas ela também promete acontecer já há muito tempo e isso não acontece 11.

Nathan: Bom é isso, agradecer muito sua participação, você é uma pessoa importantíssima para contribuir nesse processo, obrigado mesmo.

Frida: Valeu Nathanzera, espero que tenha ajudado.

ENTREVISTA VIII

Nome Fictício Escolhido pelo(a) Entrevistado(a): Athos

Local da Entrevista: Casa do Entrevistado

Data da Entrevista: 20/03/2022

Duração: 49 minutos

Nathan: Entrevista... Athos... Na casa dele *memo*. Ô, Athos, primeira questão, mano: Comente acerca de sua história de vida, possíveis relações com sua ação como formador de mediador de *Fútbol Callejero*.

Athos: De vida, né?!

Nathan: Posso refazer a questão pra...

Athos: Refaz aí...

Nathan: Comentar acerca da sua história de vida, as relações que foram traçadas nessa trajetória sua até você chegar a ser um formador de mediador de *Fútbol Callejero*.

Athos: Então... na verdade, a gente, no papel de professor, de educador, quando eu busquei isso lá pra minha vida, eu não tinha nem a intenção de... Então... pensando nessa questão, eu acho que entra muito na escolha que eu fiz pra minha

própria vida, que foi acabar desenvolvendo na área da educação a minha vida profissional. Eu não tive intenção, eu fiz Letras pra começar a fazer... depois fazer jornalismo, que eu gostava, e depois que eu fiz o estágio, nunca mais saí da educação. Então, ao se deparar com a metodologia lá em 2013, eu acho que vem muito essa questão de você se identificar, primeiramente, com algo que você começa a ver que, de alguma forma, existia uma teoria daquilo que você aplicava. Porque foi muito isso do futebol de rua: o encantamento da metodologia, ela se deu na minha vida, principalmente, por trazer uma teoria daquilo que eu aplicava, que, até então, eu achava que era uma coisa da minha cabeça, era uma coisa que tipo "ah, eu faço isso porque eu acho que assim é melhor pra criançada; ah, eu não uso apito porque o apito...". Eu achava que era um... tinha uma simbologia muito forte de trazer que quem determinava as coisas ali no espaço era quem 'tava com apito, toda a responsabilidade dependia de quem 'tava com apito, e eu pensava que tinha que ser o coletivo, que a gente dividindo a responsabilidade, as coisas poderiam ocorrer mais fácil. E isso eu já vinha... já tinha feito uma pós de inclusão social, eu já tinha trabalhado algumas coisas e experimentado algumas leituras também, mas, até então, pra pensar no futebol de rua, começa muito dessa parte de você ter o encantamento por aquilo que você presenciou e se identificar com o que você faz na prática, no dia a dia . E aí, veio a metodologia, a gente começa... Tive o primeiro encontro com o pessoal da Unisinos, o Augusto, ele passou bastante coisa pra mim, depois veio o Fernando, que na época era da FUDE, também trouxe bastante informações, bastante conhecimento, compartilhou várias coisas comigo, tudo isso intermediado pelo Rodrigoão. E aí, veio essa nossa vontade de pensar no futebol de rua não só como uma prática, mas como formação pra esses jovens. Isso se deu lá em 2014... 2014, né, o Juventude Viva? 01.

Foi. Foi depois, segundo semestre... que daí o Rodrigoão saiu. O Rodrigoão saiu no final de 2014 e aí ficou você em 2015. Aí, 2015, aí a gente tem o processo formativo, mas a gente tem, principalmente no primeiro semestre, aquele negócio do preparo pra ir pra Argentina, Copa América, não sei o que... mas a maioria do time, metade do time, mais o Vitoba e o Tigas, que fez parte da delegação, faziam parte já do processo formativo do Juventude Viva. Eram só as três meninas do Heliópolis que não e o Ruan; o restante, eram todos da delegação, fazia parte. A Maria, também na época, fazia parte também da formação. E aí, a gente começou a pensar muito nisso: em formar esses jovens. E aí, eu acho que a experiência que a gente teve em 2015 foi fundamental, porque daí a gente viu que muitas organizações, elas tinham o

educador, mas não tinham o jovem-referência pra se formar, entendeu? Ficava muito com o educador. E aí, a gente começa a ter uma outra visão da questão da metodologia. E aí, começa a pensar nisso como uma rede, o que é o diferencial, e isso me motivou a buscar, a ser esse formador, a levar a metodologia pra outros lugares, assim como também a gente buscava incentivar os participantes desse grupo, também ter essa apropriação da nossa rede, da nossa fala, da nossa prática e começar a vender isso também 02.

Nathan: Uma coisa que vale destacar, que você mencionou que fez Letras e aí entrou no mundo da educação e ficou, mas onde que entra o "não usar apito"? Era na sala de aula, como que 'cê fazia isso?

Athos: Não... Então... na verdade, pra eu fazer meu primeiro... minha primeira graduação, eu fiz pelo programa Escola da Família. E aí, a gente tinha que trabalhar aos finais de semana pra pagar essa bolsa. E aí, eu tinha que desenvolver um projeto dentro de uma escola estadual e era uma escola aqui próximo de casa aqui, o Haroldo de Azevedo, e quando eu cheguei lá, tinha já um grupo de futebol, masculino mesmo. E aí, eu cheguei com a ideia de pegar um horário na quadra pra fazer o futebol com as meninas. Então, o projeto, ele tinha como... principal objetivo era trazer mais meninas pra frequentar os projetos da escola de final de semana. E aí, eu tive a parceria *dum* outro colega também que tava iniciando naquele ano na escola, também não era da área da educação física, nem eu e nem ele, só que vem muito da minha experiência, porque eu joguei muito... joguei muito tempo... joguei muito tempo em clube, negócio assim de... sabe? De ah, clube escola, time do CDC, o próprio time da escola quando eu estudei lá no Vila Isabela, lá na Vila Califórnia também, treinava com a molecada. Então, tudo isso que eu fui adquirindo, né... E eu lembro que, quando eu morei no interior, o professor de futsal... eu era... ele me colocou no gol, que ele falou "não, você vai sero meu... (como é que ele falava...) o meu coringa: você vai ficar ali no banco". Ele levava dois goleiros, mas, sempre quando ele precisava, ele colocava eu como o goleiro-linha, porque ele falava que eu tinha bom passe e, naquela época, tinha aquela regra que você não podia lançara bola com a mão atravessando a quadra. Então, você tinha que ser... rolando... aí ele falou: "não, você tem um bom passe, então 'cê que vai ser o goleiro-linha do time". E ele falava que eu era o observador e foi bem... é, observador... tanto observador que eu vivia no banco. (*risos*) Isso... Não, porque ele só me colocava quando era bucha, 'tá ligado? Quando foi otime do

Corinthians de futsal jogar, a gente 'tava perdendo de 6 a 0, ele me colocou no time. Aí, eu falei: "hoje vai acabar 10 a 0!". Mano... Mas era muito isso: eu ficava observando o que ele passava pra molecada, os treinos, tudo, e eu acabei reproduzindo isso, mas, ao mesmo tempo que eu comecei a reproduzir isso lá na escola, chegou o momento que eu comecei a desconstruir isso. Por quê? Porque eu vi que faltavam algumas coisas. E aí, com a experiência que eu fui ganhando no... durante esse projeto, que foram três anos, o Sidney do CEDECA Sapopemba, ele tinha um menino que precisava cumprir medidas socioeducativas, só que não tinha local na região aos domingos e o menino estava trabalhando, o menino só podia de domingo. Aí, eu conhecia o Sidney já da aula de cavaquinho e tudo mais, frequentava alguns samba com ele e tudo, aí ele foi me achar lá na escola e pedir pra eu poder receber esse menino pra ele cumprir medida socioeducativa. Aí, o menino veio, ficou comigo lá, eu acho que uns seis meses, eu acho que por aí. E aí, o Sidney acabou conhecendo meu trabalho lá. Aí, quando eu já tava formado, ele foi... o Marcos que ia sair do CEDECA aqui, que ele ia... ele tinha arrumado um trampo acho que lá na Rússia, um negócio assim, ele ia sair e aí, eu conheci o Marcos também da... ele também trabalhava na Escola da Família, aí o Marcos falou pro Sidney do meu trabalho: "pô, Athos, não sei o que, trabalha com a molecada lá" e o Sidnei foi, me chamou pra conversar, e daí a gente remodelou o projeto, porque tinha como grande objetivo também atender o pessoal de medidas socioeducativas. Então, tinha que ser um projeto no qual a gente priorizasse esse lado mais educacional do que propriamente a prática do futebol, mas, mesmo assim, pra nos garantir, a gente tinha um educador lá que era de educação física, pra... até pra gente poder ter o...

Nathan: O CREF.

Athos: Pra ter o espaço e tudo mais, pra assinar tudo certinho, mas foi tranquilo quanto a isso, até porque o nosso projeto tinha esse caráter recreativo. E aí, comecei trabalhar no CEDECA até a famosa história que eu conto pra molecada que é o dia que eu não levei a bola no treino, porque... mano, saía briga, era tipo... era muita briga, era muita briga, era todo treino, toda oficina, tinha briga, briga, briga... Aí, um dia eu cheguei sem a bola, cheguei sem a bola... "Cadê a bola, não sei quê...?". Eu falei: "Não, a bola causa discórdia demais aqui, vocês ficam brigando por causa disso, então, pra acabar a briga, vamos fazer outra coisa. - Não, mas não sei o que, não sei o quê...". Eu falei: "não, a oficina é de recreação, eu não sou obrigado a dar futebol. Eu

dou o futebol pra gente fazer uma recreação e tirar um lazer, mas a bola tá causando briga aqui entre vocês, então não vai ter bola". Aí, os moleques foram no meu carro... "a bola 'tá lá, não sei o que...". Eu abri o porta-malas, eles viram que não tava..."hoje não tem, mano, eu quero ver se vocês vão brigar. Por que que vocês brigam? Descobrir isso primeiro e depois a gente volta a jogar futebol". E aí, trocando essa ideia com eles tudo, que daí eu fui falar pra eles que precisava dividir as responsabilidades, que, se a oficina não andasse era culpa minha, mas era culpa deles também, entendeu? A gente começou a dividir isso, a... aí eu falei pra eles que eu não ia mais levar apito, que não ia mais... sabe? **03.**

Nathan: Sim.

Athos: Deu uma... e foi nisso. Falei pra eles sobre as meninas. Falei pra eles: "pô, vocês ficam usando uns termos mó zoadado aqui, não sei o que... como que vai ter menina aqui jogando com a gente dessa forma, não sei o quê...?". E isso sem conhecer ainda a metodologia do futebol de rua. Acho que até por isso que o Rodrigão se identificou bastante, porque ele conheceu várias organizações: quando ele chegou no CEDECA, ele foi ver a oficina, ele falou: "porra, mano, você tá fazendo já um barato que tem tudo a ver, não sei o quê...". Entendeu? Então, eu acho que vem muito disso também, dessa... e outra também, uma coisa que daí eu trago de dentro da sala de aula, eu não grito com aluno, é um negócio que eu prefiro não gritar e muitas vezes eles falam pra mim: "ah, você é da hora, não sei o que, que você troca ideia, não sei o quê... Aí, eu falo pra eles: "não, não é isso, é cada um tem um perfil. Eu só não grito com vocês que eu não gosto que grita comigo, eu não vou tratar vocês do jeito que eu não gosto que me trate. Só que o seguinte: não quer dizer que você tem que gritar com a coordenadora ou com a direção, não sei o que, que grita com vocês porque, se ela grita, é que ela não tem essa paciência talvez que eu tenho, mas vocês têm que saber que é porque vocês tiram a paciência mesmo". Então... eu acho que trazer muito disso: de como melhorar as relações por... com alguns detalhes, entendeu? E aí, você começa a ficar mais crítico também, você começa a observar uns negócios dentro do espaço da própria educação que você fala: "mano, eu não posso fazer isso no projeto". Eu acho que é por isso que o projeto acabou ficando mais interessante: porque a gente já apresenta algo desconstruído, a gente vai tentando desconstruir algumas coisas que é... que já é meio maçante, meio zoadado, entendeu? Então, eu acho que é isso: é oferecer uma vivência diferenciada pra essa molecada que já tá meio que impregnada neles essa questão do futebol ser aquilo que... ah, você vai lá na quadra lá os moleque joga, o

gordinho vai pro gol, as meninas fica no celular e é isso "e vou tentar fazer a jogada que eu vi na TV. Ah, eu quero usar a chuteira que o Cristiano Ronaldo tem, pá..." esses negócio, entendeu? Então... o projeto ele já vem se construindo, porque... ah, o moleque joga descalço, ele joga junto com a menina... ele fala alguma coisa, a gente parar pra discutir: acontece um ato de racismo, um ato de homofobia, a gente para pra discutir e, na escola, isso muitas vezes passa despercebido 04.

Nathan: Ótimo, mano. A segunda questão é o que é isto pra você: formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Athos: Ó, pra mim é um processo... é um processo contínuo. Se a gente for pensar, tudo que você vai oferecer que não vai trazer tantas coisas desse futebol convencional que a gente assiste, ele tem que ser algo inovador a todo instante, porque, senão, não segura... não segura. Se o moleque tiver um treino de um futebol de rua aqui na quadra aqui do Sapopemba com o Nivi e, no mesmo horário, ele tem a oportunidade de ir no CDC ali pra fazer um treino de futebol de rendimento, ele vai pro futebol de rendimento. Então, como que eu vou conquistar esse público? É formação, meu irmão, formação. 'Cê tem que... O jovem que 'tá ali à frente da oficina como mediador, como mediadora, ele tem que estar passando por esse processo formativo e ele tem que internalizar isso pra poder externar nas suas práticas e isso, infelizmente, a gente vê que, dê um tempo pra cá, não vem tanto acontecendo igual antes. Talvez, pela falta de acompanhamento de um técnico, como eu já fiz esse papel um dia, eu acho que, se retornasse lá na época de 2014, 2015, 16, que eu tinha visitas mais pontuais nas organizações, eu acabava vendo mais isso, mas quando... eu me refiro aos jovens nesse processo formativo; o educador já não: o educador já vejo que sempre tá num progresso. Você pega uma OSAF, pega uma Casa Betânia, mano, você vê que, tipo, tem um processo ali ocorrendo e eles recebem um suporte, esses educadores, pra colocar em prática esse aprendizado deles durante as formações. Então, já com os jovens, eu acho que necessita de um acompanhamento técnico, porque, senão, ele se sente um pássaro sozinho mesmo voando, entendeu? Se ele não tiver esse acompanhamento, se o Guime não tiver o acompanhamento, vai ter sempre a história da emancipação, todo discurso... A gente não vai conseguir, tipo, mostrar pra ele que existe uma outra possibilidade... não falando que ele não está certo, tem que emancipar sim, mas a gente precisa evoluir disso, não dá pra você ficar batendo num negócio sem agir, sem pensar em estratégias... Então, essa supervisão técnica, ela é muito importante pra esse jovem, que não tem o suporte de uma organização por trás

dele: Guime, Mega, que tá voltando agora, o próprio Nivi, se ele não... ele mesmo tá fazendo essas visitas, mas, se não tiver eu, você, a Ação dando um outro suporte pra ele, ele também não vai conseguir, porque existe uma diferença desse processo formativo pra jovem e — pra educador, ambos têm um objetivo bem claro, que é oportunizar um futebol inclusivo. É um futebol inclusivo a metodologia, mas pra isso acontecer, você tem que tornar o ambiente inclusivo, você tem que tornar o espaço no espaço acolhedor, aonde meninos e meninas podem chegar, aonde o gordinho vai sair... não vai jogar só no gol, a habilidade não vai tá em primeiro plano... Por quê? Porque a gente começa a valorizar outras coisas durante esse processo da aplicação da metodologia. Então, eu acho que é... a formação pra mim é essencial, sem a formação, impossível você manter o encanto da metodologia, da prática, até porque, o futebol de rua, como eu citei aqui inicialmente, ele necessita de uma renovação na sua oficina, porque, senão, ele se torna uma coisa maçante e perde, vai perdendo, a essência **05.**

Nathan: Bacana. A terceira é o que significa pra você atuar como formador de mediador de *Fútbol Callejero*?

Athos: Cara... É. Pra mim é gratificante, eu faço com maior prazer, ainda mais nesses dois últimos anos em que a gente acabou deixando esse processo todo nas minhas mãos aí, tem que pesquisar, buscar material... Sabe esse processo que eu acabei de falar da prática? **06.**

Nathan: Aham.

Athos: Que precisa renovar?

Nathan: Sim.

Athos: É o que eu preciso fazer, às vezes, também, é pensar nisso: de que formaque eu consigo... de que forma que eu consigo manter esses educadores e essas educadoras com vontade de querer participar da formação com responsabilidade. Que nem... o meu maior objetivo, e eu acho que de todos os formadores que passaram pela rede, desde o Rodrigão, passa pela Frida, passa por mim e todos os convidados que já foram lá, eu acho que todos tem um objetivo bem claro, que é o quê? Ver aqueles meninos e aquelas meninas, um dia, no nosso lugar, fazendo essa fala de formação e tudo mais **07.**

O ano... já tivemos várias experiências, mas a gente sente ainda que falta uma... sabe... de alguns. Temos experiências boas: você pega uma Luciana, putz, tem uma fala muito dela da rede, de entendimento de como funciona o processo, de tudo,

né?! Então, é diferenciado. Você mesmo, quando você foi conhecer a metodologia, teve o contato com o Eiri, aí veio participar... e aí, já começa a ter uma outra visão e começa a construir a sua própria história dentro da rede a partir dessas formações 08.

Então, eu, no papel ainda de formador, de pensar nas formações, de estar coordenando a rede, meu, é gratificante demais. Só que eu preciso também passar por essa prática reflexiva constante, porque, senão, o grupo pode também não sentir mais contagiado pela minha fala, pelas minhas orientações, pelas minhas indicações. Então, por isso que eu sempre busco o quê? Fazer um negócio de forma coletiva. Que nem... agora, a partir desse ano... o ano passado, meu, sucesso: 60 e poucos lá fizeram curso. Legal, fizeram, mas e aí? Vamo colocar isso em prática? Vamo fazer parte da rede? As organizações vão bancar essa prática dentro das suas oficinas, como que vai ser? Então, às vezes, falta um pouco de perna pra gente poder dar continuidade a alguns processos que nós iniciamos, que daí a gente precisa cumprir metas do projeto. Por exemplo, pegou lá e agora chegou pra mim falou: "pô, formamos mais do que a gente tinha pros 3 anos, então vamos deixar esse negócio de formação um pouco de lado e abrir polo". Aí, eu falei: "mano, mas não tem como deixar a formação de lado, o que dá é a gente regionalizar isso (que foi a proposta que foi feita) e colocar pessoas ali pra poder dar essa formação". Lembrando que a gente precisa gerar também uma renda pra quem está... pra quem vai estudar, pra quem... Entendeu? Pô, mano, pega uma formação da Marta, de gênero... Cara, ali era uma formação que, muitas vezes, a gente paga pra alguma pessoa, a pessoa não apresenta uma formação daquelas 09.

Nathan: Exato.

Athos: E ela, como parte da rede, vestiu a camisa e pá, preparou um negócio da hora, apresentou... Então, é buscar também a valorização desses jovens que 'tão no processo pra que eles se sintam parte da rede e talvez seja o... aquilo que 'tá faltando mesmo pra ele falar: "porra, eu consigo fazer isso, eu consigo... meu, vou... acho que eu vou apresentar uma outra formação aqui na minha região, vou buscar outras alternativas". Entendeu? Porque, muitas vezes, o que parece é que a rede, por mais que a gente 'tá nesse papel da formação, parece que ele fica muito ainda só com a gente. Tipo, pensa em formação, pensa Athos, Nathan, Frida. Parece que não...

Nathan: ... não avança.

Athos: É, não avança. Alguns jovens não se sentem apropriados pra tomar a frente disso e alguns educadores se resumem à prática. Então, é isso: é tentar de alguma forma contagiar mais ainda o grupo que eu falar: "mano, você é capaz, cê...",

que foi o que a gente buscou fazer no ano passado com esse processo formativo, que foi bacana, mas tem muito ainda que evoluir. É aquilo que eu falo pra você: a gente teve algumas formações que, você pega aí de 0 a 10, tava muito próxima do 10, mas a gente teve informações também que um 5 é uma nota ótima 10. É...

Nathan: 'Tá na média.

Athos: A gente tem que ser realista, não dá pra gente pensar em fazer uma formação muito superficial, a gente tem que aprofundar... e são temas básicos da rede 11.

Nathan: Sim.

Athos: Entendeu? A gente não tá falando de... que nem... as três temáticas que a gente vai tirar agora são temáticas novas, que é pra gente poder explorar e crescer, mas é um grupo que já vem há muito tempo junto. Agora, você vai apresentar uma formação do básico ali da rede paulista, da metodologia e tudo mais, meu, a pessoa tem que tá aprofundada no termo e tudo mais porque já 'tá com a gente faz tempo. Então, tem que, de alguma forma, demonstrar uma segurança pra falar disso, até pra repassar isso pros demais. Então, assim... eu, nessa função de formador, eu me vejo com um papel de fundamental porque eu preciso tá contagiando, mas que o grande objetivo que eu tenho é que eles um dia possa estar no nosso lugar e a gente ficar só assistindo 12.

Nathan: É isso. A terceira questão é... mentira, a quarta: qual sua compreensão das relações entre o futebol convencional midiático e o processo de formação de mediadores de futebol de *Fútbol Callejero*?

Athos: Qual é a minha percepção?

Nathan: Qual é a sua compreensão das relações entre o futebol convencional midiático e o processo de formação de mediadores de futebol de rua?

Athos: Seguinte, jovem: a todo instante, a gente tem que trabalhar essa compreensão com os jovens, a gente tem que trazer as temáticas do futebol convencional, esse futebol que eles assistem, esse futebol que está cada vez mais elitizado, a gente tem que trazer pra eles discussões desse futebol, até porque são essas discussões que nos motivam a buscar uma metodologia que desconstrói isso, mas, em nenhum momento, a gente pensa no quê? "Vamos combater esse futebol!", até porque a gente não vai conseguir. Isso aí seria muita babaquice a gente fica falando disso, é um futebol consumido pelos nossos jovens e sabe uma coisa que eu noto bastante, Nathan? É que muitos meninos e muitas meninas, que hoje praticam futebol de rua, não

acompanham o futebol não tem nem time, cara, ou se tem, tem uns time tipo... internacional, mano. "Pô, que time 'cê torce? - Ah, PSG, Barcelona..." 13.

Nathan: Não se identifica...

Athos: É, não 'tá tendo essa identificação, sabe? Não sei se isso é bom ou é ruim. É... porque você começa a ter uma valorização do que vem de fora, não acompanha o que é de dentro, isso é ruim, mas, ao mesmo tempo, tem um lado bom, que é o quê? Pô, o menino e a menina que 'tá jogando futebol lá com a gente, a nossa metodologia não é fã daquela prática mais tradicional 14.

Nathan: Você acha que isso é parte de um processo crítico talvez?

Athos: Sim, também, mas é aquilo que eu tô te falando: é um processo crítico de você pensar que esse jovem de alguma forma criou essa criticidade ou ela foi natural, entendeu? Tipo, ele começou a desgostar do futebol... Por que que ele não gosta do futebol convencional? Será que ele não passou por alguma vivência zoadada nesse processo? Será que aquela menina já não foi discriminada na prática daquele futebol? Será que aquele menino já sofreu algum *bullying* durante uma partida de futebol convencional? Talvez ele não se identificou por ele ter passado por uma situação constrangedora e que isso o afastou desse sentimento que é tão do brasileiro de gostar de futebol, mas, enfim, é pensar no processo formativo mais direcionado assim... Acho que você deve lembrar que as nossas primeiras formações, a gente trabalhava com trechos de vídeos do... que trazia situações do futebol convencional e como que a gente conseguiria ter um outro desfecho a partir do futebol de rua que era aquela cena que é sensacional do jogo Panamá e México 15, lembra?

Nathan: Uhum.

Athos: Que daí o cara cai em cima da bola, o juiz dá o pênalti pro México, e aí o cara faz o gol e elimina o Panamá; era o último lance do jogo, praticamente. Então, sabe...tem coisa... E aí, a gente fala: "pô...", olha lá o juiz naquela situação... Como que você consegue, diante de uma situação injusta, tomar uma decisão? Como que a gente consegue no futebol de rua? Por meio da mediação. Se houve uma injustiça durante o segundo tempo, na mediação, é possível contornar isso e você vai reverter a situação e vai dar direito da segunda chance, da reflexão, de tudo naquele grupo; já o futebol convencional não tem isso, por mais que hoje ainda tenha o VAR, mesmo assim você ainda não tem o final dessa... de todo esse processo 16.

Nathan: Isso, eu acho que o esquema de não... no *Fútbol Callejero*, não determinar a vitória pelo gol se dá por essa oportunidade de, no terceiro tempo, o

respeito, a cooperação e a solidariedade que você compõe os pontos e pode determinar o vitorioso ou a vitoriosa, se dá nesse sentido da oportunidade de dialogar no terceiro tempo?

Athos: Sim, com certeza, até porque o terceiro tempo... eu acho que, quando a gente fala dessa compreensão do processo formativo, ela se dá muito no quê? No que esse mediador, essa mediadora, vai ser capaz para conduzir a mediação, entendeu?

Nathan Uhum. Entendi.

Athos: Porque é aí que tá: quando eu falo que é um momento em que a gente consegue reverter placar, de alguma forma combater essas injustiças que essa molecada já vem sofrendo diariamente com violações, às vezes, dentro da escola, numa UBS, numa abordagem policial; eles já passam por isso. E aí, eles terem a oportunidade de superar uma situação em que ele se sentiu injustiçado por meio de uma roda de conversa, uma mediação, coletivamente, meu, isso aí é o grande diferencial 17.

E outra: valoriza o quê? O seu poder de persuasão na hora de você poder se colocar ali, de você poder falar, de você poder ser ouvido, algo que não acontece em outras relações sociais desses garotos e garotas. Então, eu acho que é por isso que oportuniza de alguma forma ser algo diferencial. A mediação, ela é o momento... o auge, o apogeu da metodologia é a mediação, não tem jeito 18.

Nathan: Cara, a última questão é se você gostaria de comentar algo mais, acrescentar algo mais a sua entrevista, algo que você deseja comunicar, algo que não foi perguntado que você gostaria de falar sobre a formação de mediadores.

Athos: Ó, sobre a formação, eu acho que também é bacana a gente pontuar duas coisas, são duas coisas que eu acho que são importantes: a primeira é a necessidade que a gente tem de, por meio dessas formações, ter um grupo que pense essa metodologia como política pública, de que forma que a gente consegue alcançar esse status? "Ah não, isso daí é utópico, não sei que...". Não, não é! Não é, porque a gente vive hoje um contexto no qual a nossa metodologia tem coisa pra caramba pra agregar dentro de uma escola, dentro de projetos que são financiados pelo poder público. Então, acho assim: pensar mesmo em conjunto de que maneira que a gente consegue alcançar esse efeito, igual aconteceu agora com... em ter um capítulo dentro de um livro, que é um livro didático que vai alcançar um grupo bacana. Então, isso é importante pra nós. Então, é algo assim muito relevante. Eu acho que a gente tem que se permitir a sonhar com isso e não ficar nos limitando a estar somente

apresentando esse processo formativo por uma demanda ativa, que é aqueles que buscam, aquelas pessoas que querem; a gente tem que pensar em estratégias de como atingir também essa demanda passiva, que não conhece, que nunca ouviu falar, que vive uma reprodução de um futebol que tá cada vez mais elitizado, mais longe do povo
19.

Cara, você pega aí a final da Libertadores, Palmeiras e Flamengo, na hora que o Palmeiras faz o gol, aquela torcida que estava lá não era a torcida do Flamengo; uma torcida raiz do Flamengo ia, mano... ia levantar, ia gritar, ia empurrar o time, não sei quê... não, mano, aquela torcida ali é uma torcida, mano... torcida que vai lá, ó, pra fazer *story*, entendeu? Fazer postagens e tal, não sei o quê... depois falar pros amigos: "eu fui, eu estava lá...". O verdadeiro torcedor, o torcedor raiz, ele não 'tá mais lá no estádio e o porquê que isso 'tá acontecendo... Então... é isso, é aproveitar esse processo formativo pra gente também pensar nessas políticas públicas. E a segunda coisa é que a gente necessita resgatar os jovens. Durante todo esse processo formativo, nós iniciamos com um grupo bacana de jovens, mas esses jovens já estão caminhando, tomando seus rumos, tomando decisões na vida que de alguma forma eles estão buscando sua independência financeira e tudo mais e, com isso, a gente 'tá ficando só com os educadores fazendo parte da rede, que era uma coisa que a gente sempre falava no curso, falava: "não, pra você fazer parte da rede, você não precisa ser um professor de educação física, você não precisa ter um diploma acadêmico, você pode ser um educador independente, você pode ser um jovem praticante, o que for". E isso a gente não 'tá conseguindo trazer. Então, eu acho que, dentro do processo formativo, precisa muito ter isso. Por que que eu falo isso, Nathan? Porque uma das coisas que a gente mais discute na metodologia é o protagonismo. Que protagonismo juvenil é esse que só passa aos praticantes na metodologia? Porque isso tá acontecendo. Ótimo, né?! O cara vai lá na mediação, tá tendo esse protagonismo, eles estão tomando as decisões, eles estão sendo ouvidos, as nossas formações são pensadas pra eles, tudo mais; só que a gente precisa ter o jovem... os jovens também do nosso lado na hora de pensar nesses processos formativos. 'Tá ligado?! Que, senão, a gente cai naquela mesma questão... Lembra? Você pega uma bancada lá pra discutir algo pra juventude, quem é que tá na bancada?

Nathan: Não é jovem.

Athos: Não é jovem, entendeu? Você pega uma bancada pra discutir combate ao racismo, não tem negros; pega uma bancada pra discutir o combate à homofobia,

não tem gay lá junto com o pessoal. Pô, como assim? Então, pra gente poder continuar alimentando a nossa ideia e não cair num discurso... naquela questão de vender um discurso, mas na prática ser outro, a gente precisa ofertar essa formação, esse processo formativo aos jovens, temos que ter jovens nesses processos formativos; não se resumir somente aos educadores 20.

Nathan: Uma... Sobre isso que você falou, eu acho importante a sua opinião sobre isso, dentro da sua experiência e vivência como coordenador da rede paulista de futebol de rua. A que você atribui essa dificuldade de chegar aos jovens ou de estimular a participação deles?

Athos: É aí que entra aquela história que a gente comentou aqui sobre o Guilherme, que aperta tanto a tecla da emancipação, emancipação, emancipação... Cara, é difícil. É difícil porque esse jovem precisa, muitas vezes com 14, 15 anos, já buscar colocar alguma coisa dentro de casa 21, entendeu?

Nathan: Sim.

Athos: E a gente não tá falando sobre estrutura familiar, porque, mano, família é família, pode ser de qualquer forma, é uma família, você não tem uma estrutura, um padrão de família: "ó, não, essa família tá estruturada". Não, pô! 22.

Nathan: Sim.

Athos: Não existe... esse termo é muito antiquado, porque família é família: se mora um moleque com três irmãos e a mãe, é família; se o moleque mora com a tia, é família e acabou, não tem essa. A gente tem o quê? Que compreender essa realidade, e é aí que vem a grande dificuldade que a gente tem de manter os jovens nesse processo formativo. Desde o início, a gente tinha o quê? A bolsa, e essa bolsa, ela faz uma diferença dentro desse processo formativo porque, de alguma forma, esse jovem, ele se sente valorizado por estar aprendendo a metodologia e tendo a oportunidade de colocar em prática; ele se sente remunerado mesmo, mesmo que seja uma bolsa simbólica, mas é alguma coisa. É uma coisa que faz diferença pra caramba dentro desse processo, a bolsa, ela é muito importante, só que sem esse processo formativo, se eles não passam por isso, como que eles vão conseguir adentrar outros espaços pra oferecer esse trabalho da metodologia de futebol de rua? Certamente, o... que nem... vou citar aqui o Mocoreta: o Mocoreta, ele trabalhou no CEDECA, foi remunerado; ele trabalhou no Solano Trindade, remunerado; ele trabalhou no CCA, remunerado; junto com a Luciana, eles fizeram um processo também lá na Bela Vista no Centro de Medidas Socioeducativas, certo? Ou seja, ele teve como fazer isso, por quê? Porque ele

estava dentro do processo formativo. Então, ele conseguia, de alguma forma, se apresentar como parte da rede como um oficinairo que realizava a metodologia e ele foi tendo essas oportunidades, mas aí veio a pandemia, tudo mais, foi cortando, cortando, hoje ele não 'tá mais na rede, não 'tá no processo formativo e 'tá o quê? Trabalhando numa outra coisa que não tem nada a ver com o futebol. Então, às vezes, a gente perde um jovem, tudo mais, por quê? Porque ele não tem condições de se manter e ele precisa, de alguma forma, ter uma remuneração pra poder estar ali junto com a gente na rede. Então, infelizmente é isso que ocorre. Então, quando a gente fala de emancipar, a gente tem que pensar em como que a gente consegue gerar recurso pra isso. Se a gente não gerar recurso, dificilmente que um jovem consegue ficar muito tempo com a gente. Que nem... lá mesmo no Solano Trindade, eles tentaram trazer uma menina, que eu lembro dela, a Stephanie, e ela começou ir, não sei o que, não sei o que, daqui a pouco, pá, arrumou um emprego, saiu. O Café de Limeira passou pelo processo formativo, a gente falou: "não, nós vamos conseguir arrumar a bolsa...". Arrumano a bolsa, ele recebeu a bolsa eu acho que um ano, eu acho... acho que nem isso. Aí, veio a pandemia, tudo mais... Era uma bolsa de R\$ 400,00... Meu, não guenta: foi e arrumou um trampo no Habib's e lá ficou. E aí, a gente perde a oportunidade de estar... não que isso seja ruim: arrumar um trampo e tudo mais, mas são jovens que têm potencial, mano 23.

Nathan: É importante dar condições melhores pra não aceitar o que vem, né?!

Athos: Isso! Exatamente. Então, eu acho que é essa é a grande dificuldade, Natan, é como a gente consegue gerar recurso pra segurar esses jovens dentro do processo formativo, porque segurar um educador é uma coisa, mas segurar um jovem é outra 24.

Nathan: Mano, era isso. Obrigado *memo!*

Athos: *Cabô?*

Nathan: *Cabô*, mano. Obrigado!

ENTREVISTA IX

Nome Fictício Escolhido pelo(a) Entrevistado(a): Raifah

Local da Entrevista: CEDECA - Sapopoemba

Data da Entrevista: 21/03/2022

Duração: 49 minutos

Nathan: Entrevista com o Raifah, no CEDECA.

Raifah: Vou chegar mais perto aqui.

Nathan: Ô, Raifah, primeira questão é você comentar um pouco da sua história de vida, possíveis relações com sua ação quando você foi formador de mediadores no *Fútbol Callejero*. Como você chegou até ali. Fazendo uma trajetória um pouco da sua história.

Raifah: Falar da minha história, né? É muito... é muito falar da história desses meninos, que a gente acabava fazendo a formação, né, que é muito parecida, né. Então também vem de uma... de uma família como a maioria aqui de São Paulo, uma família de retirantes, né? Que vem do nordeste, uma família que vem do Piauí, né, de uma situação de precariedade, até pela falta de acesso que o nordeste tinha, tem, né, mas que deu uma...uma avançada em muitas coisas, mas aí minha família... é... quase toda tá aqui na região do ABC. Então meus pais se...se mudaram pra cá, eu acho que no...no meados dos anos 70, final de 60, não... Eh final de 70. Desculpa! E aí vem pra trabalhar, né, como toda...como toda família que vem tentar, vai pra São Paulo pra tentar melhorar, né.

E aí a gente se estabelece depois na... consegue comprar um terreno afastado, no meio do mato, e aí que se formam as periferias, né. Então vai viver nas regiões periféricas, né, de São Paulo. E eu, ainda bem que a minha família vai pra periferia, só que ela vai pra um lugar... é... que não se estabelece enquanto favela, mas é uma comunidade muito precária...

Só que por conta da...da...do modo como era visto a legislação ambiental, né, em Ribeirão Pires, muito por conta dessa coisa de cidade histó... de cidade, desculpa, é... é um polo turístico, né? Então, tinham muitas chácaras, né, muito...Então não podia... então, fazia barraco, a prefeitura vinha, então era muito...era muito nessa perspectiva. Então 'cê tinha moradias precárias, geralmente, morava na área de divisa. Você tinha...não tinha asfalto, não tinha luz, mas não tinha barraco. Então essa era... era a diferença, assim, né, de uma região como Sapopemba que é aqui aonde a gente tá, que vem de uma história de moradia e tal. Então, todas as áreas de divisa são muito precárias, né. Então periferia não só no centro de ficar, né, de ficar à margem da questão do funcionamento da cidade, mas também a margem que é nas bordas. Então sempre nas áreas de divisa, porque você não pertence a ninguém, né. Então o município fica um empurrando pro outro. Aí, assim, eu cresço, na verdade, assim, naquele...naquela redoma, né, naquele bairro, né. Então aquele bairro, pra mim, era o mundo.

Mas é... (*risadas*) com essa peculiaridade que eu ‘tô falando que ainda tinha um diferencial daqui que tinha muito acesso aos recursos naturais ali, né. Então tinha mato perto, tinha nascente, tinha... Assim como quem morou aqui em Sapopemba, né, em décadas anteriores fala que também tinha alguns lugares que tinha isso, né, tinham áreas verdes, agora não tem mais, mas ainda... Então era um diferencial de algumas gerações. E... E aí, na verdade, eu começo a olhar um pouco mais, né, a gente ainda, né, eu sou de 86, então, na minha adolescência, ainda, a internet era... final da adolescência que vai aparecer aquela discada lá, aquela... Como é que era... Sei lá (*imita o barulho*).

Nathan: É. É.

Raifah: Ficava aqueles barulhinhos que você não conseguia... se você baixava um filme dum dia pro outro, você falava “caramba, é rapidão, véio, no outro dia”.

Nathan: (*risadas*).

Raifah: Então a gente não pega esse salto tecnológico, mas essa galera pega, né. E aí basicamente a minha... começo a olhar de outra maneira pro mundo é... uns 15, é, 13 anos. Eu começo a fazer teatro, né, em Ribeirão Pires, tinha um projeto... é... no centro da cidade. Então me escrevi... também tinha... era essa, né? Eu acho que esse é um pouco do diferencial também dos meninos aqui que a gente acaba ofertando muito próximo ali a possibilidade de participar das oficinas aqui, como a de futebol, por exemplo. Mas nessa época não. Então a gente ia lá no centro, chegava lá, pegava a ficha “ó, mãe, assina aqui”. “O que que é?” “É um negócio lá no centro”. Pum. A mãe assinava, né, porque todo mundo na rua tinha na louca de trampo e não sei o quê. E aí começo a fazer teatro, né. Começo a trabalhar com música, né. Sempre fiz esportes, né. Sempre fui ruim de futebol, né? Você já viu eu jogando com os meninos. Sempre fui ruim, mas sempre gostei, sempre foi uma coisa que a gente, né? Futebol... é... então tinha essa coisa, né? De a gente fazia os campinhos onde morava. Então já tinha um pouco do que a gente vivenciou no futebol, que a gente tentava colocar, eu e o Athos falávamos muito, né? “Meu, isso aqui a gente já fazia”, já fazia lá atrás, né? Então o *Fútbol Callejero* também é quase que um resgate de algumas práticas comunitárias que a gente tinha, né? Por exemplo, sei lá, nos anos 90, a gente pegava, juntava todo mundo, tinha todo um ritual pra fazer o campinho, né. Então, opa, como tava numa... numa questão de construção das casas ali aonde eu morava, em Ribeirão Pires, então, às vezes, pegava e deixava o terreno plaininho porque ia passar uma rua, vixe, ali já virava um campinho, véio. Aí era todo um ritual, né, de cortar lá a madeira certinha. “Ah, pega a cavaleira do pai lá escondido porque não podia...” Sabe?! Porra, era muito louco esse

ritual de fazer o campinho, de criar as regras, né, de ter o time de próximo ali esperando, né, os campeonatos, a rua de cima contra rua de baixo. Então muitas coisas que a gente vivenciou como meninos e depois aqui foi quase que é essa...esse resgate mesmo, né. Claro que eu não ‘tô falando de todos os formadores, mas assim, acho que quem tem uma história acho que muito parecida, o Athos, história um pouco disso também, a minha história, né? O próprio Carlos Mariguella que vem do Nordeste e teve essas vivências também muito parecidas com as minhas. É... A gente começa a olhar o quanto a gente, também, não se tinha uma questão pedagógica por trás disso, né, de escrita sistematizada, mas havia um fazer pedagógico naquilo, só que a gente, enquanto molecada, não sabia, porque é natural, né. Então era uma aprendizagem que brotava ali das relações que estavam estabelecidos porque se tinha um senso comunitário muito bem definido, né? Isso é uma outra crítica que eu tenho muito forte, assim, nas regiões periféricas, que eu acho que é uma regi...uma questão também muito romântica que a gente tem “ah é periferia, não é periferia, é comunidade”, “ah, e tá organizada”, não, não tá, velho. Então a gente precisa...o futebol também, assim, a maneira com o que ele tá pensando futebol de rua, eu acho que se a gente tiver como foco reestabelecimento dos laços comunitários, porque eu acho que tem algumas coisas que a gente precisa dar um passinho pra trás, né

Então tem uma parte que a galera decora, de empoderamento, disso, daquilo, que são só palavras, né?

Nathan: Sei. Exato.

Raifah. Então precisa ter uma base sólida ali. A base disso é a ideia de comunidade, né. Que o capital, ele fez um... Ele...ele deu certo. Aqui no Brasil, o capitalismo deu muito certo, né?!

Nathan: Exato.

Raifah: Porque cada vez mais a gente tem uma ideia de, né? De... é... individualista, né? Não de individuação, mas de individualista. Não, é cada um por si. E eu acho que até pela idade de vocês, vocês devem ter mais ou menos as mesmas vivências parecidas de todo mundo encher a laje de todo mundo, na comunidade, de ter aquela coisa “pô, vai fazer tal coisa”, “ah, o pai de não sei quem vai fazer”, “ah então vamos ajudar”. Então tinha... Agora se você fala... A minha vida. Hoje não. Hoje cada um faz o seu corre. Então parece que não, mas é um pensamento que foi colocado e que ele deu certo. Então, assim, como eu falei, eu acho que às vezes eu dou uma volta, mas eu tento voltar pra pergunta. Eu acho que esse processo, como foi pensado essa relação

com os meninos, você perguntou da minha história, tem muito a ver a facilidade talvez de falar, né, de propor coisas, de pensar a importância, é, de maneira sistemática, né, esse fazer pedagógico que propõe o *Fútbol Callejero*, o futebol de rua, tá muito ligado a essas vivências práticas, né? Então, por exemplo, eu venho de uma época também em que aquilo que a gente fala que o futebol não precisa ser só competição, tem outra, que pra gente isso tá muito implícito, né. Então todo mundo jogava na rua, todo mundo jogava, então...Eu lembro que tinha até o Leti, que era um amigo nosso, que ele tinha uma...tinha um membro amputado, né, e que ele jogava. E que pra gente, assim, não é uma coisa de inclusão, era uma coisa natural, é o Leti, é alguém que (*faz barulho com as mãos*) né? Que vai jogar. E não tinha essa de que vai ficar... ele vai ficar aonde ele quiser, não tinha, sabe?!

Nathan: Sim.

Raifah: E não é uma visão romântica. Eu ‘tô falando que, assim, isso acontecia porque tinha outros processos que permitiam que isso acontecesse. No entanto, outras coisas eram muito evidentes, por exemplo, questão de gênero. Aí era outra coisa. Então, opa, aí mulher não jogava. Então como que a gente começa a pegar as coisas que eram interessantes ali, né, e juntar com essas práticas que a gente precisa evoluir enquanto sociedade, né?

Então papel da mulher, o lugar da mulher, né? Onde ela pode estar, aonde ela quiser, né. Ela quer jogar, tudo bem. O futebol é misto, “ah, é misto”. Não, o futebol é... Vai ser... É dividido ali... Tudo bem. Mas, por quê? Então, quando a gente começa a algumas questões incomodar... Por isso que a galera fala “ah, tá tudo muito chato”. Não, não tá chato. A única questão agora é que se você... você tá chato é porque você mesmo está se colocando em questão.

Nathan: Sim.

Raifah: Se não te chateia, opa, então tá muito bem resolvido pra você, né. Mas eu acho que é isso. Nessa pergunta é um pouco isso. A minha trajetória, começo a trabalhar com área de educação, acho que ainda no final da adolescência, eu começo a trabalhar a parte da Educação, né. Então começo esse trabalho com teatro. E... e... e junto com esse trabalho do teatro, eu começo a trabalhar com música, né? E aí a música, eu trabalho até hoje, na verdade. A minha formação hoje é psicologia, né? Trabalho enquanto psicólogo, atendo também, coordeno projeto aqui e... Mas a arte tá sempre, né? Entre isso tudo porque tem uma questão muito importante na minha vida que foi um divisor de águas aí, que é a questão de trabalhar com a pesquisa para as culturas

tradicionais. Então isso é uma questão, né, que mesmo que não esteja ligada a universidade, ou algum Instituto de Pesquisa, ou a um grupo específico, eu nunca parei de pesquisar, né. Então, o coco, a ciranda, os maracatus, né, os ritmos afro-brasileiros, os ritmos indígenas, então é uma coisa que me encanta muito e que vai permear todas essas... Então mesmo no futebol come... Era um mote pra conversar sobre isso, né, com os meninos, pô, da onde vem, né, qual que é a trajetória, pô, “da onde vem a sua família?” Então era muito louco. Provavelmente vai ter algumas perguntas pra frente, mas o... o... algumas coisas que surgiam, né? Enquanto os moleques ‘tavam esperando ali, às vezes, ‘tava eu, os moleques, eu, o Athos, Luciana, ali, né? Ganhava alguma discussão que “ah, e tal coisa”. Aí, porra, era um mote pra...

Nathan: Pra puxar.

Raifah: Pra trocar ideia, né? Mas é muito isso. Essa trajetória, essa doideira toda aí.

Nathan: Da hora. Boa. A segunda questão é: o que é isso para você, formação de mediadores do *Fútbol Callejero*?

Raifah: Cara, é... A formação de mediadores, eu acho que... que ela tem um pouco a ver com isso que eu ‘tava falando agora, né?! Que... é... não pode ser só a técnica, né?! Que se eu pegar ali: ah, são três tempos, é assim, é assado, ou não, não contempla, porque não... a ideia não é essa, né? Eu tenho as minhas críticas também a metodologia, até porque a aplicabilidade dela é muito interessante, mas eu acho que as coisas que tem no entorno, que ela possibilita, é o que é mais interessante. Então aí que vai entrar essa questão da importância da formação, porque não é só um mediador, né?! Tá numa função ali de...é...de...de...de educação social, né, de educação popular, melhor ainda, de educação popular que... Por exemplo, não adianta, por exemplo, é... eu falar que vai jogar, né, todo mundo junto, homem e mulher, se eu não fizer a discussão, né? De gênero mesmo, e as meninas sofrerem vários tipos ali de, né, de, de questões que vão... vão diminuí-las enquanto estão jogando, vão... Então surgiu coisas aí na trajetória que era muito interessante, tá ligado?! Da gente jogar, por exemplo, na quadra, e aí a galera colocar “ó, então gol de menina vale dois”.

Raifah: As meninas “não, por quê? Vai valer dois não, mano”.

Nathan: É.

Raifah: Né?! Aí em outros lugares as meninas “não, tudo bem, aí tem que valer dois”.

Você entende?! Se eu não... Porque, assim, tem que ser, aí é compactuado, né, você tem que entrar num acordo ali, né?! Compactuado não, desculpa, pactuado ali, né?!

Nathan: Uhum.

Raifah: E... E as meninas tem que fazer parte dessa discussão. Saca?! E aí quando surge essa possibilidade de aprofundar, de discutir determinadas coisas, isso é muito interessante. “Ah, mas é só essa questão”. Não. Várias coisas que a gente foi discutindo que...que se não tivesse sido, né? Esse projeto, esse processo a longo prazo, isso também acho que é importante. O processo, ele... ele não é... não é como um treino de rendimento que você... Eu acho que é muito mais fácil você se tornar...é...entre muitas aspas, melhor de bola, né?! Do que você entender o que é... o que são as questões que circulam ali, que circundam essa possibilidade metodológica.

Nathan: Sim.

Raifah: Por quê? O rendimento tem a ver com essa coisa da repetição, né? A repetição, né, você “ah, chuta assim, chuta assado”. “Ah, aprendi a me posicionar melhor”. Agora, o exercício ético é... Nunca vai ser o mesmo, porque não é um conjunto de regras, como próprio nome diz, ética é a reflexão, não tem a ver com certo e errado, tem a ver com a reflexão em cima daquilo que acontece. Então é isso. Quando você não... E a galera ‘tava... Então, isso foi muito louco, trabalhar com essa questão formativa. Por quê? Por que são alguns fatores...tem alguns fatores que a gente não tá acostumado.

Então, por exemplo, o que acontecia na prática é o que gerava as leituras e fazia a galera refletir. Então ia jogar, aí não... As mães “não vamos combinar regras não”. Pa. Combinava lá, fantasia de qualquer jeito, beleza. Fazia de qualquer jeito, começava a jogar, aí dava treta, no terceiro tempo, “não, mas não sei o quê”. Aí, o Athos: “mas vocês combinaram?” “Não, não combinamos”. “Então... Então quem pontua é a equipe tal, não é?” “Aí, não, mas...” Aí começava a discussão. Aí depois ele falava “então precisa combinar melhor”.

Então a gente precisa, né... E esse exercício reflexivo, né?! Então tem coisas que a gente acha que nem tá chegando, né? Mas que o...A gente tem um caso no Mundial lá que a gente foi pra... Mundial não. Pra Copa América, que a gente foi pra Argentina, que inclusive o Brasil foi campeão, assim, foi bem...foi bem legal, não só por ele ter sido campeão, mas a maneira com que foi o entendimento da metodologia, né?! Então foi... A gente montou a seleção com meninos e meninas de várias comunidades,

né? Então tinha galera do Helipa, tinha a galera... é... de São Carlos.. Tinha... Tinha a galera do Capão e a galera daqui, né. E daqui tinha um moleque, que o moleque foi a estrela do mundial... Só que era um moleque, que quando ele foi pro futebol, ele foi enquanto cumprimento de medida socioeducativa.

Nathan: Entendi.

Raifah: Né?! Então foi aquela coisa. Começou a ir. Curtiu. Encerrou a medida, continuou. Só que era um moleque, assim, meu, com uma história de vida muito, muito foda. Só que o moleque jogava muito, véio, jogava muito. E... Só que sempre caladão, né?. Só que aí começou a aprender a discutir no terceiro tempo. E, às vezes, não falava muito. E aí lá na Copa América aconteceu um bagulho muito louco, que as meninas começaram a “ah, não sei o quê, mas a Jogadora vai entrar...” Que a Jogadora realmente não jogava, né, ela... Só que no terceiro tempo a Jogadora era foda. E aí o Participante mesmo, assim, né? Aí a galera discutiu “não, não, hoje, na maldade, tem que deixar ela, porque ela desenrola no terceiro tempo, oxi, tem que deixar logo a Jogadora porque senão, hoje a gente toca pra ela, pra ela participar”. Eu falei “olha, véio, o mundo é...” E o moleque não falava nada. Ele falou “não, ela é importante porque no terceiro tempo ela vai desenrolar”. Então isso...isso foi muito foda. E aí é o que faz a gente aprofundar e a pensar o que é necessário nesse...nesse processo informativo, o que é necessário pra formar esses mediadores e mediadoras. Então tá pra além da técnica. Porque se fosse só a técnica, a gente fazia ali um vídeo, fazia um...uma cartilha, é assim que aplica essa parada, né?! E... E tanto que uma das coisas que eu tenho assim, pra finalizar, pra não ficar muito extenso.

É uma questão, por exemplo, que a galera da população de rua, né? Do movimento nacional população de rua, saiu. Saiu, né?! E aí isso, isso, isso, inclusive, é uma crítica que eu tenho, assim, na verdade foi o único Polo que entendeu de verdade o que era metodologia. Só que a gente, enquanto instituição não teve, na época eu tava pela Ação ainda, né?! Estava desenvolvendo trabalho. Visitava todos os Polos. E o Polo que entendeu de verdade o que era metodologia foi o pessoal da...da movimento nacional população de rua, né?!

Nathan: Uhum.

Raifah: É, só que assim, tinha uma questão aí de...que a gente não conseguiu avançar, né. E aí eles ‘ah, mas dá muito trampo’. Então até hoje eu tenho essa...essa magoinha, assim, porque eu acho que nem a própria Ação, a galera não entendeu, porque... Só que, assim, como eu ‘tava acompanhando todos. Aí teve um dia que eu

vivenciei uma parada, que eu falei “porra, esses caras entenderam o que é”, né?! Eles estavam...estavam fazendo a...a prática, né do *Fútbol Callejero*, em um espaço que era cedido pela População de Rua, em Osasco 01.

Nathan: Tá.

Raifah: Sair daqui lá pra casa do cara...

Nathan: É.

Raifah: Nós saíamos de Ribeirão lá pra casa do (*risos*).

Nathan: É.

Raifah: Aí fui lá visitar um dia. Aí teve uma mudança na secretaria de esportes, né, de Osasco.

Nathan: Tá.

Raifah: E aí, eles estavam lá jogando e tal, né, “pô, Raifah”. Então era muito legal quando você ia visitar, porque eles se sentiam parte e tal. Todos os lugares. Você ia visitar, era muito louco assim. Eu adorava ir visitar, porque... E aí quando eu cheguei, né, na quadra, jogaram ali e tal. Aí no terceiro tempo, né, eu sentei com eles lá e a gente foi. E aí essa...essa secretária de...nova aí, adjunta, chegou: “não, porque a gente pensou agora um monte de coisa, porque...” Aí um dos caras falou “pera aí ó, primeiro lugar, você não vai falar agora porque a gente tá fazendo o terceiro tempo, se você quiser falar, você vai ter que levantar a mão”.

Nathan: Nossa! Já era.

Raifah: Eu falei “mano, a galera entendeu”.

Nathan: Isso.

Raifah: Né?! E aí de novo foi falar, “não, espera aí porque ele tá falando, você precisa levantar a mão e esperar a sua vez”. Velho! Velho! E uns caras que não conseguiam jogar cinco minutos sem tretar, porque era isso, alguns estavam em situação de rua, ‘tava virado, ‘tava... E os caras conseguiram jogar porque criaram as regras e minimamente... saiu uma treta, já conseguia mediar. Então foi uma...uma vivência, assim, que eu acho que...que poderia ter sido olhada de uma outra maneira. Se não dava pra estar junto com os meninos, devia ter pensado numa outra coisa. Mas essa é uma.... Mas porque...porque aproveitaram muito também a questão da...das formações, né?! 02.

Nathan: Sim.

Raifah: Só que acho que uma...uma questão que eu tenho também é talvez dessa construção, né. Eu acho que poderia ter sido algo mais potente ainda. Foi muito potente, né?!

Nathan: Claro.

Raifah: Mas eu acho que... que uma construção, um trabalho de base pensado com eles e elas deveria ter sido de outra forma. Porque como eu te falei, Nathan, é muito... Da gente não pode colocar... é... a favela, a comunidade dentro de um bolo só.

Nathan: Sim.

Raifah: Numa visão cristalizada. Então a maneira com que o menino entende futebol de rua é uma e a maneira como você aplica no Capão é uma. O que a Jogadora fazia lá em São Bernardo é outra, né?! Então, por exemplo, a Jogadora tinha uma dificuldade maior em mobilizar e trazer, né, os jogos. Então ela fazia um trabalho de sensibilização pra trazê-los. O menino, uma questão que era ressignificar o futebol, porque lá no campo do Capão jogava uma bola aparecia trocentos. Aí, não, isso aqui é uma outra proposta e tal. Aqui, a gente tinha, teve vez de ter 30 moleques na quadra. E aí, opa, não, a gente precisa repensar também, como que a gente vai fazer? Ah, puta, é da hora, futebol de rua. Então havia uma sensibilização e uma apropriação por parte, né, desses jovens do que é essa metodologia. Então percebe, são processos muito diferentes. Em São Carlos, as vezes que eu fui visitar, então tava vinculado a uma prática que já acontecia lá no sindicato. Então também era um trabalho de ressignificação, mas os jovens que vinham de um outro contexto. Então vinham de uma...de uma... filhos de classe operária e tal, mas não situação de extrema vulnerabilidade...

Mas também não vinha de uma situação abastada. Então eram realidades muito diferentes. E aí as formações, elas precisam ser pensadas também com esses recortes. Saca?

Nathan: Uhum.

Raifah: Então foi importante. Foi legal. Mas eu acho que deixou de avançar em determinado momento.

Nathan: Da hora! Massa. Muito bom. A terceira questão é: O que significa para você atuar ou ter atuado como formador de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Raifah: Porra! Cara, eu...eu acho que, assim, é mais uma possibilidade, mais uma possibilidade, né?! E aí, como eu acabei de falar, o principal não é a metodologia, mas o que ela possibilita, né?! Porque, assim, a metodologia, você deve ter, né, visto nas suas pesquisas como ela surgiu. Então ela surge na Argentina, em determinado contexto, uma mediação de conflitos de duas...é... entre aspas, gangues rivais, na época, né?! Então ela estava colocada num determinado contexto, num determinado tempo, né?! Então...é...o que a gente não pode pegar e replicar. E o nosso problema no Brasil,

inclusive, é esse, né?! A gente pega um monte de práticas que são foda, dentro da própria universidade, você sabe, né?! A metodologia tal, da escola tal, a gente pega e tenta... Claro que a gente tem que olhar pra metodologia que surgiu, porra, tem pesquisadores lá da Finlândia, né?! Que são da...da mesma...é...área que eu estudo, eles desenvolveram o estudo tal. Pô, eu preciso pegar esse estudo, né, e olhar com isso de uma maneira crítica e falar isso aqui me serve, isso aqui não. Eu acho que com essa...com essas práticas, com essas possibilidades metodológicas, é a mesma coisa. Então, né?O que me ser... o que me serve, o que eu devo modificar, qual que é a realidade que tá colocada. E aí, pra mim, acho que... é... não é reduzir o que é importância, né, dessa metodologia, porque isso foi muito foda, ô Nathan, porque a...a possibilidade de mobilização que se tem, né?! Essa coisa do futebol, ela é muito foda

03.

Nathan: Uhum.

Raifah: Né?!

Nathan: Uhum.

Raifah: E isso a gente precisa aproveitar bem. Porque a grande coisa que acontece é que com o tempo, assim, ela vai perdendo forças. Eu não sei se você chegou acompanhar alguns Polos. Então chegou alguns que eram meio aquela “ah, joga a bola aí, tá beleza”. Então vai perdendo.

Nathan: Sim.

Raifah: Então com...também é uma coisa que precisa ficar sendo renovada, né?!

Nathan: Uhum.

Raifah: E aí eu acho que pensar essas formações, pra mim, também é permitir isso, é ampliar...é...as possibilidades desses...desses mediadores, porque grande parte é isso. A Valentina, eu acompanho a Valentina, cara, desde quando ela era... A Valentina, ela entrou no projeto das meninas de rua porque eu tava dando aula de percussão, ela passou, olhou assim, né, meio...ela toda marrenta. Eu falei “opa, vem cá tocar”. Tava eu, o Emerson também, que era outro educador... **04.**

Nathan: Uhum.

Raifah: “Não”. “Vem cá tocar”. “Ah não, não quero”. “Não, vem cá”. “Mas eu não sei”. E aí assim que ela começa, né?! Então conheço a Valentina desde...meu. E aí, a longo prazo, assim, acompanhar esses conflitos. Então quando a Valentina começa a fazer parte do projeto dos meninos e meninas de rua... E aí isso me tocou bastante, né?!

Que em uma das formações que ela falou: “não, o Raifah falou pra mim uma vez, meu, que...” Porque ela teve um conflito na escola, né, porque ela...Meu, quando eu conheci a Valentina, assim, usava trança ou alisava o cabelo, e assim o cabelo tudo queimado, né, aquela judiação que é com uma mulher preta, a menina preta, que ela quer ter o cabelo liso, ela quer entrar no padrão. E aí a Valentina, é, falou que quis fazer uma transição, né, capilar, tá, então começou a se sentir bonita, porque começou a ir no projeto, então via a Bil, que era educadora dela também, e era uma referência, né?! Começou achar as mulheres com os cabelos *black* bonito. Aí eu conversei com ela, falei “ó, Valentina, não vou mentir pra você”, né?! Então a gente até tentou mediar um conflito que teve na escola, um conflito...é...uma questão racista que aconteceu com a Valentina, né. E aí a gente foi conversar e aí a gente até ficou rindo do Coordenador que falou “não, isso aí é *balei*”.

Nathan: (risadas).

Raifah: Não mano, isso aí não é ‘balei’, mano. Isso aí é racismo. Mas a gente pode fazer um trabalho”. “Não, eu vou falar com os alunos e aí eu vou, eu faço um comunicado, no segundo, no terceiro eu chamo os pais”. Eu falei “não, você não tá entendendo. Não é isso. Não é pra punir os moleques”. Os moleques estão dentro de uma estrutura, eles estão reproduzindo, né?! Aí não conseguimos fazer esse trabalho. Então o que que eu pude fazer com a Valentina; eu, a Bil e o Emerson, é, meu, vai ser muito mais difícil na escola, só que vai ser muito libertador pra você. Ao invés de falar “ah, deixa, é lindo o seu cabelo, né, é sua coroa”. Porra nenhuma. É pra quem tá falando aquilo, ela não vai estar sempre naquele círculo, né?! E aí ela vai, depois ela... anos depois ela fala “não, o Raifah me falou, e aquilo foi mó importante”. Eu falei “caralho, tem bagulho que a gente fala que depois...” Porque aquilo permitiu com que ela...é...tivesse possibilidades e tivesse um leque pra enfrentamento daquela violência. Porque se eu tivesse romantizado, na época, talvez ia ser muito mais doloroso. Então foi doloroso, mas ela sabia que ia ser. Saca?! E aí eu acho que com essa questão, acho que é a mesma... porque os meninos eles vão entrar com a questão muito aí, é... E a gente sabe, velho, pô, ‘tô com esse grupo mesmo aqui de jovens que a gente tá num processo faz... um grupo de 16 jovens adolescentes, que são pesquisadores e pesquisadoras de um Observatório que a gente tem aqui agora 05.

Porra, não é o perfil. Então às vezes a gente faz alguma coisa “ah, eu preferia tá organizando”, eu falei “não, esses jovens estão sendo preparados pra isso”, né?! Tá sendo ampliado o repertório, porque não é o perfil, né, da... E aí você poder ampliar esse

leque. Então nesse sentido acho que a importância desse trampo, né?! De formação de mediadores, a importância. E aí o que é isso pra mim, essa possibilidade de ampliar o leque deles, né?! De entender de maneira mais ampla o que é essa educação popular e não colocar metodologia a frente do que é o fazer popular. Metodologia é uma ques... é uma coisa que vem pra...é...pra ajudar nesse processo, é uma possibilidade a mais. Ela não é a principal coisa. E aí talvez até essa coisa minha com o que aconteceu em relação à população de rua é isso, pô, mas vocês deixaram de ver as possibilidades que tinha. Então a ferramenta, o lugar onde ela foi mais efetiva foi aqui e a gente não conseguiu dar prosseguimento né?! Então... É isso. Por exemplo, você pega a história do Zé, que ele... O Zé, ele falou com a gente lá no...no...na Copa América, né?!

Nathan: Sim.

Raifah: E aí um dia a gente, né, cansado, atividade o dia inteiro, a gente sentou lá, tinha um lugar lá, tipo uma fogueira, onde fazia fogueira e ‘tava eu, ele e Dedé. Eu nunca tinha escutado a história do Zé, na hora que eu escutei, eu falei “mano, esse cara é o cara que tem, que tinha que tá dando formação”. Ele tem... Tem que pegar esse cara e ele virar...Ele ser a referência desse futebol. Porque o Zé... Não sei se vocês conhecem? Já ouviram falar?

Nathan: O Zé, eu conheci.

Raifah: Mas a história dele, de como...

Nathan: Não.

Raifah: ...ele. O Zé, ele com 12 anos, ele...ele começou a jogar num time.

E aí o Zé, ele relata pra gente, pra mim e pra Dedé, né? Que foi pra um suporte pra gente. Ele começa a relatar que ele jogava num time, que ‘tava com 12, né, 11 pra 12 anos, num time. E a família vivia numa comunidade, assim, muito violenta e numa precariedade, é, extrema, assim, né?! Da família passar fome e tudo o mais. E aí ele começa a jogar nesse time, né?! Nessa categoria de base. E ele começa a receber, mesmo que pouco, ele começa a ter outras possibilidades. Só que nesse período, o Zé, ele já fazia uso de cannabis.

Nathan: Uhum.

Raifah: Né?! E aí ele começa a jogar, ele começa a jogar. E quando, é, tem um jogo, um desses jogos, tem um teste lá, né, antidoping.

Nathan: Sim.

Raifah: E aí ele fala “me escolheram pra mijar no potinho lá”, ele falou “fudeu”. E aí ao invés do time, né, pegar e fazer um trabalho com esse moleque, pega e

fala “ó, você tá fora do time”. Então ele fala que já saiu de lá pensando o que que ele ia fazer, se ele ia pro tráfico, que ele ia... Que era ele que ‘tava colocando comida dentro de casa. Mesmo que com um pouquinho, da categoria que ele ganhava era uma merreca, mas era o que ele conseguia...é...garantir alguma coisa. Ele falou que já saiu de lá pensando... E a partir disso, o Zé começa a entrar no tráfico, começa a fazer roubos, faz um roubo, depois, muito grande, em um lugar aí, e aí dá ruim, e aí ele não pode voltar nem pra...pra comunidade porque ele ‘tava jurado e nem ficar rodando em outros lugares, ele vai pra rua. E aí quando ele começa a viver em situação de rua, no centro, né?! E aí só na coisa. Depois de um tempo, muito tempo, começa, né, se envolver com substância psicoativa, então começa a fazer o uso, né? De vários tipos de drogas, porque tá na rua e não porque é da hora, porque precisa ficar acordado, porque tem que dormir. Então tenha dinâmica da rua, né?! Que é a questão do uso, inclusive, situação de rua que vai usar, né?! Tem essa...essa diferença. A galera tá na rua é usuário. Não, só que grande parte, quem é mais jovem, tem essa coisa de fazer o uso do... Por quê? Pô, se eu der um tiro, né?! Eu vou ficar acordado a noite inteira porque eu não posso dormir. Então tem um monte de coisa, assim, que tá por trás disso, né?! E aí, percebe, essa é a história do Zé. Tem alguém que vai fazer mais sentido que essa metodologia do que o cara que tem uma história dessa? De que um time de alto rendimento pega e acaba... Porque pra culpabilizá-lo, né?! Não tô falando que não tem que responsabilizar no sentido de que ó, teve isso. Mas...é...o único culpado por tudo que aconteceu com o Zé foi esse time. Entendeu? Que acabou com todo um sonho de uma criança ainda, né? Entrando na adolescência, acaba com sonho, destrói toda uma trajetória, velho. Por quê? Porque ele é só um produto, ele é só um produto. Então você mijou lá no potinho, tá fora. Poderia ter feito um trabalho, não, pápápá. Saca?! 06.

Nathan: E onde ele tá hoje?

Raifah: Puta. Não sei... Faz muito tempo que eu não falo com o Zé. Perdi o contato totalmente. Porque, assim, eu tenho até um pessoal, né?! Eu, o Mar. Tem uma galera que de vez em quando eu falo no Face, mando um oi, mas assim... Aí tem alguns que estavam aqui que estão no Espírito Santo... Eles continuam...é... na época, eles estavam meio que numa treta lá também do movimento nacional. O próprio Araci hoje, o Araci, que era mediador, tá, meu, o cara é uma referência no movimento da população de rua em São Paulo.

Nathan: Da hora.

Raifah: Então tem algumas coisas muito interessantes que a gente...

Nathan: Que era o Dengoso?

Raifah: Não, não. Ah, você lembra do Dengoso?

Nathan: É.

Raifah: O Dengoso era um, puta que pariu. Não. O Darci era um barbudão, mano.

Nathan: Ah.

Raifah: Que encaixava pra caralho no gol.

Nathan: Sim. Eu acho que eu lembro dele.

Raifah: O Darci. Nossa, o Dengoso era uma figura.

Nathan: É. Da hora, véio. Bom, eu acho que talvez seja importante, se você quiser falar, claro, do que pega pra você esse esquema desse afastamento do movimento nacional da população de rua da rede.

Raifah: Cara, eu acho que o que pega é... É isso. Eu acho que não teve um entendimento do quanto, talvez, pra essa população, o quanto era importante essa metodologia. Porque, como eu te falei, a metodologia não é o principal. O principal é o que... É onde ela pode desenvolver determinadas potências, né?! Então ali podia, né?! Tanto... Aqui, por exemplo, é...porque aqui em Sapopemba era, pra mim, assim, era um dos Polos de referência, né?! O Mocreto muito foda, o Nivi, Luciana. Mas a gente saiu, né, agora a gente deu uma as...da...da rede, pra gente, porque a gente falou “não, a gente precisa organizar dentro de casa primeiro”, porque ‘tava tudo muito solto. Né?! Então, a gente falou, a gente teve essa ideia com o Athos, a gente falou “a gente sai agora”...

Nathan: Uhum.

Raifah: “Não, a gente continua aí nos apoios que forem necessários, mas a gente tá fora agora da rede, né, da rede Paulista”.

Nathan: Sim.

Raifah: Porque essa era uma das minhas críticas também que era fomentar uma autonomia de fato. Entendeu?

Nathan: Uhum.

Raifah: Então se é uma rede não tem que estar vinculada nem ao Sedeca, nem a Ação, nem... Ela pode ter o apoio, mas a rede, ela tem que ser autogerir ali. Então vamos...vamos fomentar o trabalho de uma maneira em que isso fique de fato na mão dos moleques. E aí, pra mim, esse trabalho não foi feito. E aí faço a minha mea culpa, porque eu também ‘tava. Então poderia talvez ter cobrado mais afinco isso, né?! Mas

existe as questões institucionais, eu acho que deveria ter sido fomentado uma...uma emancipação, no caso da rede se autogerir 07.

Nathan: Sim.

Raifah A gente até tentou, né?! Teve formações que foram voltadas pra construção dessa rede. Mas ainda eu acho de maneira muito...

Nathan: Comedida.

Raifah: Deixa sobre controle aqui. Sabe?! Então... Mas eu acho eu acho que, assim, é uma...uma possibilidade muito potente, enquanto metodologia, é uma possibilidade muito potente de se organizar enquanto rede, porém algumas coisas muito mal aproveitadas por conta de uma questão institucional, por conta de manter determinados padrões de...de como se segue as coisas 08. E aí não só em relação a ação, a gente tem uma...uma...é...alguém que que está bancando, né?! Até...tá vendo como é louco. A psicologia é foda. Foge até a palavra que é usada porque alguém que tá bancando é o financiador.

Nathan: *(risadas)*.

Raifah: Nada é à toa, né?!

Nathan: É. *(risadas)*.

Raifah: É isso. Então tem uma questão que tá pra além, né?! A gente tem que responder algumas coisas, né?!

Nathan: É. Isso.

Raifah: O próprio Observatório que eu tô, é um pouco isso, assim, você tem... tem questões que você tem que ter um pouco de jogo de cintura ali porque, opa, estão querendo. Ah, então... Por exemplo, a gente produziu uma revista. E aí todo mundo “aí que lindo, aí que...” Mano, foi foda produzir, porque a gente tentou... Vou ver até se tem uma pra deixar com vocês.

Nathan: Uhum.

Raifah: A gente tentou seguir um padrão de, né, nível editorial. Então pegamos como referência a Superinteressante, a Piauí. Teve todo uma pesquisa. E aí deu um resultado muito, muito foda. “Aí que lindo, não sei o quê”. A segunda também com pouco recurso, agora vai pra segunda fase, a gente falou “não, mano, não dá pra fazer por menos que isso”.

Nathan: Uhum.

Raifah: Que é o...é equiparado ao... Se a gente tá fazendo a um nível de uma editora grande, então vocês têm que bancar a nível de uma editora grande. Então... Então os meninos vão fazer, vamos ilustrar, eles precisam receber...

Nathan: Claro.

Raifah: ...Como ilustradores e ilustradoras. Então. Eu digo, assim, e a ideia... e a minha ideia é que daqui a pouco mano, não precise estar o Raifah.

Nathan: Uhum.

Raifa: Né?! Só que algumas pessoas ficam nessa... Não tem que estar. Daqui a pouco tem que tá só eles, mano. Depois quanto menos aparecer essa cara feia minha...

Nathan: *(risadas)*.

Raifah: É isso, velho.

Nathan: É isso. Da hora. A quarta questão, cara, é qual a sua compreensão das relações entre futebol convencional e midiático e o processo de formação de mediadores de *Fútbol Callejero*?

Raifah: Vixe! Essa é... Essa... Cara, é... Teve uma coisa muito louca, né, que teve uma reportagem sobre a Copa América, né?!

Nathan: Uhum.

Raifah: E aí... Eu não lembro que repórter que era, mas era dessas...desses programas grandes de...de...de TV, relacionada a esporte, né. Só que o cara não conseguia compreender que...

Nathan: *(risadas)*.

Raifah: É sério. Eu acho que até a Valentina falou, acho que o Mocreto, eu não lembro quem falou, eu acho que o próprio Athos. Mas o cara, ele não conseguia conceber uma...uma questão em que a principal coisa não fosse a competição, o ganhar a qualquer custo. Então ele explicava pro repórter e ele “não, mas, mas”. Porque, assim, cara, o esporte, principalmente aqui no Brasil, é, a galera não vai entender, né?! Se a gente for usar os três tempos pro basquete, se a gente for usar pra qualquer...qualquer área do esporte, não vai entender. Então. Por quê? Porque a relação, hoje, no Brasil, em relação ao esporte, ela é vinculada só a marca, só a... E não é nem alto rendimento viu, Nathan, por que não há um investimento pra que o...o...o jogador, pra que o atleta, tenha, né, garanta que ele tenha... A não ser no futebol, né, então futebol tem um alto investimento. Por quê? Porque o jogador, ele é, assim, como o Zé foi, ele é só um produto. Saca?! Não é porque eu quero que o cara desponte, que ele desenvolva toda a

capacidade dele. Não. É que eu preciso manter esse produto. É a mesma lógica escravocrata 09, né, gente.

Nathan: É isso.

Raifah: É a mesma lógica. Só falta chegar no jogador e olhar os dentes, olhar...né?! É a mesma lógica. Então eu acho que a relação é uma relação de desconstrução. E aí entra um pouco naquilo que eu falei na primeira questão, né?! É resgatar talvez... Nossos pais têm essa coisa um pouco saudosista, né, porque antigamente o jogador não ganhava quase nada, mas jogava por amor.

Nathan: É. É.

Raifah: O que não deveria ser também, né?! Eu acho que deveria...é...sim, ganhar, ser bem remunerado. Não precisa ser o que é hoje, né?!

Nathan: Sim.

Raifah: Porque, assim, não é o jogador que ganha, né?! Tem toda uma empresa por trás. Se fosse o jogador mesmo, mano, porra, de boa, mas nem é, a gente sabe que não é. Então eu acho que o que tem...é...de muito interessante também... Eu acho que não tem relação né?! Eu acho que a gente pode até procurar “ah, mas é uma paixão nacional”. Então ela é uma paixão nacional porque a gente, inclusive, nem tem acesso a outras possibilidades de esporte né?! Então a gente fez um levantamento esses tempos atrás, eu e uma das meninas aqui do Observatório, e a gente ‘tava fazendo um...um...uma cartografia do território, né, pra pôr na revista. E aí a gente começou a mapear. A gente viu que não tem nenhum espaço de esporte. “Ah, mas no CEU tem”. Tá, mas o CEU é um Centro Integrado tátátá, ‘tô falando espaço, tem uma pista de atletismo aqui em algum lugar, que você possa praticar, tem algum lugar que você possa... praticar...é...determinado esporte, sei lá, me interessei por Badminton, que que eu vou fazer, onde...você não vai nem se interessar se você nunca viu. Como que você vai se interessar por alguma coisa que você nunca vivenciou, nunca viu. Então...é... Percebe, assim, eu acho que...é...talvez a relação mais interessante que a gente pode ter, né, com o futebol (*não entendi*) que tá colocado aí, é a gente olhar pra isso de maneira crítica. E falar “não, não é que você não pode gostar. Eu também adoro, pô” 10. Agora isso...assim, eu me desliguei, mas eu lembro que eu ficava na adolescência, mano, o Corinthians jogar e perder era chorar, era bater na parede, era porque, era um bagulho, ah, né?! Mas... E essa coisa também, né, pô, eu saía, às vezes, eu falo da questão da minha trajetória na primeira pergunta, né?!

Nathan: Sim.

Raifah: Eu saía... Eu morava na divisa de Mauá com Ribeirão. E aí, cara, eu chegava da escola, eu ia a pé, né, até um...um lugar lá que tinha um campo que eu treinava, né?! Eu treinava lá no Florisbela, que era um pouco perto de casa. E tem um outro que eu andava, eu acho que coisa de uns 4 ou 5km, assim. E andando, treinava, voltava andando e porque era isso, porque não era...Que nem eu já te falei, o campo... Quadra até que eu era mais ou menos assim, mas, campo, velho, eu era um peru doido. Mas eu ia por conta que era lugar de sociabilização e tudo mais. Então... Só que tinha uns meninos que eu via que tinha uma questão de frustração, né, que ele queria por conta dessa coisa de alto rendimento. Então tinha um amigo, o Fábio, por exemplo, ele começou a fazer teste em tudo que era time na época. Todo mundo ia fazer teste na Portuguesa... Ia fazer... Era teste, teste, teste, teste, teste. Os moleques não tinham nem chuteira, velho, mas ia fazer teste não sei aonde. A família ia levar e dava um jeito, e pegava, e na época não tinha Uber, né?! Então a família dava um jeito de levar. Pedia o carro do vizinho, o vizinho levava, pagava... Sabe?! Era essa parada.

Nathan: Sim.

Raifah: Então o futebol de alto rendimento, o futebol convencional, né, os meios de comunicação esportiva, então, 'tão muito vinculados a venda de um produto 11, né?!

Nathan: Sim.

Raifah: Futebol é só... 'Tô falando mais do mesmo. Eu acho que é a discussão que todo mundo acaba fazendo. Futebol é hoje é um produto, né?! Infelizmente, nem...tem só um produto, nem tem outras possibilidades enquanto esporte, né?! Eu acho que você pode até falar melhor do que eu, assim, né, nessa questão desse mundo dos esportes e tal, que eu acho que a gente precisa começar a fazer a discussão aqui, inclusive. Porque é inadmissível um lugar com quase 300 mil habitantes quase, você não ter, por exemplo, sei lá, um espaço que você possa treinar atletismo. Você não ter, sei lá, quadras de vôlei. Você não ter... Então...é... Tudo que a gente poderia ser enquanto potência, a gente é... O futebol que tá acontecendo agora vinculado a um espaço, que é um espaço muito foda aqui no território, que é o centro comunitário 12.

Nathan: Ah, legal!

Raifah: Mas é olhando um pouco pra metodologia do *Fútbol Callejero*. Essa questão das formações. De como foi todo o processo.

Nathan: Cara, a última questão é se você gostaria de comentar algo sobre alguma coisa que não foi perguntado e você acha importante falar, deixar registrado, que você queira acrescentar a entrevista

Raifah. Pô, Nathan, eu acho que foi... eu acho que eu consegui trazer uma coisa que eu acho que é importante mesmo, nas perguntas que foram sendo feitas, eu fiz os... as aspas aí...

Nathan: *(risadas)*. Os parênteses.

Raifah: Mas... Mas eu acho que grande parte é isso. Mas eu acho que é isso. Eu acho que a gente poderia... Eu acho que essa sua pesquisa vai ajudar nisso, né?! Pra gente olhar de maneira crítica pra essa metodologia e ver...é...quais são as possibilidades que a gente tem, né, de fato com ela. Então... Isso mesmo, de ampliar, por exemplo, essa questão da rede mesmo que poderia ser isso, é algo que a gente nem...nem tem dimensão. Eu acho que algo que a gente não tem que ter controle. Então é isso. Eu acho que essa...essa rede paulista de futebol, né, de rua, ela tinha que ser algo que a gente falasse “porra, tá na mão dos moleques, tá na mão da galera”, assim. Sabe?! Não tinha que estar na mão do CEDECA, não tinha que tá mão de Ação, não tinha que tá na mão de TDH. Tem que ser algo que tem que estar na mão da molecada. Só que esses processos, cara, eles são muito...é...eu acho que nós, entidades, acho que temos que o tempo todo se cobrar em relação a esse... a romper com questões paternalistas, né?! A Ação tem isso. O CEDECA tem isso há muito tempo, mas eu acho que isso é um exercício que tem que ser... Porque todos nós que fazemos parte ali, as entidades que faziam parte da rede, fica um pouco isso, né?! Porque grande parte das entidades, se a gente pegar, é uma questão histórica mesmo, surge muito dentro desse contexto, né?! De garantir, de cobrar o estado, mas também garantir as questões que o estado não garantiu. Então a gente não pode cair nessa cilada. A gente não tá pra garantir nada. Quem tem que garantir é o estado. Né?! Quem tem que pensar a questão da participação é a própria população, são os meninos. Então o que a gente tem que pensar são processos e formações que culminem em um...uma autogestão... Em uma autogestão, em uma auto...éé... E que até essas formações fossem eles e elas que propusessem, que tivessem a frente, né?! Que como isso começou a acontecer... Isso foi muito interessante, né?! Da galera começar a dar formação **13**.

Nathan: Isso. Isso.

Raifah: Da galera começar a ir pra outros espaços, né?!

Nathan: Exato.

Raifah: Mas eu acho que sempre tem que achar que é pouco, assim. Acho que tem que ser uma visão, mas sempre com esse olhar muito emancipatório. Eu acho que isso tem que ser um norte assim 14.

Nathan: Da hora, mano. Muito obrigado.

**ANEXO 1 – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres
Humanos**

	UFSCAR – UNIVERSIDADE FEDERADA DE SÃO CARLOS	
---	---	---

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SISTEMATIZAÇÃO DA FORMAÇÃO DE MEDIADORES(AS)
DO FÚTBOL CALLEJERO: PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES

Pesquisador: NATHAN RAPHAEL VAROTTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 39912220.0.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.438.857

Situação do Parecer:
Aprovado

Data da aprovação: 04 de dezembro de 2020.